Teodolito astronômico (acervo MAST). Foto: Jaime Acioli, 2010.

O Patrimônio de C&T e as Escolas de Ensino Médio

POR QUE UM COLÉGIO DE ENSINO SECUNDÁRIO PAULISTA, CATÓLICO, PRIVADO, ADQUIRIU TANTOS OBJETOS CIENTÍFICOS ENTRE 1858 E 1935?

Katya Mitsuko Zuquim Braghini*

Raquel Quirino Piñas

Ricardo Tomasiello Pedro

Resumo

Esta comunicação faz parte dos trabalhos do programa de pesquisa "A história da escola por seus objetos: estudos etnohistóricos da escola brasileira (séc. XIX e XX)" desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Apresenta resultados de pesquisas que historicizam os objetos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, salvaguardada em seu museu escolar. O Arquidiocesano, instituição privada, católica, com nível secundário adquiriu grande quantidade de objetos científicos, por compra feita em catálogos de empresas estrangeiras, entre os anos de 1858 a 1935, preferencialmente Maison Deyrolle, Les fils d'Emilie Deyrolle, Ducretet, Machlet, Rodriguet & Massiot, Max Kohl, Winkel Zeiss, Carl Zeiss, Welch Scientific Company, Hartmann and Brown, WM Welch Scientific Company, entre outras. Neste patrimônio escolar estão disponíveis os seguintes objetos científicos: modelos anatômicos, taxidermizados, máquinas, instrumentos científicos e acessórios diversos etc. Os motivos para tais aquisições foram variados, tendendo, ora para considerações de fundo pedagógico, científico; ora para consolidar a posição do colégio diante da concorrência, fosse ela pública ou privada, já que os objetos científicos passaram a ser vistos como uma das mais importantes representações de modernidade educacional no período apontado. A coleção foi incialmente composta pelo interesse do primeiro professor de

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS). Rua Ministro Godói, 969 - 4 º andar - Bloco A - Sala 4E-19 - Perdizes CEP: 05015-901 - São Paulo – SP. Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. R. Domingos de Morais, 2565 - Vila Mariana, São Paulo - SP, CEP: 04035-00. Katya Braghini Doutora em Educação e historiadora. Coordena o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos da Escola e seus Objetos (NEO). Raquel Quirino Piñas é Mestre em Educação, professora de história e técnica documentalista do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Ricardo Tomasiello Pedro é Mestre em Educação, bibliotecário, coordenador do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano.

ciências da instituição, Frei Germano d'Annecy, capuchinho, proprietário de um único e amplo gabinete, responsável pelo ensino de Astronomia, História Natural, Física e Química. Posteriormente, sob a responsabilidade dos Irmãos Maristas, percebe-se que o aumento das coleções ocorreria simultaneamente à separação dos espaços de ciências por especialidades. O patrimônio científico da escola demarca a história do ensino das ciências na dialética com outros interesses, curriculares, comerciais, de prestígio social, divulgando e fazendo circular diferentes representações sobre a ciência. Pretende-se um debate sobre a posição do ensino de ciências em relação à história da ciência, considerando as tradições curriculares demarcadas na história dos objetos.

Palavras-chave: museu escolar; objetos científicos; comércio de material científico; ensino das ciências; história das ciências.

Abstract

This communication is part of the activities of the research program "The history of the school through its objects: ethnohistorical studies of the Brazilian school (XIX and XX centuries) developed by the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Pontifical Catholic University of São Paulo). It presents results from research that registers the scientific objects of the Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (Archdiocesan Marist College of São Paulo), safeguarded in its school museum. The Archdiocesan Marist College, a secondary private catholic institution, acquired a great deal of scientific objects through foreign company catalogues from 1858 to 1935, preferentially Maison Deyrolle, Les fils d'Emilie Deyrolle, Ducretet, Machlet, Rodriguet&Massiot, Max Kohl, Winkel Zeiss, Carl Zeiss, Welch Scientific Company, Hartmann and Brown, and WM Welch Scientific Company, amongst others. The scientific objects displayed in this schoolcollection are: anatomical models, taxidermy, machines, scientific instruments and various accessories, etc. The reasons for such purchases were varied, either for pedagogical-scientific considerations, or to consolidate the college's position before its competitors, whether public or private, once the scientific objects were seen as one of the most important representations of educational modernity at the time. The collection was initially put together due to the interest of the first science professor of the institution, Friar Germano d'Annecy, a capuchin and owner of a unique and vast cabinet, responsible for the teaching of astronomy, natural history, physics and chemistry. Afterwards, under the responsibility of the Marist brothers, an increase of the collection is perceived, together with the separation of science spaces according to speciality. The scientific heritage of the school marks the history of the teaching of the sciences in dialectic with other interests, be it curriculum, commercial or social prestige, divulging and circulating different scientific representations. The intention is that of a debate on the position of the teaching of science in relation to the history of science, taking into consideration the curriculum traditions marked in the history of the objects.

Keywords: school museum; scientific objects; scientific commerce; teaching of science; history of the sciences.

Introdução

Em 2006, é iniciado no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo um projeto com o objetivo de reforçar a sua memória institucional. Essa ação viria a ser precursora e base das comemorações dos 150 anos de existência do colégio e centenário da administração

dos irmãos Maristas[1] em 2008. Os resultados dessas ações - pesquisa histórica e cronologia inicial, organização prévia da documentação e o acesso ao público - foram alvos de diversas apropriações e usos pela comunidade escolar e resultou na montagem do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

O Memorial, que também agrega um Museu Escolar, passou a responder pelos documentos considerados históricos (livros, revistas, livros de atas, cadernetas de consumo, fotografias, artefatos etc.). Já o Museu Escolar é composto por diversos objetos e instrumentos científicos vinculados ao ensino das ciências (Física, Química, História Natural), levando em conta suas subdivisões disciplinares.

Alguns dos objetos da coleção científica foram concebidos para o uso didático, são conhecidos como científicos de caráter pedagógico para demonstrações operatórias ou contemplativas, ou seja são objetos projetados de modo que a compreensão dos fenômenos, leis ou conceitos necessitem apenas da mera contemplação ou observação. Há também instrumentos de precisão, que foram adaptados para a ação escolarizada. Vemos que a maior parte da coleção científica do Arquidiocesano é constituída de modelos e de instrumentos do tipo pedagógicos, ou seja, aqueles usados com o propósito de se ensinar as ciências por meio da replicação de experiências para a observação dos fenômenos. No presente momento estão sendo contabilizadas e classificadas em um inventário centenas de peças usadas para o ensino de Física e Química, adquiridas entre a segunda metade do século XIX e o início dos anos 1980[2]. Há instrumentos para o ensino de Mecânica, Astronomia, Hidrostática, Pneumática, Calorimetria, Ótica, Eletricidade, Magnetismo, Acústica, grande parte, adquirida antes dos anos 1930[3].

---

[1] Fundada na França pelo padre José Bento Marcelino Champagnat (1789-1840) o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, ou Irmãos Maristas, nome pelo qual são conhecidos é uma congregação católica que desde os primórdios teriam sua missão religiosa associada à Educação sem, no entanto, que isso signifique prescindir do processo de evangelização e difusão dos valores do catolicismo.

[2] Trata-se do projeto *Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (fase 1):* planejamento e organização do inventário dos materiais científicos. Tal projeto está sendo desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores e técnicos do Brasil e do exterior. Dentre eles os professores doutores Reginaldo Meloni (Unifesp); Maria Cristina Ferreira (UERJ); Marcus Granato (MAST/Unirio); Marta Catarino Lourenço (Museu de Ciências da Universidade de Lisboa). O projeto é financiado pelo CNPq.

[3] Observando as peças que estão em exposição, percebe-se o registro de outras casas estrangeiras: Ducretet, Machlet, Rodriguet & Massiot, Max Kohl, Winkel Zeiss, Carl Zeiss, Welch Scientific Company, Hartmann and Brown, WM Welch Scientific Company, entre outros. Há também empresas brasileiras, tais como: Otto Bender, Franz Sturn Cia Ltda, Techné São Paulo, Meister Irmãos etc. A coleção para o ensino de História Natural contém modelos anatômicos, animais taxidermizados, modelos, coleções de mineralogia, exemplares arqueológicos etc. A coleção do colégio possui um grande lote de peças compradas da casa *Les fils d'Emile Deyrolle*, tanto de Física, Química e História Natural, o que significa dizer que um montante foi adquirido entre 1896 a 1932, anos em que o estabelecimento usou essa designação. A maior parte dos instrumentos está em excelente estado de conservação. Soma-se a este número, mais 142 peças

Ao observar uma coleção de tamanha magnitude vem à mente uma série de considerações: patrimoniais, metodológicas, sobre a ampliação de nossa percepção para o estudo de documentos históricos para a pesquisa histórica, em relação aos vínculos entre história das ciências e história do ensino das ciências. Para este trabalho, no entanto, e considerando a expressiva aquisição de instrumentos científicos observada na passagem do século XIX para o XX, ficam as perguntas: por que este colégio adquiriu tantos instrumentos neste período? O que a propriedade desses objetos nos conta sobre a história da instituição e sobre as práticas pedagógicas para o ensino de ciências? Quais interesses e representações sobre a Ciência pautaram a aquisição de tais objetos?

O artigo pretende apresentar, a partir de uma panorâmica cronológica e patrimonial, a posição de um colégio católico diante da necessidade de obtenção de instrumentos que legitimaram a sua posição frente às tensões postas pela modernidade pedagógica a partir do ensino daquilo que se compreendia por Ciência; pois esses artefatos foram apresentados como materiais didáticos que, por sua importância, davam à escola um crivo de qualidade, exatamente porque disseminavam uma ideia de Ciência e um saber sobre as ciências: conhecimento que só seria possível por meio da utilização de coisas, por sua manipulação, pela noção de seu funcionamento.

O texto está dividido em partes, apresentando um histórico dos primórdios de seus espaços de ciências; a evolução e divisão desses ambientes; a aquisição dos materiais em relação às necessidades educacionais vigentes; a ideia de ciência que circulava no colégio enquanto tais itens eram adquiridos e uma amostragem feita por categorias do patrimônio em questão.

Para este trabalho foram estudados o acervo e a coleção do próprio Memorial e Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano, tais como a revista *Echos do Collegio Archidiocesano*, publicação anual da instituição entre 1908 e 1963; documentos e fotografias dos espaços científicos referentes aos processos de equiparação da escola ao Colégio Pedro II; catálogos de empresas de produtos científicos à disposição no arquivo. Também foram analisados materiais encontrados em arquivos públicos da cidade de São Paulo e outros locais, tais como: o Centro de Referência em Educação Mário Covas; o Arquivo do Estado de São Paulo; o arquivo do antigo Ginásio do Estado, hoje Escola Estadual São Paulo; o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

---

provenientes da coleção de instrumentos científicos do Colégio Marista de Santos que foi desativado em 2009.

O Museu Escolar do Arquidiocesano, à época de sua criação, foi pensado para fins didáticos, organizado por motivos variados e associados aos seguintes eventos: a história de uma instituição católica na cidade de São Paulo em meio às discussões sobre o estabelecimento de um ensino laico e republicano na passagem do século XIX para o XX; o apelo à modernização da educação por meio do ensino de ciências que passa a ser compreendido como uma nova expressão da humanidade civilizada e urbana; a circulação de instrumentos científicos, principalmente pedagógicos, apresentados em catálogos de vendas e que nos mostram um verdadeiro mercado de objetos científicos. Este mercado, por um lado, fomenta novos significados sobre a pesquisa científica e, ao mesmo tempo, eleva-os à posição novos símbolos de prestígio para a escola favorecendo a publicidade das instituições que os adquirissem[4].

A história de aquisição de instrumentos científicos, de forma nenhuma, aconteceu de maneira isolada no Colégio Marista. Mas a relação desse colégio com o movimento educacional na capital acabou apresentando-o como uma instituição católica, privada, que se posicionou frente à circulação do ideário de modernidade científica, não necessariamente de maneira retrógada, ainda que concebendo a Ciência, em seus documentos, como uma explicação humana para a existência de Deus.

A grande aquisição de objetos científicos também foi usada como mote para fazer frente à difusão do ensino secundário público e para aplacar a concorrência entre colégios privados. A formação intelectual das elites dentro do catolicismo, que teria como perspectiva remodelar o conceito de povo e modernizar a nação brasileira eram preocupações expressas no conjunto de ideias compreendidas como “escolanovismo católico”, conforme aponta Carvalho. Expressão que designa a ideia de que a escola é uma instituição que subsidia a educação dada pela Família e pela Igreja, a partir da Carta Encíclica *Divini Illius Magistri* que versa sobre a educação cristã da juventude nos anos 1920 (2003, p. 113).

Mesmo que não tenham sido encontradas evidências textuais que relacionem os Irmãos Maristas com os chamados “pioneiros católicos”, percebe-se que a ideia de valorização da Ciência, associada à Fé, ponto fundamental da educação científica divulgada por este colégio, tem vínculo com a divulgação da metodologia do ensino prático, como

[4] Este Museu Escolar, ao longo de sua existência, primeiro como espaço didático, planejado e organizado para as aulas, depois, como ambiente de salvaguarda de artefatos, não deixou de receber acréscimos ao longo de sua história. Fosse por compra de novos objetos, ou por doação feita por professores e ex-alunos, hoje a coleção abriga peças de diversos períodos do século XX. Atualmente, os itens pertencentes às décadas anteriores estão expostos em armários ao lado de peças contemporâneas, resultado da última grande compra de itens de apoio pedagógico ocorrida no ano 2000.

mecanismo eficiente para o fortalecimento do nome da instituição, como escola moderna, dada a grande quantidade de artefatos voltados ao ensino das Ciências encontrado neste espaço. Além disso, tornou evidente que uma educação católica pode ser, ao mesmo tempo, moderna e solidamente tradicional.

Ao longo das décadas de 1910-1920 percebe-se o esforço dos seus administrados em estabelecer a instituição como um símbolo influente de boa educação que, mesmo criticando a ordem estabelecida pelo Estado laico, não se afasta dele, no sentido dado pela própria Encíclica que prega a formação cristã em ambiente católico, mas não nega a correlação do Estado e a Igreja em nome do bem comum. Levava em consideração as prerrogativas legais estabelecidas, como se percebe graças ao valor dado aos dois processos de equiparação[5] pelos quais o colégio passou, primeiro, em 1900 e, depois, no início dos anos 1930, e que foram determinantes para a história dos objetos científicos à disposição em seu patrimônio.

Frei Germano d'Annecy e o primeiro gabinete de Física e Museu Escolar (1858-1908)

Deve-se compreender que a história da expansão de vendas da instrumentação científica acontece paralelamente à divulgação de um novo "espírito científico" ou "humanidades científicas" que circulava como discurso mundializado e permearia a fala dos reformadores educacionais em diversos países. Nessas o desenho ideal do ensino de ciências se dava partindo da ideia de que os alunos seriam "observadores", depois, "experimentadores", e finalmente, teóricos. Essa progressão era vista como uma "continuidade epistemológica" que perpassava a formação discente desde o primário até o secundário (KAHN, 2002, p. 248). Além disso, como produtos, variados objetos científicos foram apresentandos em feiras, congressos pedagógicos, exposições universais como mais um dos artefatos da escola, voltados a formar o "espírito mesmo da ciência". Essa valorização de materiais científicos não ocorria apenas em grandes exposições, mas em revistas ilustradas, periódicos especializados, pelo desenho técnico, modelos, pelos museus, pelas universidades, pelos livros didáticos etc., e adentraram o circuito escolar.

[5] Procedimento legal por meio do qual uma instituição de ensino secundário garantia, dentre outras coisas, o acesso de seus alunos ao ensino superior sem que esses fossem submetidos a quaisquer exames ou provas. Independentemente do período em que foi colocada em prática a equiparação nunca seria concedida em caráter definitivo, por isso seria estruturada toda uma sistemática de fiscalização pelo governo federal que era o responsável jurídico pelo ensino secundário em território nacional. Toda a documentação da primeira equiparação do Colégio Arquidiocesano de São Paulo encontra-se depositada no Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro e a segunda no Memorial da própria instituição.

A entrada das "Lições de Coisas" (*Object Lessons*) como procedimento de ensino para uso das escolas oficiais paulistas exigiria que o Governo constituísse bibliotecas e museus pedagógicos nos locais onde existissem escolas normais (VIDAL, 2007, p. 2), sendo grande a gama de produtos que adentraram nas escolas (SOUZA, 2007, p. 175-176).

O início da montagem do gabinete de Física no Arquidiocesano está ligado à instalação de um colégio dentro do Seminário Episcopal de São Paulo[6]. Esse último foi fundado em 1856, a partir da vontade do Bispo da cidade D. Antônio Joaquim de Melo e por interveniência do papa Pio IX, sendo entregue aos cuidados dos Capuchinhos de Sabóia[7]. Frei Germano d'Annecy, batizado Claude Charles Marion, foi o primeiro responsável pela montagem de um gabinete de ciências na instituição. Nascido na cidade de Annecy chegou a São Paulo em 1858 para ser professor de Física, Matemática, Astronomia, Botânica e Mineralogia, do Seminário e do colégio.

Frei Germano ganhou proeminência no país, por conta de seus estudos astronômicos feitos em um telescópio instalado no terraço do edifício tendo sido o responsável pela construção de um gnômon mural vertical declinante que marcaria a hora oficial da cidade até os anos 1910, além disso também fez diversas experiências em iluminação elétrica ao ar livre em São Paulo, Campinas, Franca e Uberaba (SANTOS, 2003, p. 22-23).

Esse religioso permaneceu como professor de Ciências do Seminário e do Colégio Diocesano, escola secundária anexada, até 1878, quando se deu a retirada, pouco pacífica, dos Capuchinhos da direção da instituição que passou à Diocese[8]. Mesmo afastado do cargo de professor, mas ainda residente na cidade de São Paulo, se dispôs a trabalhar em benefício do seu antigo gabinete de Física. Chegou ele a propor, por carta, "a venda de seus instrumentos de física e química por dois contos de réis, ficando ele na organização de vir montar o gabinete do Seminário"[9].

Frei Germano, que agremiava a função de ministrar aulas de várias disciplinas científicas e seus respectivos subitens, organizou um único espaço de ciências onde os vários

---

[6] O Seminário Episcopal Menor foi transformado em Colégio Diocesano primeiro preparando os jovens secundaristas para os exames parcelados e preparatórios da Academia. Na data de sua fundação, na cidade de São Paulo, com exceção ao Colégio Diocesano e a escola anexa ao Largo de São Francisco o ensino elementar, secundário, era dado por aulas avulsas. O Colégio foi definitivamente desmembrado do Seminário com a entrada dos Irmãos Maristas na instituição.

[7] Congregação católica que tem sua origem na Ordem Franciscana.

[8] Colégio Diocesano foi o primeiro nome da escola em foco no artigo entre os anos 1858 e 1908.

[9] Na reunião de professores de 7 de abril de 1888, o então reitor do Seminário, o Monsenhor de Pindamonhangaba, João Alves Guimarães leu o conteúdo de uma carta de Annecy. Ata de reunião de professores do Seminário Menor. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 03 59.01.003.

objetos estavam expostos ao olhar, guardados em armários envidraçados; outros ficavam à disposição das demonstrações sob uma mesa; máquinas e aparatos eram alocados no ambiente, compondo um único gabinete que agremiava vários objetos científicos diferenciados, guardados, ordenados e classificados. Esses objetos ficavam à mão do professor de modo que pudessem ser apresentados no próprio gabinete ou levados às salas de aula para as atividades. Esse primeiro espaço de ciência do colégio foi montado de forma a atender as necessidades e determinações apresentadas pelo professor, sendo ele a personagem principal do funcionamento do currículo.

O posterior responsável pelo gabinete de física, Padre João Batista Vanesse listou, no requerimento para o pedido de equiparação do colégio ao Ginásio Nacional apresentado em julho de 1900, os instrumentos científicos e outros objetos que foram, mais tarde, recebidos pelos Irmãos Maristas. Nessa listagem foram citados 61 itens, dentre os quais 38 voltados especificamente para o ensino de Física-Química, sendo alguns apresentados na forma de conjuntos, tais como: "Vasos comunicantes"; "Tubo e peças Mariotte"; "Vários manômetros"; "Coleção de vários areômetros Gay-Lussac"; "Sifões tântalo e embarcações"; "Tubos para capilaridade"; “Diapasões”; "Prismas, refletores, lentes, óptica da câmera obscura para as manifestações"; "Capacitores e condutores"; "Garrafas de Leyden"; células Bunsen, Leclanché e Grenet[10].

Os armários do museu escolar continham “bela coleção de mármores”; “grande coleção de pedras”; “importante coleção de conchas”; “coleção regular de aves, quadrúpedes, anfíbios, peixes e cobras embalsamadas e em vidros de álcool”; “riquíssima coleção de moedas antigas” e “completa coleção de moedas novas”[11].

Em 1906, o gabinete de Física e o Museu Escolar possuíam vários frascos de vidro, produtos químicos, bombas de ar, uma bomba de vácuo, máquina de Winchester, máquina Whimshurst, fonte de Heron e modelos anatômicos da Maison Deyrolle[12]. De acordo com a listagem, é possível entender que o Museu Escolar, gabinete de Física e

---

[10] Alguns dos instrumentos listados: 2 dinamômetros; 2 balanças analíticas; 1 bomba hidráulica; 1 balança hidrostática; 1 Ludion; 1 máquina de Morin; 1 aparelho Haldal; 1 aparelho de Masson; 1 aerômetro de Nicholson; 1 aparelho de Regnault; 1 aerômetro Fahrenheit; 1 espectroscópio; 1 microscópio; 2 máquinas pneumáticas "completas com todas as partes"; 1 máquina de Carré; 2 máquinas elétricas de Ramsdon; 1 máquina de Latimer Clark; 1 bobina de Rumkorff; 1 máquina de Gramme "de 6 ampères e 50 volts"; 1 máquina de Plateau; 1 campainha do telefone; 1 microfone; 1 telégrafo; 1 "aparelho para arco voltaico"; “motor elétrico"; "tubo de vácuo"; "Golpe de aríete"; "Anel Gravezande"; "Casella House - barómetros Londres"; "modelo de balão Berthollet"; "fonte intermitente"; "fonte do Heron"; fonógrafo; "uma lanterna mágica"; "Ímãs, agulhas e electroscópios"; "Eletroscópio com condensador de Volta"; voltímetro. Levar em conta que registramos a forma como os objetos científicos estão documentados, não se tratando da indicação dos nomes “oficiais” de tais objetos.

[11] Equiparação 1900 (Arquivo Nacional IE^4 – 134, 3791/311).

[12] Informação sobre o Gabinete Científico, 1906. Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

laboratório de Química se apresentavam como ambientes diferenciados, separado por armários e mesas para demonstração, no entanto, todos os itens estava dispostos em uma única e ampla sala[13]. Os materiais e itens presentes nos espaços dedicados ao ensino das ciências possivelmente eram mantidos e adquiridos de modo que fosse possível atender às necessidades suscitadas pelo currículo do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), cujos componentes deveriam ser obrigatoriamente observados por uma instituição equiparada.

A ampliação do aparato científico e a administração dos Irmãos Maristas (1900 – 1933)

Invocando as disposições constantes no decreto nº 3.491[14], o então diretor do Colégio Diocesano, padre José Pedro de Araújo Marcondes, representado pelo Cônego Dr. João Evangelista Pereira Barros solicitou em 16 de julho de 1900, ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores a equiparação do Colégio Diocesano ao Ginásio Nacional uma vez que, segundo ele, teriam sido atendidas "todas as exigências da lei, como demonstram os documentos juntos"[15].

Dentro dos procedimentos da equiparação havia a realização de uma visita *in loco* por um representante do governo federal intitulado comissário fiscal. Essa verificação seria realizada no Arquidiocesano em 31 de julho de 1900 e três dias depois seguiria ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores um relatório. Nesse documento o comissário Arcediago[16] Francisco de Paula Rodrigues se mostraria elogioso e anexaria às suas impressões um descritivo no qual, dentre outras coisas, registrou "(...) visitei o Collegio Diocesano, cujo diretor e corpo docente pessoalmente conheço, podendo por isso atestar sua idoneidade moral e habilitação technica, aliás bem conhecida pelo publico deste Estado"[17].

A estrutura física e o mobiliário receberiam menções igualmente positivas, pois

> Alem das excellentes condições higiênicas dessa instituição de ensino a qual funciona em edifício construído especialmente para o fim de educar avultado número de alumnos, verifiquei que se acha munido de mobilia

[13] Equiparação 1900 (Arquivo Nacional IE^4 – 134, 3791/311).

[14] Decreto nº 3.491, de 11 de Novembro de 1899 Altera as instrucções dadas pelo decreto n. 3285, de 20 de maio ultimo, para reconhecimento dos institutos de ensino secundario fundados pelos Estados, associações ou particulares".

[15] Equiparação 1900 (Arquivo Nacional IE^4 – 134, 3791/311).

[16] Arcediago é considerado o representante direto do bispo diocesano.

[17] Equiparação 1900 (Arquivo Nacional IE4 – 134, 3791/311).

> escolar em tudo conforme com as prescrições da Pedagogia Moderna, como também de Laboratorios, gabinete e aparelhos necessários para o ensino das Sciencias Physicas e Naturaes (...)[18]

Nesse trecho destaca-se a ideia de que o Colégio estava sintonizado com as mudanças no campo educacional e como escola católica havia a inserção dos saberes científicos na formação de seus alunos. Fez uma relação com 52 instrumentos do gabinete de Física, uma descrição pouco precisa de sete itens do laboratório de Química, e uma indicação geral referente a uma coleção identificada como *Museo.*

Para atender ao pedido do bispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, os Irmãos Maristas[19] assumiriam o colégio em 1908, que naquele momento contava com aproximadamente 196 alunos, todos em regime de internato, e desde 1900 equiparado ao Ginásio Nacional[20]. Para a manutenção da equiparação a legislação exigia que fosse seguido à risca o programa de ensino do Ginásio Nacional que também apresentava conteúdos relacionados à área de Ciências[21], por isso havia a necessidade da manutenção de todo um aparato para o desenvolvimento das aulas.

O interesse da congregação pela aquisição de objetos diversos, para o ensino em suas escolas, já estava marcada historicamente, dentro da pedagogia aplicada pelos Maristas. Trata-se do conteúdo de seu *Guide d'Ècoles*, documento seminal sobre os procedimentos didáticos desses religiosos que atuavam como professores. Publicado em 1853, seria a compilação dos ensinamentos do padre Marcelino Champagnat. O Guia era um tratado teórico de educação, mas tinha as características de manual de ensino, que visava a uma homogeneização metodológica das diversas escolas mantidas por eles. O Guia foi inspirado nas ideias de Rousseau e tem profundas ligações com *Conduite des Ècoles* de João Batista de La Salle[22] (ALVES, 1999).

Um dos princípios educacionais presente nesse documento é o seu apego ao desenvolvimento de sensibilidades por meio de uma educação dos sentidos. A ideia de que a melhor educação acontecia graças ao contato entre a criança diretamente com o objeto ou com representações em forma de gravuras, ao invés do estudo realizado de

---

[18] Equiparação 1900 (Arquivo Nacional IE4 – 134, 3791/311).

[19] Chegaram à cidade, num grupo composto por 16 Irmãos missionários, dentre eles, o Ir. Andrônico, João Alexandre, Afonso Estevão, Amâncio Maria e Esdras Maria.Ir. Adorátor. Em 1899 assumiriam a primeira obra educativa na cidade de São Paulo, o Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

[20] Decreto nº 3730 de 4 de agosto de 1900.

[21] Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890.

[22] M. Alves, 'Missão Educativa Marista', in *Congresso Marista de Educação*. Cidade do México. 1999, 2.

forma abstrata. Em outras palavras, para que houvesse, por exemplo, o entendimento de "metro" era importante ter em mãos um metro dobrável, uma fita métrica, em vez de se aprender por meio da noção indireta (FRÈRE MARISTES, 1932, p. 37).

Sobre a Lição de Coisas (*Object Lessons*) há um capítulo especial no documento sobre o desenvolvimento das faculdades sensitivas no ensino de Ciências. Estimulavam a montagem de um museu escolar, com objetos para que o professor tivesse em mãos, artefatos e imagens, para a ação didática. Com os alunos empregavam o método intuitivo, cuja substância pedagógica dependia diretamente de coisas para que, de forma experimental, houvesse a apreensão de "noções ordinárias de ciências" e o "conhecimento rudimentar das ciências físicas e naturais" (FRÈRE MARISTES, 1932, p. 37).

Em 1911, para a infelicidade dos diretores, a equiparação foi cassada o que gerou descontentamento nos responsáveis pelo colégio. O motivo para revogação desse privilégio foi a Reforma Rivadávia Corrêa que, em seu Art. 6º concedia autonomia didática às instituições de ensino, retirando do Colégio D. Pedro II o caráter propedêutico ao ensino superior[23]. Parte da tristeza tinha a ver com o infortúnio dos formandos que perderam um direito, o de ser bacharel e ter entrada livre para o ensino superior. Perdeu-se um timbre socialmente distintivo, e a escola lamentou tal situação durante um tempo, pois entre 1911 a 1922, a *Echos*[24] indicaria em suas capas: "antes das reformas, equiparado ao Ginásio Nacional" ou "antigamente equiparado ao Ginásio Nacional". Essa informação é pertinente, pois a reconquista da equiparação do colégio ao Pedro II, acontecida ao longo dos anos 1920-1930, encontra-se relacionada à compra de mais instrumentos e a valorização dos espaços de ciências de acordo com a documentação emitida pela própria inspetoria federal.

Mesmo propondo certo significado para o entendimento de Ciência, que será discutido adiante, foi constituído o ensino de ciências com toda a sorte de aparelhos e máquinas pela escola. Obedecendo as determinações legais, e coerente com a pedagogia da época, a escola estava equipada com recursos materiais e estruturais destinados à

[23] Decreto nº 8659 de 11 de abril de 1911 – Aprova a lei orgânica do ensino superior e fundamental na República.

[24] A Revista Echos do Colégio Archidiocesano, capas, 1912 – 1922, números 3 ao 14. A revista *Echos do Collégio Archidiocesano* de São Paulo foi publicada anualmente entre os anos de 1908 e 1963. A longa trajetória da revista fez com se destacasse dentre os impressos institucionais que compõem o acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, tanto por sua longa duração, como pelo seu conteúdo. A publicação oferece uma rica descrição dos principais fatos do ano letivo, e eram endereçadas especialmente as famílias dos alunos matriculados em regimento de internato. Os exemplares também circulavam entre alunos, antigos alunos, autoridades políticas e religiosas como forma de promover a instituição no cenário educacional paulista como exemplo de excelência intelectual no ensino.

aprendizagem dos fenômenos naturais. A *Echos* é pontual ao apresentar informações sobre a aquisição e os usos dos objetos científicos, o que possibilita a identificação e a datação de alguns dos artefatos das coleções e espaços científicos. Esse periódico, por exemplo, noticia a chegada de instrumentos e aparelhos para o gabinete de Física, vindos da Europa em 1920, e também atividades escolares nas quais os professores fizeram uso do aparato científico para o desenvolvimento de atividades didáticas (ECHOS, 1920, p.42).

A compra dos objetos é apresentada como essencial para um ensino adequado das ciências. Em 1920 deu-se destaque à incorporação de espectroscópio à coleção, esse instrumento é utilizado para observar espectros graças à dispersão de um feixe luminoso por um prisma, observando as propriedades específicas de espectros dos variados elementos químicos. O objeto é empregado nos estudos de óptica na disciplina Física. Ainda que haja conteúdo de ciências em torno de tal instrumento fica a pergunta, será que havia mesmo a necessidade de se adquirir tal aparelho para as aulas? Ou se a compra desse instrumento tinha mais o interesse de fortalecer a ideia de que o colégio se preocupava com o ensino das ciências apresentando um instrumento significativo ao seu público?

Nessa mesma edição é mencionado o uso dos materiais existentes no museu escolar e gabinetes, no caso uma experiência com um grafômetro, nos arredores de São Paulo (ECHOS, 1920, p.42). O instrumento é utilizado para medir ângulos em terrenos, destinado ao estudo de topografia. A aula em questão foi realizada pelo Irmão Mário Amâncio, professor de filosofia e química, responsável pela biblioteca e Museu Escolar do colégio.

Sempre que possível, o periódico noticiava a utilidade de seus acervos enaltecendo as suas funções didáticas. “Bem cuidado e valioso herbário decora o museu de história natural e o rico laboratório de física, orçado em 80 contos põe em precioso destaque o cuidado que merece daqueles pedagogos o estudo das ciências positivas” (ECHOS,1926, p.14).

No caso do Arquidiocesano, a coleção de objetos científicos foi sendo ampliada paulatinamente entre os primeiros anos do século XX até a década de 1940. Tal aumento gradativo acompanhou as alterações das estruturas das disciplinas científicas, seus conteúdos e focos privilegiados, e mesmo a constituição de novas disciplinas voltadas ao ensino das ciências. Pelo regulamento nº 2857 de 30 de março de 1898 do Colégio Pedro II percebe-se que o curso de *Physica* e *Chimica* compunham a 5ª cadeira, no quinto ano, a 6ª cadeira no sexto ano, e a 6ª cadeira do sétimo ano, mas eram dadas por lições,

separadamente. História Natural e as suas ramificações – Botânica, Zoologia, Geologia, Mineralogia – também acompanham esse currículo em que era necessária a aquisição de instrumentos científicos. Neste mesmo ano, percebe-se a existência do subitem de Biologia no curso de História Natural que desaparece do currículo em 1912 e retorna na Portaria Ministerial nº 244 de 25/03/1946, conforme (VECHIA e LORENZ, 1998, pp. 162-185 e p. 386).

Entre 1925 e 1930 o colégio recebeu juntas examinadoras e também há registro da circulação de autoridades e inspetores federais. O decreto nº 16.782 de 13 de janeiro de 1925, Reforma Rocha Vaz, permitia a realização de exames oficiais dentro do próprio Colégio, por isso eram montadas juntas examinadoras sendo estas compostas por "três membros de reconhecida competência didática nas matérias que tiverem de examinar". Para conseguir autorização para a organização das juntas era observado o artigo 270 que fixava como exigências "ser a concessão proposta pelo diretor geral do Departamento Nacional do Ensino e deferida pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, provar que o estabelecimento dispõe de corpo docente idôneo e observar nos seus cursos programa igual ao do Colégio Pedro II, depositar a quantia necessária para a remuneração dos membros das juntas examinadores e do respectivo fiscal, observar as prescrições constantes do regimento interno do Departamento Nacional do Ensino".

Em 15 de junho de 1931 a instituição solicitaria ao Ministro da Educação e Saúde (MESP) que fosse realizada a fiscalização preliminar iniciando com isso um movimento em prol da conquista da segunda equiparação ao Colégio Pedro II. Esse requerimento, bem como todos os primeiros documentos da equiparação dos anos 1930, seria elaborado levando-se em consideração as instalações do prédio da Luz, no entanto, os Maristas já anteciparam para as autoridades federais informações sobre o andamento da construção do novo e majestoso edifício escolar, iniciada em 1929. O edifício seria totalmente organizado a partir dos ditames legais, mas também levaria em consideração a experiência dos Maristas em relação às necessidades das práticas de ensino, por isso o novo prédio contaria com refeitório, sala de canto, cabines para o estudo de piano e violino, sala de desenho, de geografia, laboratórios de ciências com anfiteatro etc. (SEDREZ, 1998, p. 234-235).

Minhoto (2007) e Dallabrida (2009) indicam que, naquele mesmo momento, a estrutura curricular prescrita pela Reforma Francisco Campos[25] privilegiava os conhecimentos

[25] Reforma realizada por Francisco Campos quando foi responsável pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, ela foi executada a partir da publicação de uma série decretos por meio dos quais o governo federal

científicos e que a opção pelas Ciências Físicas e Naturais dialogava com a necessidade de um rompimento radical com a tradição humanista que durante tanto tempo havia marcado o ensino secundário brasileiro, e simultaneamente existia a preocupação em preparar indivíduos que conseguissem lidar com as "novas necessidades do mundo que se modernizava rapidamente" (MINHOTO, 2007, p.141).

Graças à construção e a mudança para o prédio da Vila Mariana nos anos 1930, modelado pelas normas federais de planificação escolar, a instituição pode idealizar novos espaços para as aulas de ciência e, consequentemente, ampliar os ambientes possíveis para a guarda de uma quantidade maior de novos objetos (BOCCHI, 2013). Na legislação vigente desse período foram constituídos espaços chamados de salas especiais: o auditório, ou salão, a biblioteca, o ginásio, a sala de geografia, as salas de ciências físicas e naturais, a sala de desenho, a sala dos professores e da administração.

Em 1933 o Arquidiocesano encaminharia ao MESP seu primeiro *elucidário*[26] e nele havia uma listagem dos itens disponíveis para uso na sala de Física da instituição[27]. Nessa relação foram apresentados mais de 200 aparelhos, instrumentos e materiais diversos (pergaminho, pele de gato, etc), sendo que tal "inventário" trazia o nome dos objetos organizados por sua área de especialidade, no entanto, não havia ali maiores informações sobre dimensões, fabricantes, procedência, usos, etc[28]. Seguiria juntamente com esse material uma declaração da instituição que garantiria ao governo federal que a instituição possuía toda a estrutura para um "ensino completo e prático das sciencias physicas, chimicas e naturaes, como é fácil verificar pelo inventario dos gabinetes de sciencias"[29].

De um modo geral os *elucidários* apresentam uma quantidade expressiva de fotos. A intenção era comprovar a existência dos materiais, bem como o formato e as dimensões dos espaços. Na *Fotografia 1* verifica-se que os objetos científicos seriam

---

realizou alterações significativas nas esferas de ensino sobre sua competência (ensino secundário, cursos superiores e ensino profissionalizante).

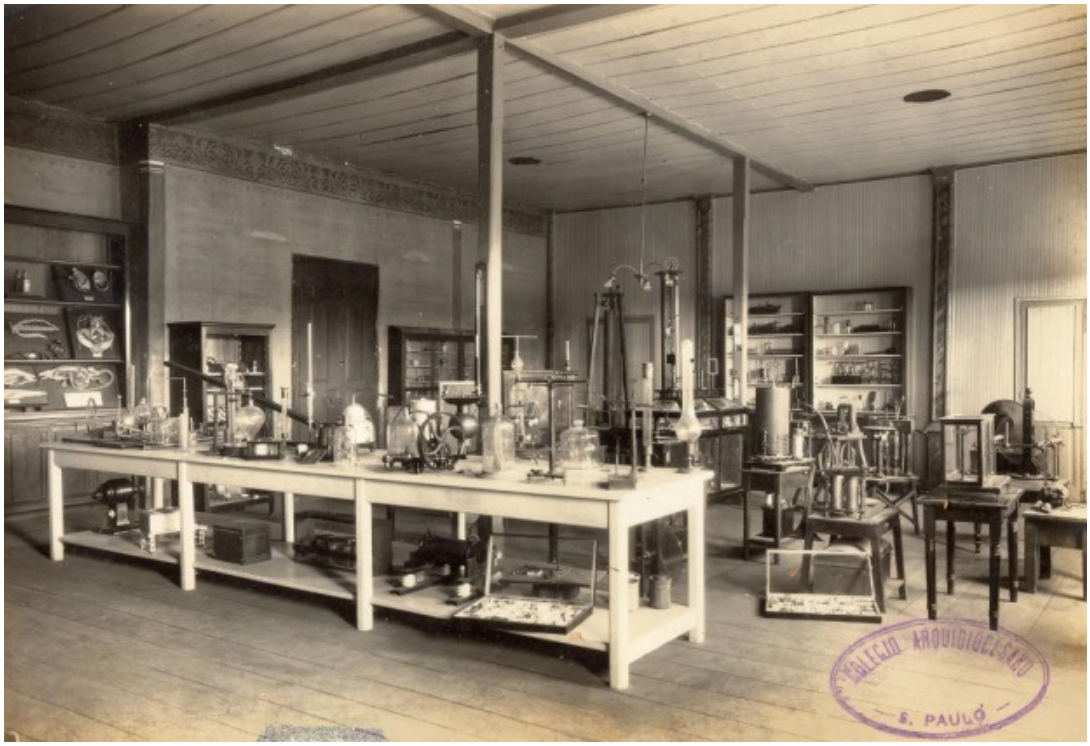
[26] Os elucidários eram uma espécie de dossiê que pretendia mapear com riqueza de detalhes os aspectos estruturais e organizacionais de uma instituição equiparada ou em processo de equiparação. Todos os elementos que o compunham foram definidos em uma portaria publicada em 1932, por meio da qual se solicitava o encaminhamento de uma expressiva quantidade de documentos, dentre os quais: fotografias, plantas, gráficos, regulamentos, registro dos professores e suas disciplinas, relações dos recursos didáticos, etc.

[27] Na listagem encontramos indicadas as seguintes áreas: Mecânica, Força centrífuga, Atuação da Gravidade, Instrumentos de medição, Hidrostática, densidades, Pneumática, Calor, Densidade dos Gazes e Vapores, Higrometria, Calorimetria, Acustica, Otica, Eletricidade, Magnetismo, Eletricidade dinâmica e Medidas de resistências,

[28] Processo de Equiparação, 1933, v.1, p.66-74.

[29] Processo de Equiparação, 1940, v.2, p.3.

cuidadosamente expostos em mesas e armários. Na imagem percebe-se que houve a intenção de exibir aparelhos com maiores dimensões e no canto esquerdo é possível ver também objetos pertencentes à coleção de História Natural. Possivelmente esta seja a "sala de ciências" mencionada no relatório, contabilizando outras 45 peças, dentre elas: balanças, manômetros, termômetros, barômetros, radiômetros, espelhos, voltímetro, amperímetro etc. e; materiais para os estudos microscópios, tais como lupas, microscópio simples, microscópios de "forte aumento, com várias oculares e objetivas", "materiais corantes", "várias centenas de lâminas para estudos práticos de acordo com o Programa expedido pelo Departamento Nacional do Ensino" [30].



Fotografia 1 - Partes das coleções de Física, Química e História Natural (Sede da Avenida Tiradentes – Bairro da Luz). Fonte: Processo de Equiparação, 1933 (Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo).

Ao analisarmos as fotografias 2 e 3 é possível verificar que esses recursos se encontravam em armários instalados dentro de uma sala de aula juntamente com alguns animais taxidermizados e exemplares de botânica, ou seja, ali ainda não havia uma especialização dos espaços científicos, conforme passa a ser solicitado pelo MESP.

[30] Relatório enviado para o Departamento Nacional do Ensino para a revisão da "ficha de classificação" para obter a "equiparação permanente", vol. 1, 1933, p.77. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Fotografia 2 - Partes das coleções de Física e História Natural, Sede da Avenida Tiradentes – Bairro da Luz. Fonte: Processo de Equiparação, 1933. (Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo)

Fotografia 3 - Parcelas de objetos das coleções de Física e História Natural
Sede da Avenida Tiradentes – Bairro da Luz. Fonte: Processo de Equiparação, 1933
(Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo)

No elucidário enviado ao Departamento Nacional do Ensino, por meio qual se solicitava a equiparação, foram apresentados os seguintes números relacionados aos materiais didáticos para o ensino de Ciências. Para as aulas de Física: Mecânica (10), força centrífuga (3), atuação da gravidade (16), instrumentos de medição (8), hidrostática (14), densidade (12), pneumática (35), calor (11), densidade de gases e vapores (7), higrometria (4), calorímetria (6), acústica (14), ótica (61), eletricidade (30), eletricidade dinâmica (25), magnetismo (8), medidas de resistência (45), totalizando 309 peças. Para as aulas no laboratório de Química, descontados os elementos químicos foram contabilizados 144 aparelhos e mais 100 tubos de ensaio. Para aulas no gabinete de História Natural: Antropologia (32), quadros parietais variados (174), além de duas coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Botânica: 86 e mais um quadro herbário envidraçado com 90 espécies brasileiras colhidas na "floresta do colégio", Mineralogia: 66 e uma relação de exemplares, com 55 itens, classificados e oferecidos pelo Ministério da Agricultura[31].

Mesmo que originalmente os objetos sejam apontados como itens interessantes para uma educação intuitiva, cerne das Lições de Coisas, disciplina abraçada pelos Maristas em seu Guia de Escolas (*Guide des Écoles*), deve-se considerar que, como escola católica, a entrada da Ciência no currículo foi sempre um ponto de discussão. No Arquidiocesano, o debate sobre a posição da Ciência mediante o lugar da Fé, o tema "Ciência e Fé", acompanhou o desenvolvimento dos laboratórios, o crescimento quantitativo de alunos, fez parte da realidade dessa comunidade escolar, nas décadas de 1910-1920.

Esse assunto foi pauta de discursos em solenidades de formatura e esteve presente na documentação produzida pelo colégio. O discurso do Comendador Sebastião Leme (1910) pronunciado com o título "Deus, Pátria, Ciência" e, depois, no mesmo ano, o discurso "Ciência sem Religião é disparate" do Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva; no ano seguinte, nas palavras "Ciência e Ética", do paraninfo Dr. Papaterra Limongi etc. são exemplos dessa preocupação (ECHOS, 1910, p.38-39). Ainda que os responsáveis pelo colégio dessem importância ao ensino de Ciências, fixavam-se na ideia de que a fé não era uma oposição à Ciência, "ao contrário, esta encontra naquela as suas mais firmes proposições e as suas bases mais sólidas" (ECHOS, 1912, p. 35).

[31] Relatório enviado ao Departamento Nacional do Ensino para a revisão da "ficha de classificação" para obter a "equiparação permanente", v. 1, 1933, p.66-74.

Em contrapartida, havia o registro entusiasmado dos alunos para com os conhecimentos científicos, mesmo que em discursos fosse promulgada a ideia de que a "verdade" sobre os fenômenos da natureza, só estaria nas mãos de Deus, e que a Ciência era só mais canal de religação dado por Ele aos homens. A gravidade de Newton, a hidrostática de Pascal, o princípio de Archimedes, o coeficiente de dilatação dos corpos, com Lavoisier e Laplace, Symmer e Franklin na eletricidade estática, Galvani e Volta, na dinâmica, acústica com Lavange, ótica com Grange; Dalton, Proust, Berzelius, Berthollet, foram os temas discutidos em sala e anunciados com ânimo na coleção de grau de 1911 (ECHOS, 1911, p. 41-42).

Percebe-se que ao longo das décadas de 1910 e 1920, há a permanência da associação direta entre Ciência e Religião na fala dos jovens, repercutindo o discurso oficial da escola e reprodução da vontade dos pais. O aluno João Lima de Figueiredo critica os que acusam a fé cristã como entrave do progresso cientifico, afirmando que o pensamento de Pascal, Lebinitz, Newton, Copérnico Kepler e Euler, estão formulados dentro de uma lógica cristã (ECHOS, 1913, p. 64). A exposição se encerra com a afirmação que a ciência e a religião deveriam cooperar como forças para a glorificação de Deus (ECHOS, 1913, p.64). Tinha-se como "mérito" do Colégio Arquidiocesano alcançar esse "equilíbrio" segundo o bacharel Alberto Soares Arantes: "Vede senhores nesta casa a ciência e a religião são enlaçadas" (ECHOS, 1915, p. 43). Ivo Ferreira da Silva, orador dos formandos de 1928, credita ao estudo das ciências a elevação do espírito a Deus, não sendo concebível que esta exclua os princípios sagrados, e completa: "Insensatos estes pseudo-sabios que renegam a fé dos seus pais! Sua ciência é nula, problemático o seu saber. Toda ciência, toda sabedoria deriva de Deus e para ele nos conduz" (ECHOS, 1928, p. 53).

Estando Deus e Ciência unidos, vê-se que o currículo de ciências foi se estabelecendo como regra do colégio. Os exames de admissão realizados em 1929 demonstraram os conteúdos de relacionados às Ciências Físicas e Naturais que eram estudados no estabelecimento: o entendimento das funções e uso de objetos científicos, dentre eles instrumentos de precisão, máquinas diversas, aparatos variados; ideia de gravidade e queda livre dos corpos, estados físicos dos corpos, ideia de forças, equilíbrio, trabalho, força viva, máquinas simples, inércia; balanças, vasos comunicantes, flutuação; atmosfera, pressão atmosférica, barômetros, bombas e aeróstatos; som, sua propagação, ondas, eco; luz e sua propagação, corpos transparentes, opacos e translúcidos, sombras, fotografias, espelhos e prismas; calor e sua propagação, mudança de estado dos corpos, dilatação dos corpos, termômetros; magnetismo, imãs, bússola;

corpos bons e maus condutores; centelha, para-raios, corrente elétrica, luz elétrica; corpos simples e compostos, mistura e combinação; combustão, carbono e sua presença nos componentes orgânicos; água, sua composição, filtração, destilação; ar, elementos de que consta; carbono, anidrido carbônico, óxido de carbono; metais, ferro, ouro, principais jazidas no Brasil; espécie humana, partes em que se divide o corpo humano; esqueleto, principais ossos e sistemas musculares; aparelhos da vida de nutrição; órgãos do sentido, sistema nervoso; vertebrados, como se dividem os principais tipos[32].

Na portaria de 15 de abril de 1932, a mesma que definiria os critérios de avaliação e a ficha de classificação da equiparação à luz da Reforma Francisco Campos, verifica-se que o caráter experimental para o ensino das ciências no ensino secundário defendido pelo governo federal era também considerado "ponto" para os exames, ou seja, era entendido como conteúdo a ser cobrado nos exames e provas aos quais eram constantemente submetidos os secundaristas. Como pontos e, por isso, matéria do currículo, vemos que o colégio se incumbiria dos conhecimentos que remetem aos usos de objetos científicos. Para as Ciências físicas e naturais: resolução de problemas práticos; descrição sumária de uma experiência ou demonstração. No caso da Física: Dissertações sobre temas gerais; resolução de problemas; descrições de demonstrações ou experiências. Já para a História Natural: Dissertação sobre temas gerais; descrição e caracterização de uma espécie natural (zoológica, botânica, mineralógica ou geológica) (SENA, 1939, p.105).

Em 1930 é noticiada a chegada de novos objetos destinados aos gabinetes de Física e História Natural. Para o ensino de física foram adquiridas a Luneta Astronômica, Goniômetro de Wollaston, Pantoscópio e Catetômetro. A coleção de História Natural seria aumentada em 68 quadros para o estudo de Zoologia, Botânica, Mineralogia e paleontologia (ECHOS, 1930, p.36). O investimento surtiu efeito positivo, pois a mesma edição comenta a visita dos Srs. Almerindo Mayer Gonçalves e Carlos Braga, encarregados pelo Departamento Nacional de Ensino de inspecionar os gabinetes de Física, Química e História Natural em escolas. A publicação relata a ótima impressão dos visitantes sobre a estrutura e recursos materiais disponíveis no colégio (ECHOS, 1930, p. 80).

Depois, em 1932, o inspetor federal registrou a sua "admirável impressão" após a inspeção do colégio, apontando que o seu diretor tinha se conformado a todas as

[32] O livro didático sugerido para a prova de admissão ano colégio é o Noções de Ciências Físicas e Naturas da Editora FTD que é de propriedade dos próprios Irmãos Maristas.

diretivas e regulamentos expedidos pelo MESP. A mudança do Colégio para a "nova" sede da Vila Mariana em 1935 permitiria que a instituição pudesse se adequar aos padrões defendidos pelo governo federal, se em 1932 ela seria avaliada como "boa" atingiria em 1940, conforme apresentado pela ficha de classificação[33] daquele ano, o status de "excelente", algo realmente significativo dentro de um secundário regido pelo estatuto da equiparação e tal enquadramento indicaria que a instituição possuía condições estruturais realmente excepcionais.

Nas palavras do inspetor, isso significa ver os espaços voltados às ciências naturais organizados separadamente. Segundo o apontamento, todos os trabalhos experimentais das ciências físicas e naturais tinham à disposição "armada uma mesa com todos os pertences: água corrente, torneiras, pias, gás, tomadas de corrente e gerador de corrente contínua". O laboratório de Química, afastado das salas de aula, foi montado "com esmero (...) para que os alunos pudessem estudar praticamente e com o máximo proveito a Química". No laboratório havia mesas e três pias equipadas com torneiras com água corrente, corrente elétrica, tomadas de gás[34].

No *Livro de Occorrencias Diarias,* de 1935, percebem-se claramente as novas aquisições de materiais: "A installacção nova do Collegio no amplo e sumptoso edifício actual trouxe como consequência a ampliação de todo o material nas vastas salas de Physica, Chimica, História Natural e outras, o que vem sendo feito de maneira a, em breve, ser um dos melhores estabelecimentos congêneres"[35].

Conforme citado anteriormente a delimitação dos espaços científicos na sede da avenida Tiradentes (Bairro da Luz) mostrava a possível existência de uma sala de ciências com objetos guardados e dispostos para fins de exibição. Também, percebeu-se que as salas tinham armários com materiais diversificados e que, aparentemente, esses materiais eram deslocados de uma sala para a outra.

Na estrutura do novo colégio construído na Vila Mariana o que se pode verificar por meio dos registros fotográficos é que os espaços de ciências foram definidos separadamente, com salas de aula, museu escolar, sala de Física e Laboratório auditório de Química. Na fotografia 4, por exemplo, temos uma parte do acervo do Gabinete de Física já na nova sede onde os itens estavam dispostos num espaço fechado no qual se evitaria o contato

[33] Processo de Equiparação, 1940, v.3, Parte 1.
[34] Elucidário para a ficha de classificação - Processo de Equiparação Definitiva, 1932, 61.
[35] Livro de ocorrências Diárias, 1935, p. 47

direto desses objetos com os alunos. A opção pela guarda dos instrumentos em vitrines garantia visualidade sem, entretanto, facultar fácil acesso aos itens.

Fotografia 4 - Gabinete de Física (Visão parcial) – Sede Vila Mariana. Fonte: Processo de Equiparação, 1933. (Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo)

Panorâmica das coleções científicas disponíveis no atual museu escolar

É possível ainda indicar algumas preferências de compra, apontar para uma série de objetos que foram adquiridos em todos os continentes, itens exemplares dentre todas as possibilidades de compra dadas pelos catálogos porque são objetos comumente encontrados em museus escolares, acervos virtuais de patrimônio educativo, iconografias de época. No caso, opta-se por apresentá-los por disciplinas: 1) Objetos de Física-Química, separados por tipologias; 2) História Natural, separados por modelos anatômicos (Zoologia e Botânica) e animais taxidermizados. Aqui, os objetos estão classificados em tipologias por áreas de conhecimento, mas deve-se considerar que suas classificações podem ser alteradas, dependendo da apropriação dada a eles em aula ou definições estruturadoras pelo campo científico.

1) Objetos de Física-Química

a) Os brinquedos científicos: materiais que eram apresentados como verdadeiros divertimentos, interessados em captar a atenção de crianças e jovens a partir de seus desenhos, tais como os protótipos de locomotivas. Essas máquinas mostravam o calor

como forma de energia para a produção de trabalho; ou o ludião que serve para demonstração do princípio de Pascal, mas havia modelos com elementos lúdicos que atraíam a atenção para o fenômeno;

b) Os icônicos: materiais que além de demonstrar um fenômeno físico demarcam historicamente um evento científico, demarcando-o como importante para a história da ciência e digno de reconhecimento. Um exemplo disso são os Hemisférios de Magdeburgo, que, além de apresentar a existência da pressão atmosférica, contam a sua primeira exposição pública, quando o burgomestre de Magdeburgo, Otto von Guericke, tentou separar os dois hemisférios com duas parelhas de cavalos puxadas em sentido contrário;

c) Instrumentos científicos e instrumentos de demonstração e estudo: Segundo as definições do *Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa* para instrumento científico "são objetos que exploram um efeito, ou lei científica, conhecido para evidenciar uma grandeza observável relativamente a um sistema ou para modificar de forma controlada esse sistema"; e para instrumentos de demonstração e estudo "são objetos ou associações de objetos cuja utilização permite, por meio da manipulação ou simples observação, evidenciar fenômenos ou leis físicas, estabelecer relações de natureza qualitativa entre grandezas físicas ou dar visibilidade a modelos, leis ou teorias" (THESAURUS, 2013). Podem ser: "modelos, maquetes, réplicas, aparelhos e modelos de máquinas simples e compostas".

2) Modelos Anatômicos de Zoologia e Botânica

Um modelo é uma representação que possuiu uma forma ideal e pode ser apresentado de modo teórico ou físico. Um modelo teórico se apresenta na forma hipotética, procurando repassar eclarecimentos sobre uma realidade concreta. Os modelos físicos tridimensionais, com escala, tem em si incorporados uma representação interpretativa de uma teoria, espécie ou de outro objeto. Tem como objetivos principais simular, mostrar, demonstrar situações reais ou estimuladas. Os modelos anatômicos do Colégio são de tipo funcional, pois buscam em primeiro lugar imitar a realidade.

Ao que se refere à História Natural, há quase duas centenas de modelos utilizados para o ensino da disciplina no colégio, que ainda não foram inventariados, sequer pesquisados. Há peças que foram adquiridas no século XIX. Estão conservados no atual laboratório de Biologia modelos de Botânica, Zoologia e Fisiologia. Parte desses objetos é confeccionado para que tenha uma visão tridimensional. Estes são em tamanho natural ou ampliado, pintados com tinta óleo, base em madeira, fixados por haste de ferro.

Outros, seccionados horizontalmente, de modo que seja visualizada a parte externa dos animais e sua formação interna. Algumas peças são inteiriças; outras desmontáveis em parte ou em sua totalidade.

Dentre os modelos anatômicos, tanto de Anatomia Humana quanto de Zoologia reconhecemos vários tipos de fabricação, mas parece haver uma predominância de objetos adquiridos na Maison Deroylle e, posteriormente, em *Les Fils d'Emilie Deyrolle*. A empresa Deyrolle. Mas há também objetos confeccionados com arame, madeira e gesso[36]. Dentre os modelos disponíveis citamos:

a) Modelos de Zoologia: modelo anatômico de corpo inteiro; modelos sensoriais (narinas, olhos, língua, ouvidos, pele); estudo anatômico do aparelho digestivo; modelos de dente, coração, pulmão, fígado, cérebro, crânio; anatomia de sistemas circulatórios de espécies variadas; anatomia comparada com modelos abertos (simulando dissecação); modelos de animas vertebrados, Mamíferos, Aves, Anfíbios, Peixes; invertebrados; Artrópodes, Crustáceos, Aracnídeo, Insetos, etc.;

b) Modelos de Botânica: Tecidos vegetais variados; modelos das etapas de germinação do feijão; estudos macro e microscópio da flor; modelos de fecundação; modelos de sementes; monocotyledones, dicotyledones, etc.

c) Taxidermizados concorreram juntamente com outros materiais (esfolados, quadros parietais, modelos anatômicos, coleções entomológicas, mineralógicas, entre outras) para o ensino de História Natural. O material era destinado às aulas de Zoologia, ramo da História Natural, mais especificamente aos estudos taxonômicos. Esses artefatos eram mediadores da relação de ensino e aprendizagem que pretendia inculcar nos alunos o próprio método de pesquisa da História Natural, a saber: a descrição, a comparação e a classificação.

O Arquidiocesano possui 109 animais taxidermizados que resistiram a ação degradante do tempo, bem como aos processos de descarte ao qual os objetos educativos estão submetidos. Tal coleção foi constituída entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, sendo um importante vestígio da cultura escolar do

[36] Nos anos 1990, a direção geral do Colégio adquiriu um lote de modelos anatômicos para o ensino de anatomia das seguintes empresas a Marcus Sommer e Physikalische Werkstätten AG (PHYWE), ambas sediadas na Alemanha. A primeira empresa foi fundada por Marcus Sommer Senior, em 1876, e hoje é dirigida pela quinta geração. A fabricação dos objetos é manual e tem por objetivo apresentar ferramentas de ensino, modelos ilustrativos e materiais de sala de aula. "Nosso modelo é a natureza" é o *slogan* da empresa. A segunda empresa foi fundada em 1913 com o intuito de produzir materias para o ensino de Química e, em 1921, passa a confeccionar material didático para o ensino de Biologia. A empresa Phywe se orgulha de, nos anos 1930, ter montado vagões com classes itinerantes para apresentar os seus produtos em excursões pela Alemanha.

período. Atualmente, a coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista está composta da seguinte forma: 3 peixes, 12 répteis, 29 mamíferos, 65 aves. Em sua quase totalidade, formada por animais da fauna brasileira com espécimes da Floresta Amazônica ou do Cerrado.

Também usados para o ensino de História Natural existem no Museu Escolar: peles de animais, ossadas (esqueletos e crânios humanos e animais), galhadas e mandíbulas (de serpentes e tubarões). As ossadas são naturais, conservadas apenas para exposição e utilização em aulas. Alguns poucos corais e quatro esponjas, todos preservados. Há variadas peças de madeira para mostrar as diversas espécies de árvores existentes no planeta. Para o estudo de Paleontologia há representações de peças e armas usadas no período Pré-histórico (Neolítico, Paleolítico), diferentes tipos de fósseis, ora autênticos, ora réplicas. Há ainda as cabeças representativas de modelos étnicos. Trata-se de sete cabeças que representam os modelos humanos caucasiano, chinês, mongol, índio, australiano, zulu e negro, apresentadas nos livros didáticos, nesta ordem, também confeccionadas com gesso, fibra natural e tinta óleo, presas, individualmente à base de madeira.

As peças apresentam padrões variados de montagem. Em alguns casos, os taxidermizados foram colocados sobre uma base cuja função era meramente lhe fornecer sustentação. Em outros, a base (galhos roliços, galhos pouco espessos, caules, suportes que simulam a terra ou ambientes úmidos) interage com o taxidermizado, comunicando os hábitos e as características peculiares do animal da peça em questão, bem como evidenciando as principais partes da classificação taxonômica. Vale destacar que algumas peças foram preparadas de maneira “teatralizada”. Os detalhes da obra chamam a atenção para aspectos que não se esgotam na morfologia, o artifício buscado foi o aspecto comportamental, a construção de uma narrativa sobre o *modus vivendi* e a interação entre as espécies na natureza, como o gavião-pega-macaco predando um sagui, por exemplo (MADI FILHO, 2013).

Considerações finais

A entrada de objetos pedagógicos para a educação escolarizada no século XIX, conta muito sobre os projetos modernizadores voltados à Educação. Portanto, pensando no universo educacional, não se trata de perceber os objetos científicos nessa escola como valores em si mesmos, mas como desejos utilitários envoltos em um procedimento

pedagógico que dava importância aos objetos em geral e reservava aos instrumentos científicos uma estima especial, dada a sua representatividade no mundo moderno.

No período estudado percebemos que outras instituições de ensino, públicas e privadas, também passaram a comprar esses instrumentos, primeiro buscando acompanhar uma progressiva alteração do currículo escolar do ensino secundário, que no final do século XIX, passou a valorizar os conhecimentos tecnocientíficos. Depois, porque diante do público, museus escolares, laboratórios e gabinetes passaram a ser vistos como chamarizes para o público, apresentados em chamadas publicitárias de escolas em jornais diários, como forma de chamar a atenção para o ensino das escolas que se apresentavam como concorrentes[37].

No caso do Colégio Marista Arquidiocesano, os materiais de ensino e, particularmente, os objetos científicos, fizeram parte dos planos de expansão da instituição, disposta a se apresentar na cidade como um colégio voltado à formação de uma comunidade masculina com origens sociais heterogêneas, mas com vistas à formação de uma elite mandatária. O colégio fazia circular um discurso no qual os valores inatos à educação católica, formação do "caráter", "solidez moral", eram proclamados como essenciais para a elite intelectual que se desejava constituir e o ensino de ciências proposto pela escola vai sendo amalgamado a essa ideia.

Como objetos representativos da modernidade científica e pedagógica, os instrumentos científicos, base de gabinetes de ciências e do museu escolar, eram apresentados como elementos distintivos que concediam prestígio à instituição, pela apresentação de seu mostruário que, ao mesmo tempo eram conteúdos e recursos pedagógicos. Por outro lado, ao seguir os padrões estipulados pelo Colégio Pedro II, havendo também o interesse na "equiparação", o colégio buscava seguir o ordenamento jurídico laico, se estabelecendo dentro dos limites da adaptação dadas pela lei, de modo a fazer frente à expansão de grupos escolares e ginásios públicos que, no mesmo período, se apresentavam como verdadeiros palácios de boa educação civilizada.

Durante o processo de equiparação definitiva ao Colégio D. Pedro II estava também implicado à posição das escolas católicas diante da proclamação da República no Brasil. No período republicano, promove-se a laicização da educação, o ensino religioso foi retirado dos currículos das escolas públicas. Entretanto, a participação da Igreja na educação não diminui. Em parte, a equiparação ao colégio padrão, forçava o

[37] Província de S.Paulo, 2/20/1886, p. 2; O Estado de S.Paulo (OESP) 14/08/1901, p. 8; OESP 03/09/1918, p. 6; OESP 11/01/1913.

Arquidiocesano a fazer concessões em seu currículo, mas soma-se a isso, o investimento feito durante o período das inspeções, e a aquisição de uma lista de equipamentos de laboratórios.

Também, levamos em consideração que, não raro, os colégios secundários faziam propaganda de seus serviços, apresentando a existência de gabinetes de Física e Química nos jornais da cidade[38]. Portanto, não se tratava de aquisições de instrumentos pensando tão somente na qualidade de ensino que o colégio poderia proporcionar, mas quanto esses objetos transferiam seriedade aos trabalhos aplicados ali e pela concorrência. Obter instrumentos científicos era uma forma de estampar a adequação da instituição com a modernidade e colocá-la no jogo concorrência de escolas secundárias que eram abertas no período.

O excesso de materiais didáticos comprados nesse período tem a ver com a própria idealização pedagógica da instituição. Tanto historicamente, quanto por motivos conjunturais, em que estavam atrelados os fundamentos da Ciência e da Fé, vemos uma progressiva montagem de espaços diferenciados para o ensino de ciências, de onde não estão desconectados os interesses dos professores e o desejo de se apresentar um colégio exemplar diante do público. O colecionismo científico estava ligado ao prestígio que tais peças proporcionavam às escolas que delas fizessem uso e a intenção do colégio foi de se anunciar pedagogicamente inovador, diante do mercado estimulador, da concorrência entre escolas, e do próprio entendimento que a escola, sendo católica, tinha de Ciência.

Propomos, por fim, a possibilidade de entrelaçamento de uma história das ciências diante da história do ensino das ciências. Ainda que haja a diferenciação entre os espaços de se fazer ciência e a escola, é sempre bom lembrar que não é função da escola ficar se ocupando com a construção “modelos científicos”, e a replicação do que se produz como Ciência, não é a única forma de analisarmos a função do ensino de ciências. Mesmo diante de diferenças epistemológicas, a escola não pode ser retirada do circuito que pensa e distribui “ideias sobre as Ciências” ou, como diz Pestre (1996, p. 15) pensar a dinâmica das Ciências dentro da circulação de objetos e de um saber fazer. O espaço escolar com a sua própria natureza, seus códigos sociais e suas formas de difusão de conhecimentos valida o saber

[38] Este o caso do Ginásio Oswaldo Cruz (O Estado de S. Paulo 04/07/1918, p. 11), o Colégio Mercúrio (O Estado de S. Paulo, 08/01/1920, p. 10), Ginásio Diocesano São José (O Estado de S. Paulo, 07/01/1925, p. 10), Curso Dr. Souza Diniz (O Estado de S. Paulo, 01/12/1932, p. 10).

produzido pelos cientistas, reproduz os apelos da "transposição didática das ciências", mas também pode produzir uma "cultura escolar científica" que não está alheia ao circuito de produção acadêmica: gera demandas por conhecimento científico, suscita teorias que explicam a escola, pode ser laboratório de experimentação dentro dos trabalhos das "Ciências da Educação", divulga e estrutura representações sobre as ciências etc..

Fontes

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Ata de reunião de professores do Seminário Menor. Livro 03 59.01.003.

Arquivo Nacional. Equiparação do Colégio Arquidiocesano de São Paulo. Conjunto documental - Série Educação IE4 – 134, 3791/311; IE4 -193; IE4 – 589.

BRASIL. Decreto nº 3730 de 4 de agosto de 1900. Concede ao Colégio Diocesano de São Paulo as vantagens de que goza o Ginásio Nacional.

BRASIL. Decreto nº 8659 de 11 de abril de 1911 – Aprova a lei orgânica do ensino superior e fundamental na República.

BRASIL. Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890. Approva o Regulamento da Instrucção Primaria e Secundaria do Districto Federal.

BRASIL. Regulamento nº 2857 de 30 de março de 1898 do Gymnasio Nacional

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo Elucidário para a ficha de classificação - Processo de Equiparação Definitiva, 1932, p. 61.

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Livro de ocorrências Diárias, 1935, p.47.

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Annales de la Maison Archidiocésain. São Paulo, 1908-1916, 11.

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Echos do Colégio Arquidiocesano, 1910, 1911, 1912, 1913, 1915, 1917, 1920, 1922, 1926, 1928, 1930.

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Fotografia do Gabinetes de Physica do Colégio Diocesano, 1906.

Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. *Processo de Equiparação do Colégio Arquidiocesano de São Paulo* (1933-1940)

O Estado de S. Paulo (OESP) 14/02/1893, p. 3; 27/07/1893, p. 3; 03/09/1918, p. 6; 03/09/1918, p. 6; 14/12/1920, p. 10; 24/08/1912, p. 2; 04/07/1918, p. 11; 08/01/1920, p. 10; 07/01/1925, p. 10; 01/12/1932, p. 10

Referências

ADORÁTOR, Irmão. *Vinte anos de Brasil.* Curitiba: Editora do autor, 2005.

ALVES, Manoel. Missão Educativa Marista In: Congresso Marista de Educação. *Anais***...** México: [s.n.], 1999.

BOCCHI, Luna Abrano. A configuração de novos locais e práticas pedagógicas na

escola: O museu escolar, os laboratórios e gabinetes de ensino do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1908-1940). *Dissertação* (Mestrado), PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CARVALHO, Marta M. C. de. Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia. In: *A escola e a repúblicas e outros ensaios.* Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p.103-119.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação das elites:* o Ginásio Catarinense na primeira república. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FRÈRES Maristes. *Guide des Èscoles.* Paris: société de Saint Jean L´Évangéliste, 1932.

KAHN, Pierre. *La leçons de Choses*: naissance de l'enseignement des sciences à l'école primaire. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2002.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. O uso de animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do XX. *Dissertação* (Mestrado), PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MINHOTO, Maria Angélica Pedra. Da progressão do ensino elementar ao ensino secundário (1931-1945): crítica do exame de admissão do ginásio. *Tese* (Doutorado), PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEDRO, Ricardo Tomasiello. História da equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ao Colégio Pedro II (1900-1940). *Dissertação* (Mestrado), PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/UNICAMP*, v.6, n.1, p. 3-56, 1996.

SANTOS, Paulo Marques dos. *Instituto Agronômico e Geofísico da USP*: Memória sobre a sua formação e evolução. São Paulo: EDUSP, 2003.

SEDREZ, Ascânio João. *A presença dos Irmãos Maristas em São Paulo*: educação evangelizadora? Um estudo de caso: Colégio Nossa Senhora da Glória, Colégio Arquidiocesano de São Paulo. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SENA, Adalberto Correa. *Legislação do ensino secundário*. Rio de Janeiro: Livraria Central, 1939.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.*). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

THESAUROS de Acervos Científicos em Língua Portuguesa. 2013. Disponível em: <http://thesaurusonline.museus.ul.pt/default.aspx>. Acesso em: 12 ago. 2016.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. *Programas de Ensino da Escola Secundaria Brasileira*. Curitiba: Editora do Autor, 1998.

VIDAL, Diana. Museus Pedagógicos e Escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: IX Congresso Iberoamericano de História da Educação, IX, 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [s.n.], 2009. p.197-211.

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA EM ACERVO FOTOGRAFICO: um subsídio para conhecer os gabinetes e laboratórios de ensino do Colégio Ginásio Pernambucano no período de 1931 a 1934

Pollynne Ferreira de Santana [1]

Emanuela Sousa Ribeiro [2]

Resumo

Este artigo tem como objetivo mapear as coleções de ensino do Colégio Ginásio Pernambucano, no período de 1931 a 1934, através da catalogação do acervo fotográfico dos laboratórios e gabinetes de ensino desta instituição. A pesquisa foi realizada no Museu de História Natural Jacques Brunet, pertencente à Escola de Referência Ginásio Pernambucano, localizada na cidade do Recife. O colégio foi fundado no ano de 1825 e, ao longo de sua trajetória, sempre se destacou por ser referência no ensino secundário em Pernambuco. No final do século XIX e início do XX, em decorrência das exigências apresentadas pelas reformas educacionais da época, o Ginásio dispunha de metodologias de ensino que utilizavam coleções didáticas para proporcionar o aprendizado do conhecimento científico. A análise de tais coleções se deu a partir de uma fonte documental e uma fotográfica, ambas localizadas na documentação administrativa intitulada "Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça, Educação e Interior pelo Dr. Ricardo José da Costa Pinto, Triênio (1931-1934)", pertencente ao colégio em estudo. As metodologias utilizadas para identificar e analisar formalmente os registros fotográficos dos laboratórios e gabinetes de ensino existentes à época foram a pesquisa histórica e a documentação museológica . Além disso, a investigação contou com as contribuições dos seguintes teóricos: Santos (2014); Petry (2013); Luca (2012); Granato & Lourenço (2010); Possamai (2010); Ferrez (1994); Mensch (1990).

Palavras-chave: museu escolar; coleção de ensino; história da educação; gabinete de ensino; laboratórios de ensino.

[1] Museóloga formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). pollynnesantana_museologia@hotmail.com

[2] Professora Adjunta III do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPE. Bacharel em História pela Universidade Federal do Maranhão, Mestre e Doutora em História pela UFPE. Docente do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM). emanuelasousaribeiro@yahoo.com.br

Abstract

This paper aims to map the teaching collections at the Gymnasium Pernambucano by cataloging a photographic collection of its laboratories and educational offices. The survey was conducted at the Natural History Museum Jacques Brunet, which belongs to the Reference School Gymnasium Pernambucano, located in Recife - PE. The college was founded in 1825 and has always stood out as a reference in secondary education in Pernambuco. In the late nineteenth and early twentieth century it presented teaching methodologies that used teaching collections to lecture students about scientific knowledge, due to their requirement by the education reforms of the time. The analysis of such collections was carried out through documentary and photographic sources, both found on the administrative document entitled "Report to Hon. SNR. Secretary of Justice, Education and Interior by Dr. Ricardo José da Costa Pinto, triennium (1931-1934), which belonged to the school in study. Thus, in order to identify and formally analyze the photographic records of laboratories and educational offices existing at the time, were used methodologies of historical research and museum documentation. Moreover, it is important to point out that this study also bears the contributions of the following theorists: Santos (2014); Petry (2013); Luca (2012); Granato & Lourenço (2010); Possamai (2010); Ferrez (1994); Mensch (1990).

Keywords: school museum; teaching collection; history of education; education office; teaching laboratories

Introdução

Esta pesquisa é resultado da monografia, defendida em 2016, como conclusão da graduação em Museologia, pela Universidade Federal de Pernambuco. Este estudo tem como objeto a análise de uma documentação administrativa do Colégio Ginásio Pernambucano, que retrata os gabinetes de ensino do Colégio no período de 1931 a 1934.

O uso deste material de pesquisa é de extrema importância para compreender a história do ensino e das coleções do Museu que funciona no Ginásio Pernambucano desde o século XIX[3]. Levando em conta esta importância, para mapear elementos que estão contidos nas fotografias que compõem este material administrativo do Colégio em estudo, recorremos à documentação museológica.

Este artigo é composto, a priori, pela apresentação do objeto a ser estudado e pela identificação das fontes de pesquisa a serem investigadas. Em um segundo momento, trataremos da metodologia de documentação museológica selecionada para o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, apresentaremos os resultados obtidos por meio de um levantamento histórico entre a documentação e as fotografias catalogadas.

[3] Atualmente, o Ginásio Pernambucano é denominado de " Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano (EREMGP) " e está localizado na Rua da Aurora, Recife- PE. Nem sempre foi assim: no decorrer de sua trajetória, a instituição de ensino recebeu vários nomes e locais de funcionamento. Desta forma destacamos as suas intitulações: Liceu Provincial (1825); Gymnasio Pernambucano (1855); Instituto Benjamin Constant (1893); Gymnasio Pernambucano (1899); Colégio Estadual de Pernambuco (1935) e por fim, Ginásio Pernambucano (1975) (MONTENEGRO, 1979).

A documentação administrativa das escolas: uma fonte de pesquisa sobre as práticas de ensino

A escola é um espaço no qual se forma uma relação social entre sujeitos e práticas de ensino. O convívio nestes espaços carrega consigo elementos sócio-históricos oriundos tanto da formação curricular dos docentes e de outros funcionários quanto das metodologias pedagógicas da época. Para os pesquisadores, as instituições de ensino não são só ambientes voltados para as atividades de escolarização, elas são também uma rica fonte de análise dos aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais de uma sociedade (MARANDINO; SALLES; FERREIRA, 2009).

Os olhares sobre os condicionantes históricos, pedagógicos e culturais relacionados às escolas, foram usados como meio de estudo da documentação administrativa intitulada *"Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)"*, pertencente ao Colégio Ginásio Pernambucano e que, hoje, integra o acervo documental e iconográfico do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). Nesta documentação estão presentes duas tipologias de fonte de investigação: documental e fotográfica.

No material, encontramos informações sobre as decisões administrativas do gestor do Colégio à época, o Dr. Ricardo José da Costa Pinto, que buscava sanar os problemas estruturais da escola para atender às exigências pedagógicas da época. Além disso, na documentação administrativa está presente a relação dos materiais de ensino pertencentes às salas e gabinetes da instituição, os valores gastos em suas respectivas reformas e os resultados deste serviço de melhoria para o ensino, apresentados através de registros fotográficos.

Assim, neste trabalho, o estudo da coleção fotográfica que documentou os espaços dos gabinetes e laboratórios de ensino destinados às atividades pedagógicas se deu por meio do desenvolvimento da atividade de documentação museológica (FERREZ, 1994).

Neste sentido, Ferrez conceitua a Documentação Museológica de uma coleção como um:

> [...] conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994; p. 65).

Portanto, atuar na descrição das imagens dos referidos gabinetes e laboratórios é possibilitar a identificação de informações que colaboram na compreensão da gestão da

instituição de ensino em estudo, assim como suas propostas pedagógicas no período de 1931 a 1934. A Documentação Museológica nos permite também conhecer melhor os objetos de ensino existentes no Colégio durante aquele período, com vistas até mesmo a futuros estudos acerca da coleção ainda existente.

Ou seja, ainda segundo Ferrez (1994), esta atividade propõe não apenas subsídios para quantificar o material que está sendo catalogado, mas também para torná-lo fonte para futuras pesquisas que trabalhem com a mesma temática.

Para realizar esta investigação, com base no método da documentação museológica, adaptamos uma ficha documental desenvolvida por Santos (2014), uma vez que, quando preenchido, este material permite o trabalho tanto na identificação do conteúdo localizado nas imagens fotográficas, quanto na análise do material catalogado.

Conhecendo o Ginásio Pernambucano através de fotografias (1931-1934)

O relatório investigado neste trabalho faz parte da documentação permanente do APEJE. Assim, ao chegar ao arquivo, o mesmo passou por um tratamento de conservação preventiva, no qual o conteúdo documental e fotográfico foi separado, para que cada um pudesse ser acondicionado no setor cujo serviço de salvaguarda fosse mais adequado. Sendo assim, o material de documentação se encontra atualmente no acervo de impressos e as imagens, na seção de iconografias.

Apesar do armazenamento separado, ambas as partes da documentação estão devidamente identificadas e os suportes encontram-se integralmente preservados, estando completas as informações contidas no *"Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)"*.

A coleção de fotografias do Ginásio Pernambucano está acondicionada individualmente, em envelopes de papel alcalino. Foram realizados pequenos conjuntos destes envelopes, os quais foram depositados em pastas suspensas de papel *kraft* e guardados em gavetas de arquivos em aço. Em cada pasta encontram-se, identificadas a lápis, as seguintes informações: Fundo: APEJE; Localização: Este campo é preenchido de acordo com a numeração do armário onde está acondicionada a fotografia.

O material estudado estava distribuído em duas gavetas de um arquivo para pastas suspensas. Ao total, eram 37 (trinta e sete) fotografias, distribuídas em 4 (quatro) pastas, todas referentes às dependências do colégio Ginásio Pernambucano. Na 1ª e 2ª pasta encontram-se as fotos originais e na 3ª e 4ª pastas, suas respectivas cópias.

A seguir, apresenta-se a Tabela 1 contendo as quantidades e identificações das imagens encontradas no relatório de gestão do Dr. Ricardo José da Costa Pinto. A nomeação aqui apresentada está de acordo com a identificação concedida pelo APEJE.

Tabela 1 **-** Material desenvolvido pelas autoras e apresentado na defesa da monografia (2016).

Quantidade de Fotografias	Denominação dos Espaços
1	Secretária
1	Biblioteca
1	Corredor do Ginásio
2	Salão de Conferências
1	Salão de Leitura
1	Buffet
1	Novas Instalações Sanitárias e Jardim
1	Banheiro
1	Vestuário
1	Gabinete de Geografia
1	Gabinete de História da Civilização
2	Gabinete de Cosmografia
3	Gabinete de Física
2	Gabinete de Química
6	Sala de Ginástica
1	Horto Botânico
9	Gabinete de História Natural
1	Gabinete de Ciências Naturais
1	Gabinete de Ciências Físicas e Naturais

Desta relação, foi selecionada uma série de fotografias dos espaços internos do Colégio que eram destinados à relação entre alunos e professores e nos quais são retratados objetos de ensino. Ao total, foram contabilizadas 19 (dezenove) imagens a serem catalogadas.

As referidas fotografias possuem as seguintes características: coloração preta e branca, medida 18x21 cm, com um papel sulfite em seu verso – exceto por duas imagens que têm um carimbo do Colégio e apresentam algumas manchas, mas que não interferem na sua leitura e descrição para a sua documentação museológica.

Arquivologia, Ciência da Informação e Museologia: ferramentas para catalogação de fotografias

A catalogação é uma atividade de gerenciamento de informação. Neste trabalho, foi usado o modelo de documentação museológica realizado por Santos (2014), atividade que "busca gerir meios para o seu tratamento, organização, recuperação e acesso aos usuários (SANTOS, 2014, p. 19).

Antes de iniciar o preenchimento da ficha documental, foi necessário identificar as imagens que passariam por esta catalogação. A seguir, na Tabela 2, encontra-se a identificação das fotografias documentadas para esta pesquisa, segundo a identificação encontrada nas pastas de guarda.

Tabela 2 - Material desenvolvido pelas autoras e apresentado na defesa da monografia (2016).

Quantidade	Denominação das Imagens
1	Gabinete de Geografia
1	Gabinete de História da Civilização
1	Gabinete de Cosmografia
3	Gabinete de Física
2	Gabinete de Química
2	Sala de História Natural
7	Gabinete de História Natural
1	Gabinete de Ciências Naturais
1	Gabinete de Ciências Físicas e Naturais
1	Gabinete de Botânica

A já citada ficha documental desenvolvida por Santos foi resultado de sua pesquisa de mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Pernambuco, intitulada: *"Aspectos Memoriais existentes nos Retratos dos Reitores da Universidade do Recife/ Federal de Pernambuco (1947-1971)"*. Seu trabalho usa conhecimentos da arquivologia, da ciência da informação e da museologia para fundamentar o modo de organização, descrição e preservação destinado a coleções fotográficas. Atualmente, esta mesma ficha documental é usada em um dos projetos de extensão da UFPE, denominado: *"Imagens Fotográficas: Olhares Sobre a História da UFPE"*.

A ferramenta utilizada para a catalogação das coleções fotográficas apresenta campos de preenchimento[4] direcionados para as atividades administrativas dos espaços detentores do acervo.

[4] Maneira de preenchimento desta ficha documental para fotografias ver: SANTOS, Ana Claudia de Araújo.

Em seguida, há uma seção para informações históricas – a serem mapeadas após pesquisa – e outra para a conservação das imagens estudadas. Por fim, a descrição das imagens está localizada no campo sobre identificação dos conteúdos.

Nesta pesquisa sobre as fotografias do Colégio Ginásio Pernambucano (1931-1934), foi preciso realizar adaptações na ficha museológica de Santos (2014). Assim, o campo sobre o laudo de conservação das imagens não foi usado neste trabalho, haja vista que as informações apresentadas no APEJE não foram suficientes para a realização desta atividade.

Abaixo, encontra-se a título de exemplo, uma ficha documental utilizada na monografia que ensejou esta pesquisa:

Descrição da fotografia Nº 02

Dados Administrativos	
Código:	BR APEJE. F.GP. 11
Tipo de Código:	A: 10. G:2. P:1
Código Relacionado:	A: 10. G:2. P:3 (Cópia)
Local de Guarda:	Setor Iconográfico- APEJE
Data do Recolhimento:	Não informado
Descrito por:	Pollynne Ferreira de Santana
Data da descrição:	09/11/2015
Dados de Proveniência	
Fundo:	Secretaria de Educação
Série:	Fotografia
Subsérie:	Gabinete
Dossiê:	Relatório do Triênio de 1931-1934

Aspectos memoriais existentes nos retratos dos reitores da Universidade do Recife / Federal de Pernambuco (1946-1971). *Dissertação* (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2014. Orientador: Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto.

Nota Explicativa:	A coleção da disciplina de Cosmografia já pertencia ao Ginásio Pernambucano antes das atividades de reforma durante a gestão do Dr. Ricardo da Costa Pinto (1931- 1934). Os objetos deste conjunto de ensino eram: sextantes; planificadores; globos; bússola; lunetas; telúrio de Lange; aparelho desmontável de Meng; giratório dos hemisférios celestes, entre outros que fora mencionado no relatório de gestão do mencionado diretor. Por falta de uma sala para a organização do gabinete e laboratório de Cosmografia, antes da reforma, estes materiais estavam em péssimas condições de conservação. O professor da disciplina se queixava da situação devido ao não cumprimento da lei. Com as obras concluídas a comunidade escolar passou a fazer uso de um espaço confortável e organizado devidamente em prol de uma preservação de seus instrumentos científicos.
Dados Técnicos do Suporte	
Fotógrafo:	Não encontrado
Denominação:	Fotografia
Tradição Documental:	Original
Data do Suporte:	1931 a 1934
Material:	Papel
Formato:	Horizontal
Dimensão do Suporte:	18x 24,3 cm
Nitidez:	Ótima
Cromia:	Preto e Branco
Inscrições:	Em seu verso há presença de uma colagem de papel
Dados da Imagem	
Título da Imagem:	Gabinete de Cosmografia
Tipo do Título:	Atribuído pelo APEJE
Data da Imagem:	1931 a 1934
Local da Imagem:	Colégio Ginásio Pernambucano; Rua da Aurora, 703, Santo Amaro, Recife – PE.
Termos Relacionados:	GABINETE DE COSMOGRAFIA; COLEÇÃO DE ENSINO; PRÁTICAS EDUCACIONAIS
Conteúdo Informacional:	Fotografia de sala de aula. No primeiro plano, encontram-se carteiras escolares, organizadas em sete fileiras. Entre as carteiras escolares, localiza-se no centro, um móvel alto, onde serve de suporte para um equipamento eletrônico, não identificado. No lado esquerdo, existe uma parede, com duas colorações, na parte superior com coloração clara e na inferior, uma cor escura. Há presença de três janelas com base retangular e a sua parte superior em formato de meio arco redondo, as janelas encontram-se abertas. No lado direito, localiza-se paredes, com duas colorações, na parte superior uma cor clara e na inferior, uma cor escura. Há presença de janelas, com formato e quantidade não identificadas. Em frente, encontra-se um quadro negro, em posição inclinada. Ao fundo da sala, há uma parede com duas colorações, na parte superior, uma cor clara e na parte inferior, uma cor escura. Encontra-se também duas janelas, com a parte superior em formato de meio arco e sua base em forma retangular. Na parede, há exposto um quadro, na cor clara e de forma retangular. Em frente, a objetos científicos, com as suas denominações não identificadas e globos terrestres, sobre uma mesa, de formato retangular, em posição horizontal. No sentido de cima para baixo, pode-se encontrar o teto com duas luminárias, com suporte alongado e totalizando em duas lâmpadas. A baixo, o piso, plano, decorados com motivos florais e formas geométricas.

O modelo apresentado nesta ficha possui 4 (quatro) seções e 28 (vinte e oito) campos. As seções são destinadas às informações de: Localização da fotografia no acervo; Pesquisa histórica; Característica técnica da imagem e Descrição minuciosa do material catalogado.

Uma história por detrás das fotografias

Diante da necessidade de recorrer aos métodos da pesquisa histórica para melhor consolidar esta investigação, utilizamos o estudo de Luca (2012) para entender o uso de novas fontes nas pesquisas científicas, uma vez que são utilizados documentos impressos e fotografias para analisar as imagens dos laboratórios e gabinetes de ensino do Ginásio Pernambucano catalogadas.

Deste modo, fazer uso de novas fontes é:

> [...] abordar os fenômenos coletivos, as multidões e o povo, personagem que roubava a cena antes reservada às personalidades ilustres; de explorar a complexidade temporal, com seus diferentes ritmos e durações, breves ou longas; de abandonar a superfície dos acontecimentos em favor de estruturas profundas; de perscrutar o imaginário e as mentalidades; de manipular grandes séries documentais, construir curvas e gráficos; de apropriar-se dos múltiplos vestígios do passado em busca de uma história econômica e social, com vocação totalizante (LUCA, 2012, p.17).

Esta nova metodologia, de realizar uma pesquisa histórica, teve início nas primeiras décadas do século XX, com a formação da Escola dos *Annales*, cujos precursores foram os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch. O objetivo desta "nova história" era compreender os fatos históricos em um viés mais social, através de várias tipologias de fontes de pesquisa.

Neste caso, a fotografia é uma destas novas fontes de pesquisa que começam a ser estudadas para interpretar as versões de um acontecimento. Neste trabalho, o uso das imagens propõe "compreender as fotografias em seu tempo de produção, e os questionamentos acerca dele devem estar para além de seu suporte" (SANTOS, 2014, p.57).

Estudar as informações contidas nas duas fontes de pesquisa referentes à gestão do Dr. José da Costa Pinto, no período de 1931 a 1934, é ter a possibilidade de compreender as decisões que foram adotadas por esta instituição de ensino no âmbito das reformas educacionais e do contexto político do país.

As mudanças do ensino que resultaram em novas práticas pedagógicas se iniciaram no final do século XIX e se estenderam até meados no século XX. Neste espaço de tempo, muitas reformas e pareceres foram realizados com o intuito de propor melhorias nos métodos de ensino, incentivando os estudantes a se inserir nas investigações científicas das quais o Brasil precisava (POSSAMAI, 2010).

O colégio em estudo pretendia, por meio de suas reformas, além de oferecer um bom ensino aos alunos recifenses, atender às diretrizes impostas pela Reforma de Francisco Campos (1931). Extrai-se esta afirmação do momento, no relatório, no qual o diretor, Dr. Ricardo da Costa Pinto, relata a importância da formação do gabinete de Ciências Naturais e Físicas para cumprir a atual lei de ensino (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934), p.49).

De acordo com Souza (2008, p. 145), a Reforma de Francisco Campos, instituída pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, foi um significativo momento de reformulações no ensino secundário do país, sendo considerada, inclusive, como uma das reformas escolares que mais apresentou mudanças no sistema de ensino do país. O objetivo desta alteração na educação era:

> [fixar] a estrutura organizacional e [ratificar] o projeto cultural de formação da juventude que consagraria, no país, o modelo de escola secundária concebida como educação das elites condutoras da nação, privilegiando a cultural geral desinteressada e de caráter altamente seletivo (SOUZA 2008, p.145).

As decisões tomadas em 1931 apresentavam novas diretrizes para normatização[5] das instituições de ensino. Assim, estas características foram os principais motivos que levaram o gestor do Colégio Ginásio Pernambucano a desenvolver as mudanças necessárias em suas dependências. Como primeira modificação, o Dr. Ricardo da Costa Pinto buscou criar as condições necessárias para oferecer a esta comunidade escolar o reconhecimento do seu espaço físico, uma vez que o prédio da escola era ocupado por órgãos públicos[6] que não possuíam relações com o ensino e este aspecto prejudicava a formação do aluno e a atuação dos professores. (Relatório apresentado ao Exmo. SNR.

[5] Nos estudos de Souza, o Decreto n. 19.890, do dia de 18/04/1931 sobre os conteúdos e metodologia do ensino secundário aprovado pelos Ministérios de Educação e Saúde Pública seriam revisados a cada três anos por uma equipe formada pelo ministro para avaliar os pareceres formado pela Comissão de professores do Colégio Pedro II (SOUZA, 2008, p.154).

[6] De acordo com a documentação estudada, a escola não apresentava um ambiente adequado para o estudo dos alunos, pois no mesmo prédio funcionam algumas repartições públicas do Estado. Eram elas: Imprensa Official; Directoria de Instrução pública; Grupo Escola João Barbalho; Instituto de Archeologico; Escola de Commercio; Jury e Repartição de Obras públicas (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)).

Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)).

De modo geral, a realidade dos colégios secundários no Brasil estava muito aquém do preconizado pela reforma pedagógica de 1931. Diante desta situação, havia uma urgência na reformulação do ensino secundário que, naquele contexto, visava apresentar uma comunicação entre os conteúdos estudados nas séries primária, secundária e o ensino técnico-profissional, para o qual se buscava implantar uma metodologia que pudesse estimular o nacionalismo nos estudantes. Assim, destacavam-se as disciplinas de ensino clássico e humanístico, cujos conteúdos atuavam em prol do que foi proposto pela lei de ensino (SOUZA, 2008).

Ao longo desta pesquisa, portanto, as principais informações identificadas sobre as coleções de ensino do Ginásio Pernambucano eram aquelas relativas aos animais taxidermizados, que despertavam a admiração de quem os visitava - assim como, por exemplo, D. Pedro II em sua visita ao local, no ano de 1859 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 20 de fevereiro de 1975). Sendo assim, o relatório e os registros fotográficos que o acompanham, ao mesmo tempo em que apresentam a finalização da reforma à Secretária de Justiça e Interior, também exibem as dependências, as coleções de ensino e a organização dos gabinetes e laboratórios pertencentes ao Ginásio Pernambucano, apresentando coleções de ensino das quais não se tinha notícia até este momento.

As fontes estudadas nesta pesquisa possibilitaram observar que os laboratórios e gabinetes de ensino, que eram destinados às aulas práticas e teóricas, ambos encontravam-se no mesmo espaço. Não há indícios de que a Lei de ensino Francisco Campos (1931) apresentasse tal exigência de que os espaços de aula teórica e técnica estivessem no mesmo local. Provavelmente, esta foi uma decisão tomada pela direção do Colégio Ginásio Pernambucano, devido a problemas de locomoção dos objetos de ensino para sala de aula e os seus respectivos prejuízos com esta ação, como foi mencionado na documentação administrativa em estudo (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)). Após a reforma no Colégio estes espaços foram ampliados e compras e consertos dos materiais de ensino foram realizados.

Os laboratórios que contaram com uma maior atenção durante a reforma foram os Gabinetes de História Natural e de Cosmografia. Da análise do relatório, foi possível observar que o melhoramento nos Gabinetes de História Natural aconteceu devido ao interesse do diretor, o Dr. Ricardo José da Costa Pinto, uma vez que ele era o professor de tal disciplina. Já as benfeitorias no segundo ambiente, por sua vez, vieram por

consequência do deslocamento para salas antes ocupadas pelos setores públicos, e que, pela incidência da reforma de Francisco Campos (1931), foram esvaziadas.

Nos relatos da documentação, consta que o Gabinete de História Natural já se destacava pela qualidade de sua sala, de seus materiais tecnológicos e de sua coleção de ensino. Destes relatos, podemos salientar o fato de que o espaço era bastante iluminado e arejado, além de que os equipamentos tecnológicos comprados foram aparelhos de projeção, microscópios e epidiascópio. A coleção usada nas aulas práticas era constituída por materiais referentes à mineralogia, à botânica e à zoologia. Estes instrumentos estavam distribuídos entre amostras, réplicas, quadros de ensino e animais taxidermizados (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)).

Assim, por consequência da reforma no Colégio, estes instrumentos de ensino foram catalogados e as amostras que pertenciam à coleção de mineralogia foram classificadas pelo professor Poul Groth, da Universidade de Munique. (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)).

Ademais, faz-se importante frisar que sala de Cosmografia não existia antes da reforma, mas os materiais usados nas aulas já pertenciam à escola e, por consequência da falta de um espaço próprio, o desaparecimento e a quebra dos materiais eram frequentes. De acordo com o exposto no documento, estes materiais não eram usados constantemente pelos professores em suas aulas, devido à difícil locomoção e montagem destes aparelhos. Com a organização do espaço para a realização da disciplina de Cosmografia, o colégio se tornou a primeira instituição de ensino a possuir esse tipo de estrutura, cuja organização estava de acordo com o programa de ensino da época. (Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)).

Nos estudos realizados com as fontes oriundas do Colégio Ginásio Pernambucano é perceptível nas fotografias e nos relatos administrativos que os maiores investimentos feitos nas salas de ensino foram aplicados nos espaços destinados às disciplinas das ciências exatas, talvez porque estas fossem as áreas mais carentes antes da reorganização promovida pelo seu diretor. Destaca-se a situação da disciplina de História Natural que, naquele contexto possuía vinculação com o ensino clássico e humanístico, só vindo a se aproximar da biologia na segunda metade do século XX.

No entanto, quando do estudo, na história da educação, da Lei de Francisco Campos e das decisões da política da época, nota-se que ambos os setores se preocupavam com a

construção de uma identidade nacional para a população (SOUZA, 2008). No setor educativo, então, foram as disciplinas de humanas que ofereciam subsídios para a consolidação destes anseios (SOUZA, 2008) e, conforme vemos na análise da documentação administrativa, curiosamente estas não foram as disciplinas nas quais houve mais investimento à época da reforma.

Considerações finais

Atualmente, os materiais existentes nos laboratórios e gabinetes no período pesquisado não existem mais - exceto pela coleção de ensino de história natural, que hoje compõe o acervo museológico do Museu Louis Jacques Brunet.

Esta nova atribuição, de função e de valor, aos materiais do Gabinete de História Natural é compreendida por Granato e Lourenço (2010) como um processo de musealização, que resulta da:

> [...] seleção e retirada de um objeto de seu contexto original e completa-se com a exposição, onde acontece o encontro entre o público e os artefatos. E para que este encontro seja o mais produtivo possível é preciso estudar as formas pelas quais o público interaja e se relacione com os artefatos (GRANATO; LOURENÇO, 2010, p.87).

Com a musealização dos objetos de ensino de história natural, estes ganharam o valor de patrimônio cultural, uma vez que a instituição atribuiu importância cultural aos objetos, considerando-os relevantes para a preservação da memória do ensino desta instituição. Considerando estes aspectos, a realização desta investigação se utilizou da atividade denominada documentação museológica para apresentar informações sobre o Colégio Ginásio Pernambucano, no período de 1931 a 1934, propondo, assim, uma preservação da história do ensino desta Instituição, da sociedade e do estado, e oferecendo, também, subsídios para futuros pesquisadores interessados neste tema de pesquisa.

Referências

FERREZ, Helena D.. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática. *Cadernos de Ensaios n. 2*, Estudos de Museologia. Rio de Janeiro: MINC / IPHAN / Museu Nacional de Belas Artes, 1994. p.64-74. Disponível em: <http://www.nucleodepesquisadosexvotos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/ferrez_h_d._documentao_museolgica._teori a_para_uma_boa_prtica.pdf >. Acesso em: 09 dez. 2015.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta. Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.2, n.4, p.85-104, dez.2010 / mar. 2011. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/25/25>. Acesso em: 09 dez. 2015.

LUCA, Tânia Regina de. Notas sobre os historiadores e suas fontes. *Revista MÉTIS: história & cultura*, v. 11, n. 21, p.13- 21, jan./jun. 2012.

MARANDINO, Marta; SELLES, S.E.; FERREIRA, M. S**..** *Ensino de Biologia: história e práticas em diferentes espaços educativos.* São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Reforma Francisco Campos. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabras*il. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/reforma-francisco-campos/>. Acesso em: 08 dez. 2015.

MONTENEGRO, Olívio. *Memórias do Ginásio Pernambucano*. Recife, Imprensa Oficial, 1943.

PETRY, M. G.. Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina/1941-1942). In: SILVA, V. L. G.; PETRY, M. G. (Orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina - séculos XIX e XX).* Florianópolis: Insular, 2012.p. 79-101.

POSSAMAI, Zita**.** Lições de coisas no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. In: Anais do VIII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, São Luís: UFMA, 2010.

SANTOS, Ana Claudia de Araújo. Aspectos memoriais existentes nos retratos dos reitores da Universidade do Recife / Federal de Pernambuco (1946-1971). *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, 2014.Orientador: Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto.

SOUZA, Rosa Fátima de. "Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate". *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n.26, p.199-221, jan. / jun. 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: (ensino secundário no Brasil*). São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica da história da educação brasileira, v.2)

Fontes primárias

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). *Relatório apresentado ao Exmo. SNR. Secretário da Justiça, Educação e Interior pelo DR. Ricardo José da Costa Pinto Triênio (1931-1934)*. Caixa 13; Seção de Relatórios do Período de (1923; 1931-1934).

OBJETOS DE UTILIDADE PRÁTICA PARA O ENSINO ELEMENTAR: museus pedagógicos e escolares em debate

Vera Lucia Gaspar da Silva[1]

Gizele de Souza[2]

Resumo

Os Museus Pedagógicos e Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Grande parte dos objetos com estas funções materializaram progressos tecnológicos importantes que irão estabelecer um vínculo nada desprezível entre a escola, a indústria e a inovação tecnológica. Divulgados e comercializados nas Exposições os apetrechos materiais assumem uma "utilidade prática no ensino elementar" (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) que, além de apoiar a atividade pedagógica também educa para o consumo de produtos industrializados. São ardósias, penas, livros, quadros parietais, carteiras modernas, "mapas de todas as nações do globo, fotografias dos edifícios das principais escolas da Europa e América, esferas, instrumentos de química, física e astronomia, bustos, estampas, coisas naturais e artefatos humanos, figuras geométricas e trigonométricas, uma infinidade de pinturas a crayon, nanquim, aquarela e óleo..." (idem). Um conjunto de objetos, que utilizados como "condutores de uma suposta modernidade" (SCHRIEWER, 2000), corroboram em um processo de debates acerca dos modelos de escolarização para a infância. O presente estudo aposta na análise deste repertório material vinculado aos museus pedagógicos e escolares, utilizando-se como base empírica, principalmente os artigos de imprensa periódica brasileira, com vistas a dar inteligibilidade aos debates e representações (CHARTIER, 2002) sobre a provisão material, bem como sobre os próprios sentidos atribuídos aos museus como espaços de educabilidade e, neste caso, de popularização de artefatos tecnológicos.

Palavras-chave: cultura material escolar; museus pedagógicos; museus escolares; objetos para o ensino.

---

[1] Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com estágio na Universidade de Lisboa, em Portugal. Realizou estágio de pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Contato: vera.gaspar.udesc@gmail.com

[2] Professora no Setor de Educação da UFPR, integra a Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação (PPGE-UFPR). Coordena o NEPIE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil. Atuou como professora visitante na *Università degli Studi di Firenze* (Itália - 2014). Participa como parecerista de vários periódicos nacionais da área de educação e atua no comitê científico da Editora Franco Angeli em Milão-Itália, da Edizioni Junior em Bergamo/Itália. Contato: gizelesouza@ufpr.br

Abstract

Pedagogical and School Museums had, in the Expositions Universelles, model spaces of inspiration, and the products exhibited there promised to ally he who had them to modernity that was highly desired in the turn of the nineteenth century and in the early twentieth century. A lot of the objects with these functions materialized important technological developments that will establish a considerable link between schools, industry and technological innovation. Marketed and sold in the Exposition, the objects gain a "practical use in elementary school" (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) that, in addition to supporting the educational activity, also educates for the consumption of industrialized products. They are slates, pens, books, wall paintings, modern desks, "maps of all the nations of the globe, photographs of the buildings of the main schools of Europe and America, spheres, chemistry, physics and astronomy instruments, busts, prints, natural things and human artefacts, geometric and trigonometric figures, countless crayon, ink, watercolour and oil paintings... " (idem). A set of objects that, used as "drivers of a supposed modernity" (SCHRIEWER, 2000) corroborate in a process of discussions about schooling models for children. This study focuses on the analysis of this material repertoire linked to pedagogical and school museums, using as empirical basis mainly articles from Brazilian newspapers, in order to give intelligibility to debates and representations (CHARTIER, 2002) on the material provision, as well as on meanings attributed to museums as teaching spaces, and, in this case, spaces of the popularization of technological artifacts.

Keywords: material school culture; pedagogical museums; school museums; objects for teaching.

Introdução

A constituição da escola primária pode ser investigada e compreendida por diferentes vias: a composição material é uma delas. Já temos acumulado uma significativa produção na área que permite afirmar que, ainda que se tenha difundido uma proposta de escola de caráter comum em itens como organização administrativa, formação de professores e conteúdos curriculares, a operacionalização dos projetos dá-lhes constituição material diferente, particularmente em função do público a que se destina (VEIGA, 2015). Ainda que este seja um indicativo já aceito, as diferentes composições materiais das escolas continuam merecendo atenção. Intentamos aqui centrarmo-nos nos **"objetos de utilidade prática para o ensino elementar"** que chegam nas ou passam a compor as escolas através dos **Museus Pedagógicos e Escolares,** os quais têm nas Exposições Universais um forte vetor de difusão. Nossa aposta é de que o aprofundamento das análises nesta direção ajude na compreensão sobre o uso e a popularização de artefatos tecnológicos que integram o repertório material da escola brasileira, do final dos oitocentos e anos iniciais dos novecentos, dedicada à infância.

Como base empírica recorre-se, principalmente, a artigos de imprensa periódica brasileira, com vistas a dar inteligibilidade aos debates e representações (CHARTIER,

2002) sobre a provisão material, bem como sobre os próprios sentidos atribuídos aos museus como espaços de educabilidade. Lança-se mão também de parte da produção dedicada a área, que tem revelado dados fundamentais para compor este quadro.

Este texto está organizado em quatro itens. Iniciamos discutindo a obrigatoriedade escolar e a sincronia deste movimento ao desenvolvimento da indústria. Na sequência, articula-se um conjunto de informações e reflexões sobre as Exposições Universais e a presença em seu interior de propostas e materiais para compor os Museus Pedagógicos e Escolares, a partir dos quais um conjunto de objetos de utilidade prática para o ensino elementar é recomendado. Trata-se, de um conjunto de objetos que portam tecnologias que serão agregadas às escolas e nelas se farão úteis.

Da obrigatoriedade escolar x desenvolvimento da indústria

As leis de obrigatoriedade escolar, articuladas ao desenvolvimento da indústria que começa a produzir em larga escala, fazem surgir um mercado bastante atraente e promissor. Elemento da vida social quase naturalizado ao longo dos anos, o acesso e a frequência escolar são processos que se constituem em meio a grandes e longos debates e que alteram significativamente a vida das famílias e das crianças. No Brasil,

> O primeiro registro a que se teve acesso data de 1823, quando ficou determinada pela Carta Constitucional de 11 de dezembro[3] (Art. 179, item XXXII) "[...] a Instrucção primaria, e gratuita a todos os Cidadãos. Este "invento social[4]" vai implicar a instalação de uma instituição social balizadora, que filtra, nivela, agrega, integra ou exclui, instigando novas funções sociais que supõem novas demandas materiais (GASPAR da SILVA; VALLE, 2013, p. 303).

A instalação deste "invento social" se dá em quadros de disputas e tensões. Para António Nóvoa, a escola se torna um

> (...) componente essencial do Estado-nação e de um *ideal* de sociedade produzido e difundido, sistematicamente, por uma série de atores e agências. Ele não é fruto do acaso ou de um processo imprevisível. Ao contrário, é o resultado da conjugação de vários esforços, conduzidos por intelectuais, homens de Estado e educadores (NÓVOA, 2006, p. 197)[5].

[3] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm> Acesso em: 29 set. 2016.

[4] Do original: Apropriamo-nos aqui da expressão utilizada por José Gimeno Sacristán (*A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social (*Jussara Rodrigues, Trad.) Porto Alegre: Artmed Editora, 2001).

[5] Tradução livre. No original "... composante essentielle de l'État-nation et d'un *idéal* de société qui a été produit et diffusé, systématiquement, par toute une série d'acteurs et d'agences. Elle n'est pas le fruit du

No caso brasileiro temos no Quadro 1, a seguir, o registro sobre a aprovação das leis de obrigatoriedade escolar, as quais, além de reorganizar a vida social da infância e de suas famílias (ainda que isto se dê de forma lenta e gradativa) fazem surgir um comércio cada vez mais promissor e agressivo de consumo de construções e artefatos escolares.

Quadro 1 **-** Leis de Obrigatoriedade Escolar no Brasil

Província	Ano de Aprovação da Lei
Minas Gerais	1828 (em Mariana) e 1835 na Província e Minas Gerais
Goiás	1835
Ceará	1837
Piauí:	1845
Rio de Janeiro	1849 no Município neutro da Corte e no RJ em 1854
Grão Pará	1851
Paraná	1854
Maranhão	1854
Pernambuco	1855
Amazonas	1858
Sergipe	1858
Paraíba	1860
Rio Grande do Sul	1871
Espírito Santo	1873
Santa Catarina	1874
São Paulo	1874
Alagoas	1876
Mato Grosso	1880
Bahia	1889[6]
Rio Grande do Norte	1916

Fonte: Organizado pelas autoras com base em dados publicados no livro *Obrigatoriedade Escolar no Brasil (*VIDAL; SA; GASPAR, 2013)**.**

A instalação desta instituição, a escola, pressupõem o uso de tecnologias e o ensino de modos de operá-las. Para a instalação de escolas serão criados projetos e normativas,

hasard ou d'un processus imprévisible. Bien au contraire, elle est le résultat de la conjugaison de plusieurs efforts, menés par des intellectuels, des hommes d'État et des éducateurs..." Nóvoa (2006, p. 197).

[6] Dado localizado na dissertação de Mestrado, apresentada ao de Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia por SHIRLEY ALVES DA SILVA VINAGRE, no ano de 2014, com o título A OBRIGATORIEDADE ESCOLAR NA BAHIA (1870-1899). Disponível em http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1105151510.pdf. Acesso em 25/08/2016.

prescrevendo "modos e formas" de instalar, apoiados em geral em preceitos higienistas e sanitaristas e defendidos como elementos capazes de sintonizar ao progresso.

A educação escolarizada passa, rapidamente, a integrar o cardápio dos itens considerados de capital importância cada vez mais comuns nos rankings das nações. Com apoio em reflexão de Diana Vidal (2009), destacaríamos aqui o papel singular de duas ciências que oferecerão ferramentas para aferir, produzir dados e interpretá-los, a estatística e a educação comparada, usados "como estratégia de convencimento utilizada pelo discurso político do final do oitocentos" (VIDAL, 2009, p. 41). É interessante ver o quanto a estatística escolar vai ampliando seus itens quantificáveis, inicia com os sujeitos escolares e vai acolhendo, ao longo dos anos, um conjunto de itens materiais (prédios, mobiliários, material didático). Estas formas de aferição, de aperfeiçoamento dos processos educativos e promessas de alcance do progresso se materializam num conjunto de artefatos que ganharão as vitrines das Exposições Universais. "(...) como a modernidade educativa foi sendo reinventada, a partir de um signo de progresso que associava desenvolvimento científico e educativo à ampliação material da escola". (VIDAL, 2009, p. 43). A racionalidade do projeto educativo prevê itens como: formação específica para os docentes e em lugares especialmente destinados para tal - a Escola Normal; organização de um aparato jurídico de imposição da matrícula e mais tarde da frequência escolar; organização da oferta com a construção de prédios; aquisição de um conjunto de artefatos materiais necessários ao fazer docente. As Exposições Universais, vitrines dos produtos industrializados que cada vez mais se integram ao cotidiano, perceberam logo o filão e criaram espaços especialmente dedicados à apresentação e comercialização de um conjunto de objetos para as escolas.

Das Exposições Universais ou "grande bazar da indústria humana"[7]

Segundo Moysés Kuhlmann Jr., a partir da Exposição Universal de Paris de 1855 já se identificam entre os produtos expostos itens como:

> (...) mobílias e livros didáticos no grupo das indústrias relacionadas à ciência e ao ensino. ***Mas foi em 1862*** *que o tema passou a ganhar um relevo específico*. Desde então, a educação obteve cada vez mais destaque, chegando a ocupar espaços privilegiados nessas mostras, obtendo, em algumas delas, o prestígio de ser posta como o primeiro grupo na ordem de classificação. (KUHLMANN Jr., 2001, p. 30-31, grifo nosso)

[7] Esta expressão consta em matéria publicada sobre a Exposição de Londres (1851) no jornal *O Farol*. Caxias, 27 de setembro de 1851, ano II, n.74, p.4.

A constatação de Moysés Kuhlmann sobre o destaque a partir de 1862 para a temática educacional se ancora no extenso relatório do conselheiro Carvalho Moreira – documento este produzido na condição de presidente da comissão brasileira para a Exposição de Londres - no qual expõe o ineditismo deste "concurso industrial" de 1862. Nas palavras de Moreira o ineditismo foi marcado pela "aparição em corpo dos objetos destinados ao ensino entre os produtos da indústria" (MOREIRA, 1864, p.3)[8]. Carlos Moreira nos informa ainda que em Exposições anteriores já se visualizava a presença de livros de ensino, porém compreendia que a presença dos livros era "mais para significar um melhoramento qualquer na arte tipográfica e os primores de encadernação, do que a sua aptidão para os fins a que se destinavam" (idem, p.3).

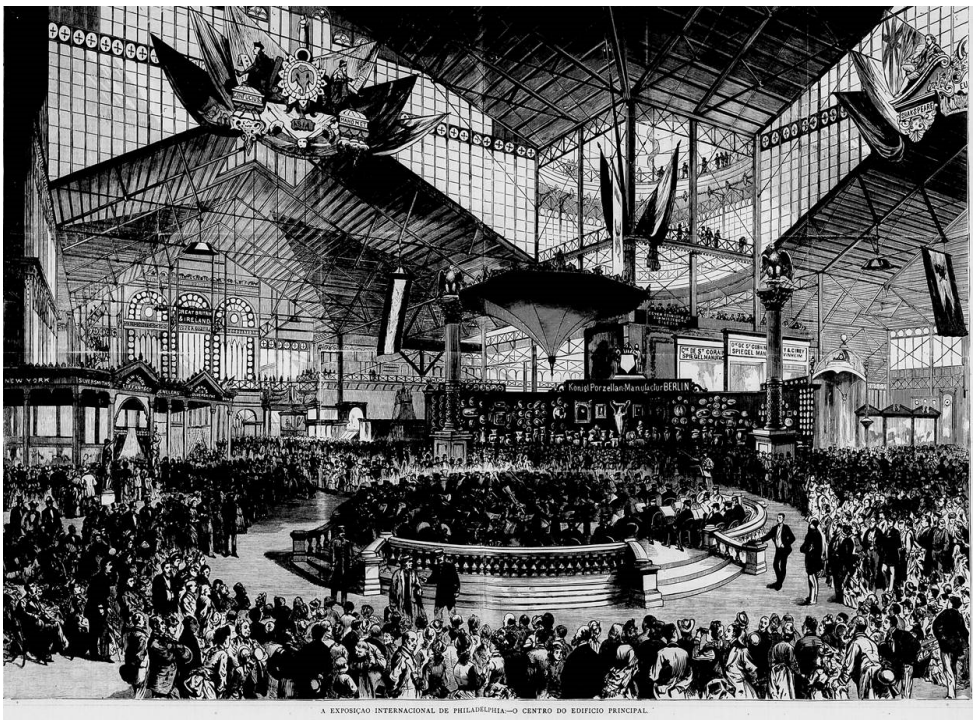


Imagem 1 - Gravura do ambiente interno do Edifício Central da Exposição de Filadélfia (1878). Fonte: *O Novo Mundo*. New-York/Rio de Janeiro, 24 de junho de 1876, n.69, p.194-195.

As Exposições Universais, ou nas palavras do então conselheiro Carvalho Moreira "concurso industrial", simbolizam o que se pode encontrar de consenso na literatura da área que trata do tema, como as "vitrines da modernidade" e "palcos do progresso" e condensariam, nos produtos expostos, o estado de avanço das nações, o desenvolvimento tecnológico e a construção do gosto (ou consumo) moderno. Vale a

[8] Este relatório foi transcrito e publicado no Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em vários dias no decorrer de março de 1864. O fragmento aqui exposto encontra-se publicado no dia 25 de março de 1864, ano XLIV, n.83.

pena retomar uma passagem[9] com a qual Sandra Pesavento abre seu livro "Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX".

> Com que espírito é preciso visitar a Exposição? É preciso vê-la com o mesmo espírito que presidiu a sua organização: é preciso vê-la para se instruir e para se divertir. Ela é para todo mundo, para todas as idades, para os sábios, assim como para os menos instruídos, uma incomparável 'lição de coisas'. O industrial aí encontra os modelos dos quais ele saberá aproveitar. O simples passante aí toma uma idéia geral e suficiente das maravilhas, sempre em progresso, da indústria moderna. Um pode aí encontrar o caminho da fortuna, pelo estudo dos processos aperfeiçoados de fabricação; outro aí encontra, com os objetos usuais colocados sob seus olhos, a satisfação econômica do seu gosto. (Apud PESAVENTO, 1997, p. 13)

Inserindo-se como tema e item das exposições a educação se consagra, também, como expressão do progresso tecnológico. Vale a pena visualizar o quadro abaixo (n.02) que apresenta uma cronologia das Exposições Internacionais. Iniciativas locais, ainda que tenham sido uma espécie de embrião deste tipo de evento, anteriores a 1851 e posteriores a 1922, não foram aqui computadas. Entendemos que é o ciclo abaixo o que tem merecido atenção quanto ao tema de que nos ocupamos aqui. Vejamos:

Quadro 2 - Exposições Internacionais

Ano	Cidade	País
1851	Londres	Inglaterra
1855	Paris	França
1862	Londres	Inglaterra
1865	Porto	Portugal
1867	Paris	França
1873	Viena	Áustria
1876	Filadélfia	Estados Unidos
1878	Paris	França
1879	Sidney	Austrália
1880	Melbourne	Austrália
1882	Buenos Aires	Argentina
1883	Antuérpia	Bélgica
1884	Nova Orléans	Estados Unidos
1888	Barcelona	Espanha

[9] Texto retirado do Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal. Paris. Exposition de 1889, p. 5. In.: PESAVENTO, Sandra Jathay. *Exposições Universais***:** Espetáculos da modernidade do Século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, p. 13, 1997.

1889	Paris	França
1893	Chicago	Estados Unidos
1897	Bruxelas	Bélgica
1900	Paris	França
1904	Luisiana	Estados Unidos
1906	Milão	Itália
1910	Bruxelas	Bélgica
1915	S. Francisco	Estados Unidos
1922	Rio de Janeiro	Brasil

Fonte: Organizado pelas autoras com base em Kuhlmann Júnior, 2001, p. 10, e demais fontes bibliográficas e jornais, como: *O Publicador*. Exposição Industrial, 22/maio/1866, ano V, n.1109, p.3-4.

A circulação e regularidade das Exposições atestam sua aceitação e indiciam sobre investimentos que os países fizeram para se colocarem no lugar de portadores de grandes novidades, seja por sediá-las, seja por nelas expor produtos. Os jornais de circulação à época das Exposições Universais teciam seus posicionamentos acerca da função e visibilidade destes grandes eventos. Afirmava-se em matéria da imprensa nos anos sessenta do século XIX que "a exposição é um dos meios de progresso reconhecido pelas nações" consideradas "cultas" (*O Publicador*, 1866, p.3) e que a história dessas Exposições seria "brilhante, não só pela ideia grandiosa que encerra, como pelo seu sempre crescente desenvolvimento" (idem, p.3). Representações (CHARTIER, 2002) distintas circulavam nos jornais sobre estes eventos internacionais. *O Farol,* ao se referir à Exposição de Londres de 1851, a caracterizou como um "grande bazar da indústria humana, prova patente do poder dos homens aplicados ao trabalho" (O Farol, 1851, p.4). De modo contrário, no *Periódico dos Pobres* há uma crítica à Exposição de Londres e, em linguagem irônica, se manifestam sobre o que se poderia ali encontrar:

> Meia dúzia de tinteiros de Braga. Um chapéu de pavorosas dimensões, que tem andado em exposição por espaço de seis anos na cabeça de um exército português. Meia dúzia de casacas de Penafiel. Ora em Londres hão de estranhar que as pudéssemos dispensar...Todas essas coisas, por certo hão de maravilhar, e deixar com cara de parvos todos os altivos bretões, etc...(Periódico dos Pobres, 1851, s/p.)[10]

[10] A matéria é assinada pelas iniciais N. do P. e faz menção que as observações foram extraídas do jornal *Nacional do Porto*.

Mas nestes eventos, não só os correspondentes de jornais e revistas se faziam presentes, os espaços dedicados à educação eram frequentados por professores das localidades próximas e por visitantes "comuns". O público alvo era formado por inspetores e autoridades do ensino que, vindos de diferentes partes do mundo, encontrariam novidades em termos de artefatos e métodos e os disseminariam com a compra ou adoção das ideias em seus lugares de origem. Na imagem a seguir (n.02), por exemplo, consta a divulgação de gravura, publicada em um periódico ilustrado em 1878, que apresenta um modelo de escola sueca que fora erigido, no setor dos edifícios especiais no Jardim Fairmount, na Exposição Internacional da Filadélfia, em 1878.

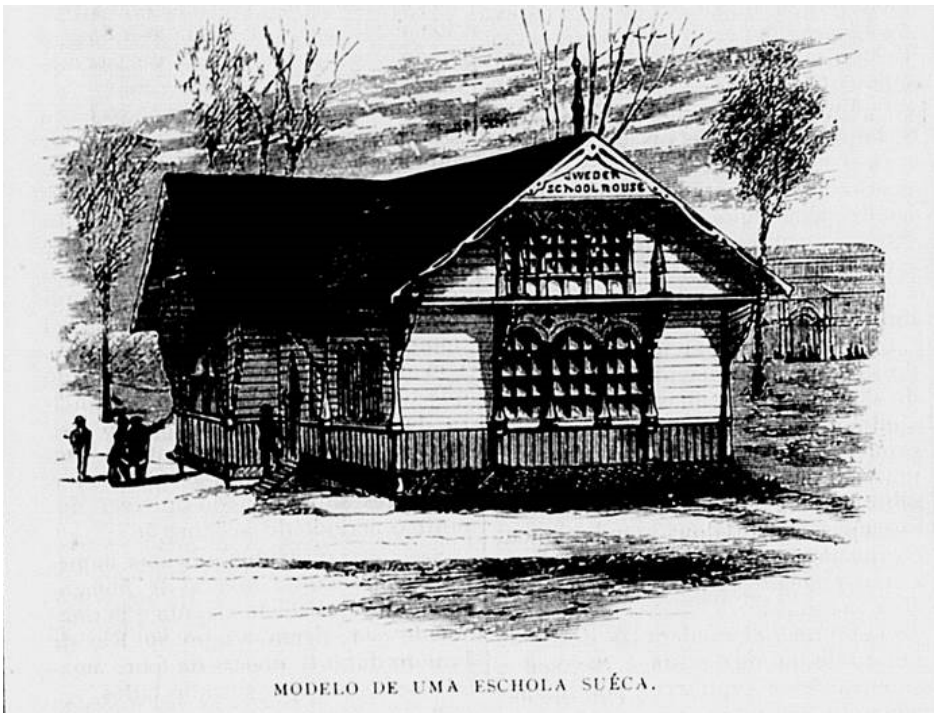


Imagem 2 - Gravura de modelo de uma escola sueca na Exposição da Filadélfia (1878). Fonte: *O Novo Mundo*. New-York/Rio de Janeiro, agosto 1876, p.232.

O periódico *O Novo Mundo* informa que essa divulgação se deve ao fato da Suécia ser compreendida, naquele momento, como o "país da Europa em que se acha mais desenvolvido o sistema de educação primária" (*O Novo Mundo*, 1876, p.233), ao ponto de, segundo as palavras do impresso, na Exposição de Viena (1873) a Suécia ter edificado "casas de escola que custaram 6.000 coroas" e a que "existe em Filadélfia custou 25.000 coroas e o edifício, apesar de simples, *é um dos atrativos da Exposição*" (idem, p.233, grifos nossos).

Como exposto, dentre os artefatos industriais, o repertório relativo ao universo da educação também compareceu com destaque em algumas Exposições Internacionais. Podemos também agregar, entre as novidades, os Museus Pedagógicos e Escolares como veremos a seguir.

Dos Museus Pedagógicos e Museus Escolares

Ainda que num primeiro olhar se possa entendê-los como sinônimos e muitas vezes se encontra esta recorrência em parte da literatura, entendemos ser oportuno demarcar aqui algumas diferenças entre museu pedagógico e museus escolar. Marília Petry e Vera Gaspar (2013), localizaram informações que ajudam a situar o leitor. Referindo-se aos museus com funções escolares as autoras indicam:

> Numa ligeira incursão por parte da literatura educacional do final do século 19 e início do século 20, pode-se distingui-los da seguinte maneira: o primeiro - escolar -, alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professores e a alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva. O segundo - pedagógico - caracteriza-se como um centro de formação para professores, onde seriam desenvolvidos, testados, apresentados e difundidos novos métodos, mobiliários e instrumentos didáticos. A distinção entre estes termos pode ser encontrada num conjunto importante de textos da literatura pedagógica, como no dicionário dirigido por Buisson (1887, 1911), no editado por Monroe (1926), no texto de Frazão, que compõe as atas do Congresso de Instrução Pública (1884 *apud* Vidal, 1999) e no artigo de Lemos (1923)[11] (PETRY; GASPAR da SILVA, 2013, p. 82)

Se os museus escolares se colocam como recurso didático para a atividade pedagógica, os pedagógicos seriam centros de formação por onde circulariam "novidades pedagógicas", subsídios teóricos para o aperfeiçoamento do professorado - o que, como exemplo, poderia acontecer através de conferências ou de publicações específicas e, o que mais nos interessa aqui, funcionariam como importante canal de difusão de produtos a serem consumidos por este grande público em franca expansão - o público escolar.

[11] Nota do original. No desejo de facilitar o acesso optamos por transcrever as referências completas: BUISSON, Ferdinand. Musées scolaires. In: BUISSON, Ferdinand (directeur**).** *Dictionnaire de pédagogie et d'Instruction primaire*. Paris: Librairíe Hachette, 1887, pp. 1991-1993. BUISSON, Ferdinand. Musées scolaires. In: BUISSON, Ferdinand (directeur). *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire.* Paris: Librairie Hachette et C^{ie}, v. 2, 1911, pp. 1376-1378. MONROE, Paul. Museums educational & museums school. In: MONROE, Paul. *A cyclopedia of education*. New York: The Macmillan Company, v. 4, 1926. pp. 336-341. Frazão Apud VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século 19. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Org.). *A memória e a sombra***:** a escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 107-116. LEMOS, Álvaro Viana de. Centro de cultura para professores: bibliotecas e museus. *Revista Escolar*, v. 3, n. 4, p. 97-105, 1923..

Tanto os Museus Pedagógicos como os Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos e comercializados prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Como vitrine singular a favor da indústria, as Exposições Universais ganham projeção, investimentos de grande monta e setorizam a comercialização de produtos, incluindo aqueles destinados a escola de massas. Se no Quadro n. 2, apresentado anteriormente, foi possível visualizar um percurso cronológico das Exposições Universais, o que segue registra a criação de Museus Pedagógicos em diferentes países. Interessa-nos realçar a sincronia entre os dois movimentos Exposições Universais e Museus Pedagógicos, ambos iniciando em 1851, um em Londres / Inglaterra, outro em Stuttgart / Alemanha, ambos emergindo em berços do mundo industrial.

Quadro 3 - Relação dos Museus Pedagógicos criados entre 1850-1906

Lugar	Nación	Año	Lugar	Nación	Año
Stuttgart	Alemania	1851	**Gotha**	Alemania	1889
Hambourg	Alemania	1855	**Monevideo**	Uruguay	1889
Toronto	Canadá	1857	**Bozen**	Autria-Hungría	1889
Londres	Inglaterra	1857	**Praga**	Autria-Hungría	1890
Saint-Pétersbourg	Rusia	1864	**Kiel**	Alemania	1890
Leipzig	Alemania	1865	**Breslan**	Alemania	1891
Viena	Austria-Hungría	1872	**Hildesheim**	Inglaterra	1891
Roma	Italia	1874	**Londres**	Inglaterra	1892
Zürich	Suiza	1875	**Wofenbüttel**	Alemania	1892
Munich	Alemania	1875	**Hanovre**	Alemania	1892
Berlín	Alemania	1875	**Bamberg**	Alemania	1896
Donauwoerth	Alemania	1876	**Posen**	Alemania	1897
Berlín	Alemania	1877	**Rixdorf**	Alemania	1897
Magdebourg	Alemania	1877	**Hambourg**	Alemania	1897
Budapest	Austria-Hungría	1877	**Laibach**	Austria-Hungría	1898
Amsterdam	Holanda	1877	**Belgrado**	Yugoslavia	1898
Tokio	Japón	1878	**New York**	EE.UU.	1900
Berna	Suiza	1878	**Oldembourg**	Alemania	1900
París	Francia	1879	**Frncfort-sur-le-Mein**	Alemania	1900
Bruselas	Bélgica	1880	**Cologne**	Alemania	1901
Palermo	Italia	1880	**Agram**	Austria-Hungría	1901
Regensbourg	Alemania	1880	**Lausanne**	Suiza	1901
Washington	EE.UU.	1881	**Christiania**	Noruega	1901
Genes	Italia	1881	**Brême**	Alemania	1902
Koenigsberg	Alemania	1881	**Viena**	Autria-Hungría	1903
Augsbourg	Alemania	1882	**Kolberg**	Alemania	1904
Graz	Austria-Hungría	1882	**Stade**	Alemania	1904
Rio de Janeiro	Brasil	1883	**Straubing**	Alemania	1904
Lisboa	Portugal	1883	**Dresde**	Alemania	1904
Madrid	España	1884	**Danzig**	Alemania	1904
Fribourg	Suiza	1884	**Sofía**	Bulgaria	1905

Copenhague	Dinamarca	1887	**Atenas**	Grecia	1905
Neuchâtel	Suiza	1887	**Lucerne**	Suiza	1905
Aarhus	Dinamarca	1887	**Saint-Louis**	EE.UU.	1905
Buenos Aires	Argentina	1888	**Gleiwitz**	Alemania	1905
Innsbruck	Austria-Hungría	1888	**Postdam**	Alemania	1905
Rostock	Alemania	1888	**Dresde**	Alemania	1905
Jena	Alemania	1889	**Wurzbourg**	Alemania	1905

Fonte: Ángel García del Dujo, *Museo Pedagogico Nacional (1882-1941): teoría educativa y desarollo histórico*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 179-181, 1985. (Datos de Max Hübner. *Die ausländischen Schulmussen*. Alemania: Breslan, 1906, recogido por M. Pellisson, Musées Pédagogiques, en F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, p. 1367-1376, 1911). Apud: MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z.[12], p. 3-4, 2014.

Este quadro (n.03), localizado em recente texto de Kazumi Munakata e Katya Braghini (2014, p. 2-4) retrata a profusão da ideia e a força política e comercial que a impulsiona[13]. Os autores indicam, com base nos dados apresentados, que

> (...) entre 1851 e 1905 criaram-se mais de 70 museus pedagógicos pelo mundo, abrangendo regiões e países não apenas da Europa e da América do Norte, mas também Japão (1878), Brasil (1883), Argentina (1888) ou Uruguai (1889). Essa rápida e ampla circulação da proposta desse equipamento pedagógico e sua apropriação pelas instituições educacionais dessas localidades inviabiliza qualificar esse processo como "influência" e "transplante" de ideários do "centro" para "periferia", sendo mais apropriada a abordagem da história transnacional. (MUNAKATA; BRAGHINI, 2014, p. 1)

Para Martin Lawn (2013), a presença dos Museus Escolares está conectada com a entrada em cena do ensino pelas lições de coisas. Segundo o autor, a forma de compor estes museus, para o caso da Inglaterra, era diversificada, mas em todos os casos havia a necessidade de organização de um espaço no qual se pudessem armazenar os materiais recolhidos, garimpados, comprados ou ganhos. Uma das formas de se compor os museus seria pela ajuda de empresas que disponibilizariam amostras grátis de seus produtos.

Objetos de utilidade prática para o ensino elementar e tecnologias que portam

Como temos reiterado, o alargamento do acesso das crianças à escola provocado, em grande parte, pela aprovação das leis de obrigatoriedade escolar, implicou a constituição

[12] Agradecemos a Katya M. Z. Braghini o acesso a este texto. O quadro foi por nós reorganizado para efeitos de visualização, mantendo o conteúdo registrado por Munakata e Braghini.

[13] Os autores se valem desta proliferação para advogar a favor da abordagem da história transnacional, nos termos operados por Gabriela Ossenbach e María del Mar del Pozo e indicam como publicação o artigo Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin America: a research agenda. *Paedagogica Historica*, v. 47, n. 5, p. 581-582, oct. 2011..

de um aparato que materializaria os projetos de escolarização. Ainda que se observem diferenças no modo de operacionalizá-los há similaridades que saltam aos olhos, como estabelecimento da necessidade de locais especialmente destinados para este fim, definição de horários, de conteúdos, de diretrizes para formação de professores e do aparato pedagógico como quadro-negro ou de ardósia, lousas, mapas, globos, penas entre outros.

Segundo Martin Lawn e Ian Grosvenor (2013) as escolas inglesas viveram inicialmente dentro de uma cultura do "fazer e emendar[14]" na qual a escola:

> Sobreviveu sem um poder de compra significativo, encontrando deste modo soluções que não envolviam despesas, e assim conservou e reutilizou todos os materiais encontrados. Era uma economia de escambo, e, acima de tudo, isso simbolizava uma cultura, denominada em algumas regiões pela expressão 'fazer e emendar'. Os professores representavam um tempo em que as pessoas resolviam seus problemas de trabalho criando as suas próprias soluções – uma abordagem artesã - e uma economia escolar que não tinha recursos financeiros significativos. (LAWN; GROSVENOR, 2001, p. 125, Apud LAWN, 2013, p. 235)

Ainda seguindo na reflexão de Martin Lawn, na Inglaterra da virada do século XIX para o XX as "revistas que foram produzidas para os professores ofereciam soluções práticas para a falta de recursos..." (LAWN, 2013, p. 235). A industrialização de parte destes objetos surgia como solução e asseguraria, inclusive, a ampliação da rede de escolas. Grande parte dos objetos com estas funções materializaram progressos tecnológicos importantes que irão estabelecer um vínculo nada desprezível entre a escola, a indústria e a inovação tecnológica.

Divulgados e comercializados nas Exposições os apetrechos materiais assumem uma "utilidade prática no ensino elementar" (O Paiz/RJ, 15/05/1890, p.3) que, além de apoiar a atividade pedagógica também educam para o consumo de produtos industrializados. São ardósias, penas, livros, quadros parietais, carteiras modernas, "mapas de todas as nações do globo, fotografias dos edifícios das principais escolas da Europa e América, esferas, instrumentos de química, física e astronomia, bustos, estampas, coisas naturais e artefatos humanos, figuras geométricas e trigonométricas, uma infinidade de pinturas a crayon, nanquim, aquarela e óleo..." (idem). Um conjunto de objetos, que utilizados como "condutores de uma suposta modernidade" (SCHRIEWER, 2000), corroboram em um processo de debates acerca dos modelos de escolarização para a infância.

[14] Embora se tenha traduzido assim, no texto temos indicativos de que seria uma espécie de escambo.

Um dos itens do aparato material que conformaria a escola é o mobiliário e nele as carteiras escolares se transformariam em ícones, objetos que sozinhos representam a escola. Mobiliário e carteiras escolares irão compor uma agenda de debates e integram catálogos de fabricantes que passam a circular nas exposições universais, nos jornais e periódicos.

MANUAL DE OBJECTOS DE ESCHOLA,
Com mais de 400 illustraçoens.
Contém explicações sobre mais de 4,000 artigos de uso escholar. Illustra Apparelhos e Lousas para demonstrar os exemplos, Livros, Quadros, Globos, Apparelhos para escholas infantis denominadas "Kindergarten;" Mappas, Artigos de exercicios gymnasticos, Jogos demonstrando objectos, em madeira, e Livros de Ensino—os melhores que existem.
MOBILIAS MODERNAS E DE GOSTO PARA ESCHOLAS,
Escrevaninhas de $4000 para cima, e em summa o que se usa em escholas.
Remette-se para qualquer paiz mediante $1.00 por exemplar.
As Nossas Escrevaninhas d'Assembléa e Bancos
Combinam a patente de Munger e a de Allen, denominada "De Assento de Opera."
São economicos tanto em preço como no espaço que occupam; são reforçados e singelos em construcção; faceis para tornal-os em "assento de reuniões" quando estiverem servindo de mesa de escripta e assento na escholas. Estão sendo muito apreciados. Quando estão fechados d'uma vez não occupam mais que 1 pé de largura, deixando assim bastante espaço aos discipulos para os exercicios gymnasticos, passagem, etc. etc.
Esta mobilia se adapta especialmente ao transporte. Está sendo muito usada em toda a America do Norte e vantajosamente acreditada em varios paizes da America do Sul.
J. W. SCHERMERHORN & CO., fabricantes.
14 Bond Street, New York.

Imagem 3 - Anúncio de escrivaninhas e bancos escolares em periódico em circulação no Brasil. Fonte: O *Novo Mundo*. New York-Rio de Janeiro, 23 de abril de 1876, p.162.

Parte significativa deste debate estará a cargo dos médicos higienistas que passam a analisar e prescrever modelos que evitariam problemas infantis que poderiam ser traduzidos como "doenças dos escolares" como lordose, escoliose e miopia. A esse respeito, por exemplo, a revista Gazeta Médica em 1878 apresenta uma extensa matéria sobre higiene escolar e afirma (com base nos estudos do oftalmologista Hermann Cohn), que a "deficiência de luz, e a má disposição da mobília escolar eram as causas principais do desenvolvimento da miopia nas classes escolares" (Gazeta Médica, 1878, p.293).

Neste contexto de debates acerca das questões pedagógicas e do mobiliário escolar, é recorrente encontrarmos referências aos estudos e conferências de Monsieur Bagnaux[15]. Em conferência proferida aos professores delegados participantes da Exposição

[15] A conferência de M. de Bagnaux foi publicada em volume intitulado *Conférences pédagogiques faites à la Sorbonne*, en août 1878, *aux instituteurs délégués* ; Paris : Hachette et Delagrave, 2e édition. Para saber mais acesse *Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle* 2010/4 (v.43). Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-sciences-de-l-education-pour-l-ere-nouvelle-2010-4-page-123.htm#no3>. Acesso em: 07 set. 2016.

Universal de 1878, realizada em Paris, Monsieur Bagnaux apresenta modelos produzidos em diferentes países conforme ilustração abaixo. São objetos de utilidade prática para o ensino elementar que portam diferentes tecnologias e representariam, de alguma forma, o estágio de desenvolvimento industrial, para o setor, destes países. São diferentes formas de trabalhar a madeira com encaixes, articulações, apoio para os pés como forma de proteger da umidade e do frio, além de acomodar melhor o corpo das crianças, espaços para guardar os materiais e liberar a mesa que abrigaria livros e os suportes de escrita (lousas e cadernos, por exemplo), inscrição de símbolos como vemos no caso do modelo belga.

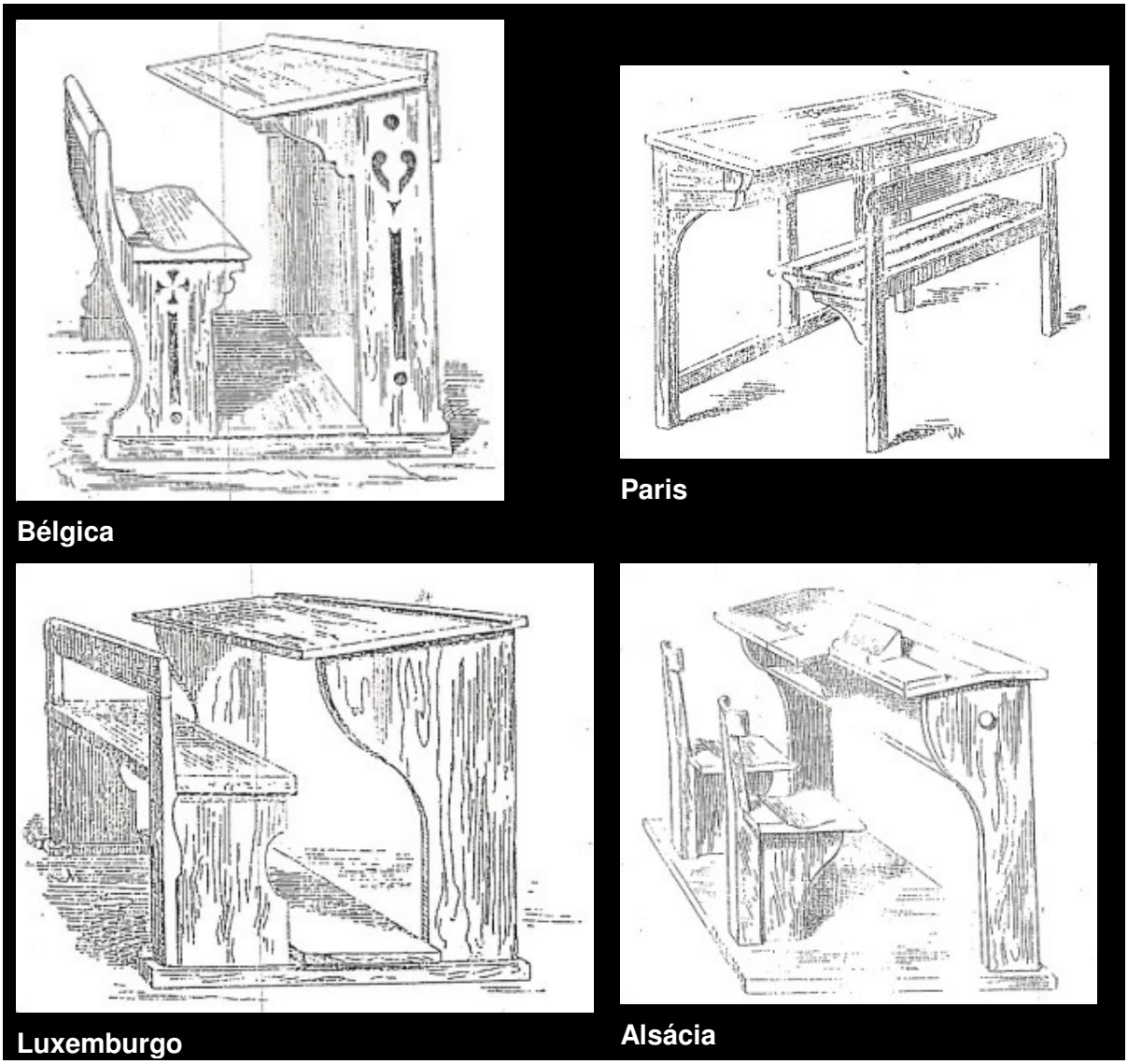


Imagem 4 - Modelos de carteiras escolares. Fonte**:** DE BAGNAUX, J.. Conférence sur le mobilier de classe, le matériel d'enseignement et les museées scolaires, faite aux instituteurs delegues à l'Exposition Universerselle de 1878, p.9.

Os Manuais Pedagógicos, elaborados para subsidiar a formação de professores e, em grande parte, adotados nas Escolas Normais, também trazem indicações dos materiais que deveriam compor as escolas e as salas de aulas. Considera-se esta uma fonte que amplia o leque de recursos interpretativos acerca da dimensão material sugerida (ou prescrita) às escolas e de seus usos. Acompanhando António Carlos Correia e Vivian Batista da Silva, entende-se que esses livros

> [...] manifestam rituais das aulas ministradas junto aos normalistas e, principalmente, fazem circular determinados saberes, procedimentos e actividades que deverão ser reproduzidos pelos estudantes quando do exercício do magistério. Definem-se assim regras tidas como ideais para se conduzir o ensino ou, em outras palavras, delimitam-se rituais ou ritos específicos da escola (SILVA, 2002, p.3).

O "*Curso Práctico de Pedagogia:* Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normaes Primarias e aos Instituidores em Exercício", de autoria do francês Jean Baptiste Daligualt (1811-1894), então diretor da escola de Alençon (França), publicado originalmente na França em 1851 pela editora parisiense *Dezobry et E. Magdeleine*, vai ter grande circulação sendo que no Brasil ganhará ao menos duas traduções (1856/Santa Catarina e 1865/Pernambuco). Neste Manual, o autor investe na apresentação de uma relação dos principais objetos que deveriam compor a mobília (é assim que aparece no original) de uma escola dirigida pelo “méthodo mixto ou simultâneo”. São eles:

> "1º Estrado...{ mesa e cadeira do professor;
> 2º Carteiras {Tinteiros. Ardósias. Caixetas;
> 3º Indicador;
> 4º Campainha;
> 5º Porta-pennas;
> 6º Quadros pretos envernizados;
> 7º Quadros de leitura e outros;
> 8º Ponteiros dos repetidores;
> 9º Cabides;
> 10º Taboinha de sahida;
> 11º Armario;
> 12º Relogio;
> 13º Crucifixo;
> 14º Fogão;
> 15º Thermometro." (DALIGAULT, 1874, p. 49-50)

Temos aqui um conjunto de objetos de utilidade prática para o ensino elementar que expressam determinado desenvolvimento tecnológico, além de indicarem marcadores importantes e elementos da organização pedagógica. Sem o desenvolvimento de tecnologias que permitiram a fabricação em larga escala, não seria possível ter nas

escolas, cujo número se alargava consideravelmente já neste período, esta diversidade de artefatos. Temos marcadores de tempo como campainha, ponteiros dos repetidores e relógios[16]. Também é possível localizar um indicativo de organização da sala de aula: o estrado sobre o qual o professor faria a exposição das lições com apoio dos Quadros pretos envernizados e Quadros de leitura e outros. Temos o indicativo da prática de leitura e da escrita representada pelos tinteiros e ardósias[17]. Aliás, no caso da leitura e da escrita a busca por invenções para melhorar o processo chega a elaborações engenhosas, como é o caso de uma máquina desenvolvida em finais do século XIX como relata Isabel Frade,

> (...) uma máquina para alfabetizar buscando inovação em formato/aparelhos para melhorar o processo de ensino da leitura. Trata-se do Eletrodidascalo, invenção de Isidoro Pinho com cilindros que se movem por atração magnética para operar combinações em montagens de frases e historietas. O aparelho teria sido testado perante Ruy Barbosa, tradutor e adaptador da obra *Lições de Cousas*, de Calkins (FRADE, 2016, p.429).

Ainda segundo Isabel Frade, esta obra seria anunciada na Revista de Ensino de Ouro Preto de 28 de fevereiro de 1887, como forma de aplicação da eletricidade ao ensino. Aliás, a obra *Lições de Cousas* será um importante recurso para disseminação do método intuitivo que, segundo Vera Valdemarin, possibilitou colocar as crianças em contato com um modelo de sociedade, a sociedade capitalista.

> (...) Iniciando as lições sobre as formas com os objetos presentes no cotidiano das crianças, o programa de ensino progride até chegar a objetos industrializados ou elementos naturais, isto é, fabricados ou postos a serviço do homem. Nessa seqüência de lições, é possível identificar a ênfase dada a um modelo social específico, qual seja, aquele pautado no trabalho industrial, portador de um modelo formativo que tem a racionalidade e a produção de objetos e mercadorias como seus valores prioritários (VALDEMARIN, 2004, p. 131).

[16] Sobre este tema Suzana Grimaldi Machado está desenvolvendo pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC – (Curso de Mestrado), articulada ao Projeto de Pesquisa "Objetos em Viagem*:* Discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária em países ibero-americanos (1870 - 1920)" (CNPq / CAPES / FAPESC / UDESC).

[17] Sobre este tema sugerimos a leitura do texto Isabel Cristina Alves da Silva Frade: Materiais utilizados para ensinar a ler e escrever no Brasil: significados e pragmática (1840-1960) (In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez & CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor***:** Perspectiva histórica.1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, p. 421-448, 2016). Nas palavras da autora, neste artigo ela "problematiza formatos e modos de apresentação de materiais para o ensino das primeiras letras desde o final da década de 1830 até 1960, considerando os suportes (cartas, tabelas, tábuas, folhetos, livros, cartazes), sua possível pragmática, o modo de produção/reprodução (manuscrito, impresso) e a organização de suas páginas." (p. 422).

Diante do exposto, nos cabe reafirmar a potencialidade das análises acerca da materialidade pedagógica e sua articulação entre os museus pedagógicos e escolares e as exposições internacionais, assim como com as feiras nacionais que foram realizadas no percurso de meados do século XIX e XX. Estas feiras, como indicado no texto, condensariam muitos dos avanços tecnológicos e os popularizariam. Ao mesmo tempo, nos interessa também indicar como caminho investigativo e de análise de iniciativas de várias províncias brasileiras com relação ao provimento material das escolas e a criação de museus pedagógicos e escolares.

Referências

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, p.13-28, 2002.

DITTRICH, Klaus. As exposições mundiais como meios para a circulação transnacional de conhecimentos sobre o ensino primário durante a segunda metade do século 19. *Revista História da Educação*, v. 17, n. 41. set/dez, p. 213-234, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/36019>. Acesso em: 30 set. 2016.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Materiais utilizados para ensinar a ler e escrever no Brasil: significados e pragmática (1840-1960). In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor:* Perspectiva histórica.1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, p. 421-448, 2016.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; CARDOSO da SILVA, Carolina Ribeiro; GRIMALDI MACHADO, Suzana. Leituras Recomendadas: Manuais Pedagógicos na formação de professores do Ensino Primário. In: CASTELLANOS, Samuel Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Livro, Leitura e Leitor: Perspectiva histórica*.1 ed. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2016. p. 379-399.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; VALLE, Ione Ribeiro. Obrigatoriedade Escolar em Santa Catarina: Da obrigatoriedade pela força à força da obrigatoriedade. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil.* 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013. p. 303-319.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Objetos em viagem: discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária (Brasil e Portugal, 1870 - 1920). *Revista Brasileira de História da Educação*, v.13, p. 207-233, 2013. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/rbhe.2014.010>. Acesso em: 07 set. 2016.

HORTA, J. S. B. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 5-34, julho, 2013.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 222 – 243,

jan.jun. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238142620132222/2541>. Acesso em: 27 ago. 2016.

MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z.. Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional. In: XVIII Jornadas Argentinas de Historia de la Educación, 2014, General Sarmiento. *Historia de la educación: usos del pasado y aportes a los debates educativos contemporáneos*. *Anais*... General Sarmiento: Sociedad Argentina de Historia de la Educación, 2014. p. 1-11.

NÓVOA, António Manuel Sampaio da. *La construction du «modèle scolaire» dans l'Europe du Sud-Ouest (*Espagne, France, Portugal) Des années 1860 aux années 1920. Thèse de Doctorat d'Histoire. Paris: Université Paris IV – Sorbonne - École Doctorale d'Histoire Moderne et Contemporaine - Centre d'Histoire du XIXe siècle, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2007.

PETRY, Marilia Gabriela; GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Museu Escolar: Sentidos, propostas e projetos para a escola primária (Séculos 19 e 20). *Revista História da Educação* [Online]. Porto Alegre v. 17 n. 41, p. 79-101, Set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v17n41/06.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SCHRIEWER, Jürgen. Estados-Modelo e Sociedades de Referência: externalização em processos de modernização. In: NÓVOA, Antonio; SCHRIEWER, Jürgen (Eds). *A Difusão Mundial da Escola*. Lisboa: EDUCA, 2000. p. 103-120.

SOUZA, Gizele de. História da Educação Infantil no Brasil: lugares, propósitos e ações que conformaram o jardim de infância e a creche como espaços de educação das crianças. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ARAÚJO, Vania Carvalho de. (Orgs.). *História da Educação e da Assistência à Infância no Brasil*. 1ed.Vitória: EDUFES, 2011, v. 8, 2014. p. 245-272.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

VALDEMRIN, Vera T. *Estudando as lições de coisas:* estudo sobre os fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

VEIGA, Cynthia Grieve. Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000. p.1-9.

VEIGA, Cynthia Greive. A materialidade das escolas nas primeiras décadas republicanas e desigualdades das condições de infância (Minas Gerais, 1906-1927). In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015, Maringá. *Anais...* VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015. p. 1-15.

VIDAL, Diana Gonçalves. Faces da obrigatoriedade escolar: lições do passado, desafios do presente. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil***.** 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013. p. 11-20.

VIDAL, Diana Gonçalves. A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler,

MARIANO, Serioja (Orgs.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 39-58.

VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia (Orgs.). *Obrigatoriedade Escolar no Brasil***.** 1. ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso EdUFMT, 2013.

VINAGRE, Shirley Alves da Silva. A obrigatoriedade escolar na Bahia (1870-1899). *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1105151510.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Fontes

DE BAGNAUX, J (1879). Conférence sur le mobilier de classe, le matériel d'enseignement et les museées scolaires, faite aux instituteurs delegues à l'Exposition Universerselle de 1878.

DALIGAULT, Jean Baptiste. *Curso Práctico de Pedagogia:* Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normaes Primarias e aos Instituidores em Exercício. Traduzido por Joaquim Pires Machado Portella. 2. ed. (Melhorada pelo traductor e acompanhada da tradução de uma Lição de Mr. Dumouchel sobre Methodos). Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho (Editor), 1874. (Coleção "Paulo Bourroul", doada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo para a Biblioteca da FEUSP).

DALIGUALT, Jean Baptiste. *Curso Pratico de Pedagogia.* Tradução de Franc de Paulicéia Marques de Carvalho. Desterro: Typografia Ribeiro & Caminha, 1870. Acervo: Biblioteca Central UFSC.

MOREIRA, Carvalho. Transcrição: A Exposição Internacional de Londres em 1862. Relatório do Sr. Conselheiro Carvalho Moreira, Presidente da Comissão Brasileira. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1864, ano XLIV, n.83.

O Farol. A Exposição. Caxias, 15 de setembro de 1851.

O Farol. A Exposição. Caxias, 27 de setembro de 1851.

O Novo Mundo. A Exposição Internacional de Filadélfia. New-York/Rio de Janeiro, 24 de junho de 1876.

O Novo Mundo. A Exposição de Filadélfia. New-York/Rio de Janeiro, agosto 1876.

O Paiz. A Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1890.

O Publicador. Exposição provincial. 22 de maio de 1866.

Periódico dos Pobres. Uma crítica à Exposição de Londres. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1851.

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA QUÍMICA E DA DIETÉTICA NO CENTRO DE MEMÓRIA DA ETEC CARLOS DE CAMPOS (SP): a catalogação como instrumento de proteção

Maria Lucia Mendes de Carvalho[*]

Marcus Granato[**]

Resumo

O presente trabalho apresenta o processo metodológico e os resultados de pesquisa realizada para preservar o patrimônio cultural da Química e da Dietética existente no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, em São Paulo. Esse acervo pertence ao período de 1931 a 1976 e o Centro de Memória está localizado em um espaço arquitetônico que pertenceu ao Dispensário de Puericultura da Escola, criado pelo diretor Horácio Augusto da Silveira, em outubro de 1931. Nesse espaço foram desenvolvidas práticas escolares e pedagógicas com as estudantes de educação doméstica, funcionando também no campo de estágio para a formação de professoras da educação profissional. Em 1939, nessa instituição, surgiu o primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil, criado pelo médico Francisco Pompêo do Amaral para formar técnicas em alimentação. A metodologia de pesquisa utilizada incluiu levantamentos de fontes primárias e secundárias, registro dos objetos selecionados para constituir o acervo, organização da reserva técnica, organização de eventos e publicação de textos para divulgação dos resultados. Além disso, para difundir esse acervo e dinamizar estudos e pesquisas na educação profissional produziu-se um catálogo com 76 objetos de Química e 81 de Dietética. Os objetos estão expostos de forma permanente nas reservas visitáveis e divulgados no *website* institucional. Esse catálogo, em texto introdutório, traz uma análise das transformações na arquitetura escolar, articulada com o conjunto de artefatos ainda ali existentes e referentes às práticas de laboratórios nessa

[*] Centro Paula Souza, Rua dos Andradas, 140, São Paulo, Brasil. marialuciamcarvalho@hotmail.com. Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável pela UNICAMPI, Mestre em Engenharia Química pela USP, Bacharel em Química pela USP, Engenheira Agricola pela UNICAMPI. Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriromente, gerente de pesquisa e desenvolvimento. É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (CPS).

[**] Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rua General Bruce 586, Rio de Janeiro, Brasil. marcus@mast.br. Engenheiro metalúrgico e de materiais pela UFRJ, M.Sc. e D.Sc. em Engenharia de Materiais pela COPPE/UFRJ, Coordenador de Museologia do MAST/MCTIC, vice-coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST), bolsista de produtividade 1C do CNPq.

Instituição em diferentes épocas. Finalmente, inclui-se uma reflexão sobre as suas possibilidades de musealização desse acervo.

Palavras-chave: Patrimônio; Patrimônio do ensino; História da Química; História da Dietética; Cultura Material.

Abstract

This paper presents the methodological process and the results of a research carried out to preserve the cultural heritage of Chemistry and Dietetics existing in the Memory Center of Carlos de Campos State Technical School, in São Paulo. This collection belongs to the period 1931-1976 and the Memory Center is located in an architectural space that belonged to the Dispensary of Child Care School, created by director Horacio Augusto da Silveira, in October 1931. In this space school and pedagogical practices were developed with the students of domestic education, also working in the field of training of teachers of vocational education. In 1939, in this same institution, the first course in the field of food and nutrition in Brazil was created by the physician Francisco Pompêo do Amaral, for graduating technicians. The methodology used included surveys of primary and secondary sources, registration of objects selected to constitute the collection, organization of technical store, organizing events and publishing texts for dissemination of results. Furthermore, to spread this collection and streamline studies and research in education it was produced a catalog with 76 objects of Chemistry and 81 of Dietetic. The objects are exhibited permanently in the visitable technical store and released in the institutional website. This catalog, in an introductory text, provides an analysis of changes in school architecture, combined with the set of artifacts still therein and relating to laboratory practices in this institution at different times. Finally, it includes a reflection on the musealization possibilities of this collection..

Key words: Heritage; Teaching Heritage; Chemistry History; Dietetics History; Material Culture.

Introdução

O trabalho aqui apresentado é parte de pesquisa sobre o patrimônio cultural da Química e de Dietética existente no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, proveniente do período de 1931 a 1976. Essa Escola surgiu pelo decreto estadual No. 2.118-B, de 28 de setembro de 1911, como primeira Escola Profissional Feminina, da capital, em São Paulo.

O objetivo da pesquisa é preservar os objetos da ciência e tecnologia que pertenceram às práticas científicas, escolares e pedagógicas do curso de Auxiliares em Alimentação, criado pelo médico Francisco Pompêo do Amaral (1907-1990), que foi cientista, jornalista, professor e escritor no campo da alimentação e nutrição. Para compreender essas práticas associadas aos objetos expostos, nesse centro de memória, as biografias desses professores e gestores têm sido pesquisadas e publicadas (CARVALHO, 2011, 2013, 2015a, 2015b; CARVALHO & FAGNANI, 2013).

Com esse trabalho pretende-se também apresentar o processo metodológico utilizado para estabelecer e organizar o espaço edificado onde se guarda esse acervo. A edificação está relacionada com a análise das transformações na arquitetura escolar e se articula com o conjunto de artefatos ainda ali existentes e referentes às práticas de laboratório na época. Ao final do texto, inclui-se uma reflexão sobre as suas possibilidades de musealização, e discussão da importância desse Centro de Memória como espaço de preservação e pesquisa. Quanto às práticas realizadas nesse espaço de ensino e saúde, entre 1931 e 1976, essas foram apresentadas em congressos e estão publicadas em anais ou revista científica (CARVALHO, 2006, 2006a, 2007a, 2007b).

Em 1931, Horácio Augusto da Silveira, diretor da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, instituiu o curso de Formação de Mestres em Educação Doméstica para formar professoras para o ensino profissional.

A proposição de estudar para preservar esse acervo referente ao patrimônio cultural da Química e da Dietética, está relacionada à História da educação profissional, desde a introdução da Química nos cursos profissionalizantes, em 1934 (SILVEIRA, 1937), incluindo a criação do primeiro curso no campo da Alimentação e Nutrição, no Brasil, nessa escola feminina, em 1939 (POMPÊO DO AMARAL, 1939).

Espaços, objetos e práticas: a arquitetura escolar, os artefatos e suas possibilidades de musealização

O curso de “Auxiliares em Alimentação” foi criado para formar técnicas em alimentação, e como complemento do currículo do curso de Educação Doméstica, em 1939. Enquanto que, no continente europeu, esses cursos surgiram em meados do século XIX, como confirma o trecho selecionado a seguir.

> En Francia se fundaron las primeiras escuelas de cocina en la ciudades de Reims y de Rouem, ciudades situadas al noroeste de París; la primeira en el año de 1873 y la segunda en 1879. En Inglaterra se fundó la primera Escuela Normal Nacional de Cocina en 1873. En Alemania, la enseñanza de la disciplina se inició em 1886 con la criación de la primera escuela municipal de economía doméstica y en 1897, se creó la primera escuela nacional del mismo tipo (BRAVO, *apud* ORTIZ, 2015, p.118).

A aula inaugural do curso de “Auxiliares em Alimentação” aconteceu em 17 de maio de 1939, no edifício monumento (Figura 1). Observando a arquitetura escolar desse edifício da década de 1930, em 2016, constata-se que possui dois andares com corredores que dividem o edifício. Uma escadaria de mármore, do lado do elevador antigo, que já não

mais funciona. No térreo, com amplas janelas envidraçadas, do lado direito estão as Diretorias de Serviço e Acadêmica, a Secretaria Acadêmica, e do lado esquerdo, a Portaria e o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, onde funcionou o antigo Dispensário de Puericultura da Escola.

Mas retomando a descrição da arquitetura escolar do edifício monumento, ainda no térreo estão as salas de aula, com amplas janelas, que dão para o pátio interno, com vista para a quadra esportiva, onde existiu o palacete que deu origem a Escola Profissional Feminina da capital, em 1911 (Figura 2). Essa quadra esportiva foi construída, provavelmente, na década de 1970, quando surgiu uma nova edificação anexa a esse edifício (Figura 3).

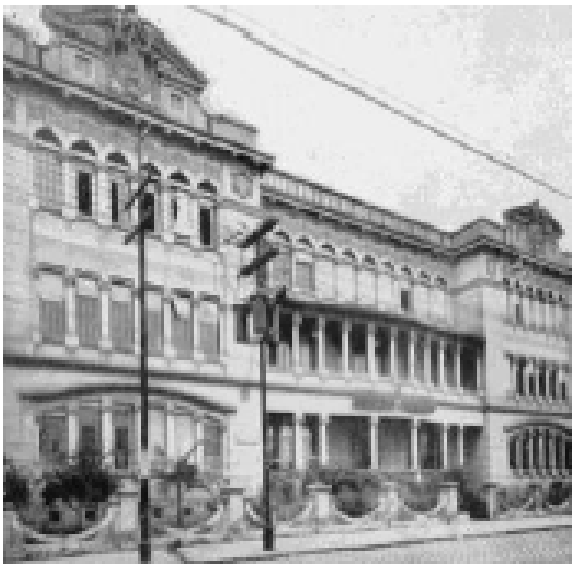


Figura 1 - Edifício da Etec Carlos de Campos, construído entre 1927-1930, na década de 1940;

Figura 2 - Primeiro edifício da Etec Carlos de Campos, entre 1911 e 1976.

Figura 3 - Edifícios da Etec Carlos de Campos, da década de 1930, com o novo prédio de 1976.
Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

No primeiro andar do edifício monumento, de um lado, com vidraças para o exterior, estão salas dos gestores, que são coordenadores de área dos cursos oferecidos pela escola e da direção, em seguida, está sala dos professores, e do outro lado, estão salas de aula, que dão para o pátio interno. Entre esses espaços, estão os corredores, onde se encontram objetos dos cursos de “Desenho Profissional e Modelagem” e de “Economia Doméstica”, assim como nas salas de aulas, carteiras de alunos com características de diferentes cursos e épocas (SILVEIRA, 1929).

No Centro de Memória da Etec Carlos de Campos estão equipamentos e utensílios de práticas científicas, escolares e pedagógicas, que foram empregadas em salas de aulas, e em projetos de pesquisas de docentes. Enquanto na Sala de Arquivo Deslizante, localizada no edifício da década de 1970, estão os documentos textuais e iconográficos repletos de dados para serem associadas a esses objetos.

Entre 1934 e 1937, muitas obras foram publicadas por docentes que atuavam na Superintendência da Educação Profissional e Doméstica (CARVALHO, 2015, p. 51).

Dentre essas, Horácio da Silveira escreveu “O Ensino Técnico-Profissional e Doméstico em São Paulo” (Figura 4), editado em 1935, que se encontra no acervo do Centro de Memória. Nessa obra, localizou-se uma imagem do Laboratório de Química (Figura 5) e muitos dos objetos de ciência e tecnologia apresentados nessa imagem fazem parte do patrimônio cultural da educação profissional na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, como por exemplo, três balanças: duas analíticas e de precisão, e uma de dois pratos e uma gaveta.

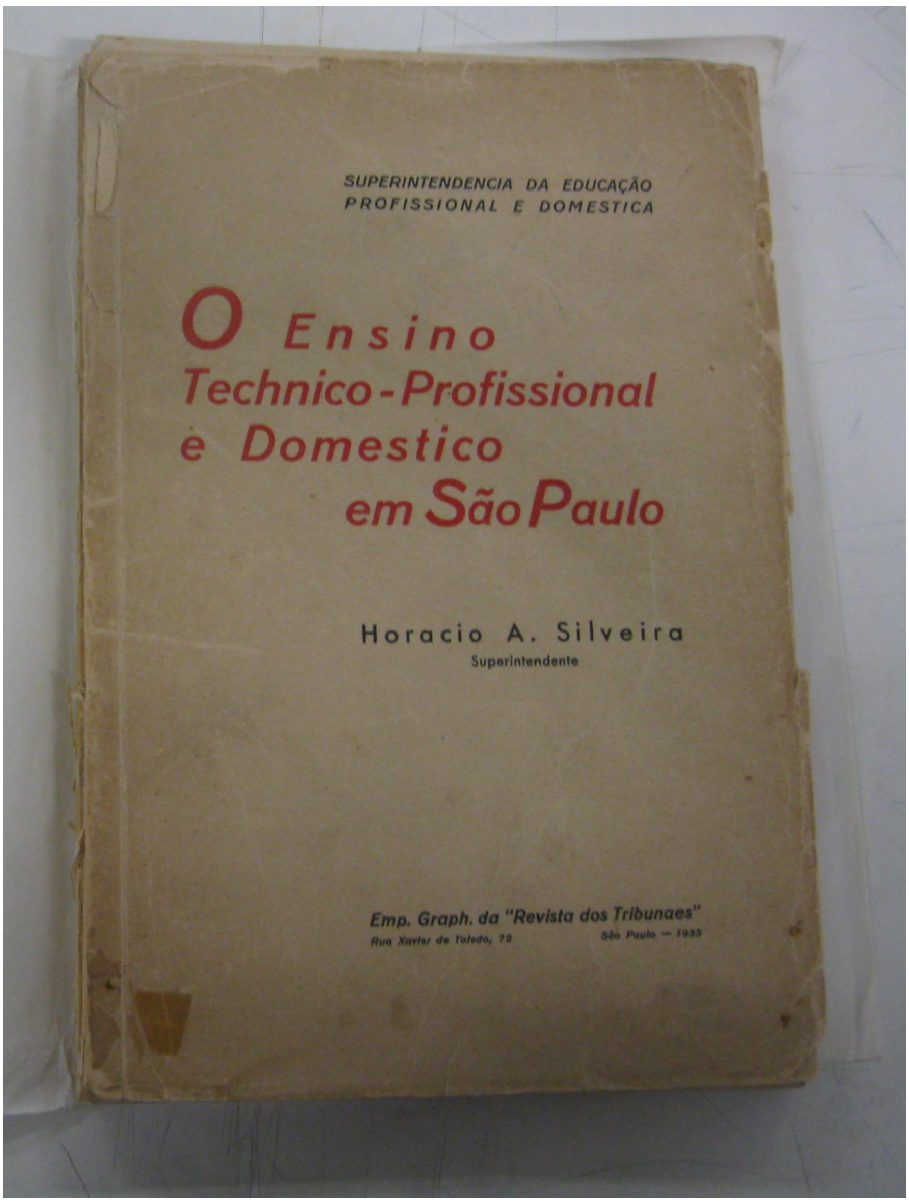


Figura 4 - Livro institucional publicado em 1935 pela Superintendência da Educação Profissional e Doméstica. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Figura 5 – Laboratório de Química do Instituto Profissional Feminino, em 1935. Fonte: Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2016.

Uma reportagem no “Álbum de recortes de jornais”, organizado pela diretora Laia Pereira Bueno entre 1938 e 1958, localizado no acervo do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, traz uma reportagem solta de 1974, informando que o prédio central apresentava riscos de desabamento, o que comprova a sua existência e demolição na década de 1970, quando aconteceu a construção do novo edifício com entrada dos estudantes pela Rua Oriente. Neste edifício de 1976, foi instalado o laboratório de Química, que existe atualmente nessa escola. No entanto, os primeiros objetos da química adquiridos e utilizados pela equipe do médico Francisco Pompêo do Amaral estão no Centro de Memória e muitos deles apresentam marcas e vestígios de uso. Mas outros, como por exemplo, a autoclave (Figura 6), parecem nunca ter sido utilizados, talvez por indisponibilidade de equipamentos de operações unitárias, como uma caldeira. O mesmo ocorre em outros países, de acordo com Sanchez (2010),

> [...] el análises de estas colecciones oferece nuevas posibilidades por explorar o desarollo de prácticas pedagógicas y cientificas en la enseñanza secundaria. Es sorprendente, por ejemplo, la existência de instrumentos en las colecciones de los institutos que no parecen haver sido destinados a la enseñanza. [...] (SÁNCHEZ, 2010).

Durante visita de pesquisa realizada aos laboratórios de Química e Física da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (Figura 7), em Lisboa, localizou-se instrumentos e utensílios semelhantes aos que se encontram no acervo do Centro de

Memória da Etec Carlos de Campos, como as balanças da F. Sartorins Gôtting (alemã) e Ramuza (Figura 8). Assim como frascos de vidro de duas bocas para as práticas de química (Figura 9). Alguns instrumentos e utensílios representativos do acervo, que se encontram no Centro de Memória da Carlos de Campos, são apresentados nas Figuras 10, 11 e 12.

Figura 6 - Autoclave sem uso, balança antropométrica, centrífuga e colorímetro no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

Figura 7 - Armário com diversas balanças no laboratório de física. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Figura 8 - Balança Ramuza com caixa de madeira e pesos. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Figura 9 - Frasco de vidro de duas bocas com marcas de uso. Foto: Maria Lucia M de Carvalho na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, 2015.

Figura 10 - Balança Ramuza. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Figura 11 - Frascos de vidro com duas bocas para destilação. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Figura 12 - Objetos de Química e de Dietética no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2016. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

Na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, a arquitetura escolar está sempre em estado de transformação e, a cada dez anos, sofrendo reformas de manutenção ou ampliação do espaço escolar. Mas por abnegação de alguns gestores, professores e funcionários, espaços e objetos de práticas escolares sobrevivem ao tempo. Estudos sobre esse espaço edificado do patrimônio do ensino brasileiro e relacionado com a análise das transformações na arquitetura escolar articuladas com os conjuntos de

artefatos, que “são produzidos ou modificados pelo ser humano” (ACAM PORTINARI, 2010, p. 102), e expostos nesse lugar de memória, já foram publicados em textos anteriores, indicando que essa coleção tem sido empregada nas pesquisas sobre o patrimônio cultural da ciência e tecnologia. (CARVALHO; GRANATO, 2015, 2016).

O conceito de patrimônio cultural de Ciência e Tecnologia (PCCT) é amplo e inclui desde objetos e coleções até mesmo edificações, construídas com o objetivo de atender a especificidades relacionadas às atividades de C&T a serem ali desenvolvidas. A definição do PCCT pode ser vista a seguir:

> considera-se o conjunto tangível e intangível relacionado à C&T, a que se atribuem valores que justificam a sua preservação para as futuras gerações. Inclui o conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além dos saberes, das práticas de ensino e pesquisa, e de todos aqueles artefatos e espécimes que são testemunhos dos processos científicos, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, considerando documentos em suporte papel (arquivísticos e bibliográficos), instrumentos científicos, máquinas, montagens, coleções científicas de natureza diversa como arqueológicas, etnográficas, biológicas, além de construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (laboratórios, observatórios, paisagens e jardins) (GRANATO; SANTOS, 2015, p.79-80).

Assim, fica caracterizado que tanto o conjunto edificado quanto os objetos encontrados em seu interior e relacionados às atividades de ensino e pesquisa fazem parte do PCCT. Nas palavras de Tereza Scheneir, percebe-se que a materialidade, que é objeto dessa pesquisa, é testemunho de ações específicas humanas sobre o meio.

> [...] Numa perspectiva mais ampla, a cultura material inclui não apenas objetos móveis (artefatos), mas também tudo aquilo que indica ou comprova, por meios palpáveis, as relações entre os grupos humanos e seu ambiente: ocupação humana e modos de uso do território, espaços construídos, a escrita e a arte. Aqui, o que importa é a visão de produto, e não de processo cultural: o objeto material (móvel ou imóvel) é registro e testemunho das ações humanas sobre o meio (SCHEINER, 2015, p.20).

O Centro de Memória como espaço de sensibilização para a valorização e a preservação do patrimônio cultural da ciência e tecnologia na educação profissional

O Centro de Memória da Etec Carlos de Campos foi transferido da Sala de Memória, que estava instalada no segundo pavimento do prédio construído em 1976, desde 1998, para

o espaço do antigo Dispensário de Puericultura, por designação do diretor Nilton César Alves, em 2010. Esse Dispensário funcionou do lado esquerdo do edifício monumento, com entrada lateral, utilizado pelas mães de crianças do entorno da escola, conforme indica a Figura 13, que apresenta a planta do pavimento térreo desse edifício.

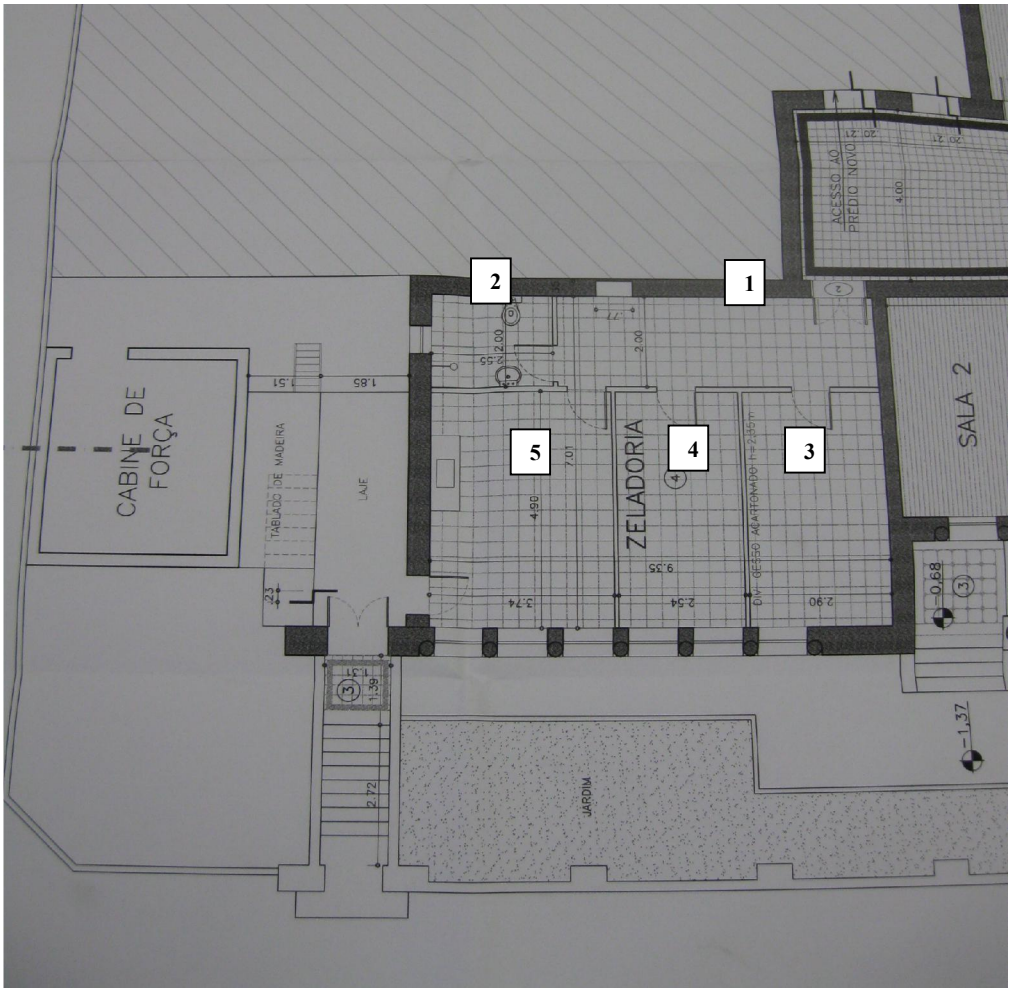


Figura 13 - Planta do pavimento térreo do edifício monumento, de novembro de 2002, com destaque da Planta para a residência da zeladoria da Etec Carlos de Campos com cinco divisões internas em alvenaria, espaço do Centro de Memória da escola, desde 2010. Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2016.

Durante visita de pesquisa realizada a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (Figura 14), em Lisboa, em edifício da década de 1930, e que foi originária do primeiro Liceu Feminino Maria Pia de Lisboa, o professor Amaro Carvalho da Silva, em 29 de outubro de 2015, apresentou o espaço que foi Dispensário de Puericultura, e que também tinha uma entrada lateral para as mães com as crianças (Figura 15). Esse fato demonstra similaridades entre os desenvolvimentos na área no Brasil e em Portugal.

Figura 14 - Fachada principal da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

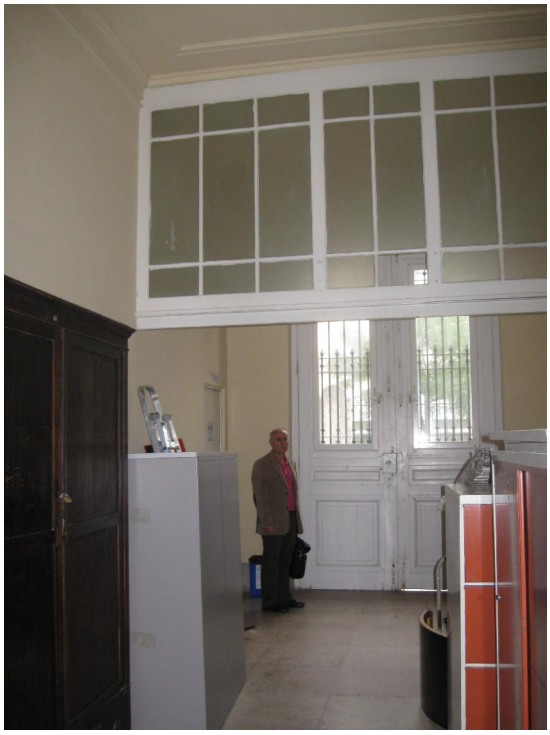


Figura 15 - Professor Amaro Carvalho da Silva, na porta de entrada lateral, que fica a direita da entrada principal, e que foi do Dispensário de Puericultura da escola para entrada das mães com as crianças. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2015.

O edifício monumento da Escola Técnica Carlos de Campos, construído entre 1926 e 1930, foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), a partir do processo no. 24929/86, com inscrição no livro do tombo histórico n. 377, p.103 a 110, de 05 de setembro de 2011.

O fato do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos ocupar um espaço em um edifício tombado do patrimônio histórico educativo e que pertenceu ao Dispensário de Puericultura[1], criado em 31 de outubro de 1931, torna esse lugar de memória um marco histórico de ensino e saúde na educação profissional. O Quadro 1 apresenta as denominações das salas que foram utilizadas pelo Dispensário de Puericultura da escola, e as do Centro de Memória atualmente.

Quadro 1 – Distribuição dos espaços no Centro de Memória da Carlos de Campos.

No.	Dispensário de Puericultura	Centro de Memória da Etec Carlos de Campos
1	Sala de espera das mães	Espaço de consulta e pesquisa
2	Sala de pesagem de criança	Reserva Técnica
3	Gabinete do médico	Reserva Técnica Visitável de Educação Doméstica
4	Gabinete do médico	Reserva Técnica Visitável de Alimentação e Nutrição
5	Cozinha do lactário	Laboratório de Higienização e Conservação

No Centro de Memória foram organizadas duas salas para reservas técnicas visitáveis, respectivamente, de Educação Doméstica (Figura 16) e de Alimentação e Nutrição (Figuras 17 e 18). Os objetos ali preservados fazem parte da história centenária da educação profissional na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos. No espaço da reserva técnica visitável de alimentação e nutrição, no passado, estava instalado um gabinete médico, apresentado na Figura 19. Na atual sala de consulta e pesquisa do centro de memória funcionou um espaço de espera das mães, entre 1931 e 1976, enquanto estas aguardavam a pesagem de suas crianças pelas alunas da escola, durante as práticas de puericultura, sob a supervisão de educadora sanitária (Figura 20). Segundo Granato:

> [...] Como afirma Panese (2007), os objetos transformados em *museália* possuem uma capacidade mutável de serem semióforos, isto é, representar o que não está mais presente, o abstrato, estando essa capacidade diretamente relacionada com as intervenções realizadas

[1] Por articulações do seu diretor com o Serviço de Saúde do Estado de São Paulo, para manter dois médicos e uma educadora sanitária, a fim de promover práticas escolares de puericultura.

nesses conjuntos. É necessário que sejam analisadas as ações às quais esses conjuntos estão submetidos, para se ter certeza que podem ser classificados como coleções museológicas - ou, de acordo com a Lei 8.124, como *bens culturais musealizados*. E, no mesmo viés, analisar os espaços que se denominam museus e que preservam esses conjuntos, pois podem não atender ao Estatuto e assim não se caracterizarem como museus e sim, como coleções visitáveis (GRANATO, 2015, p. 101):

Figura 16 - Reserva Técnica Visitável de Educação Doméstica. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, em 2016.

Figura 17 e 18 - Reserva Técnica Visitável de Alimentação e Nutrição do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2016. Fotos: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

Figura 19 - Gabinete Médico no Dispensário de Puericultura, final da década de 1940.

Figura 20 - Corredor principal do Dispensário de Puericultura, final da década de 1940. Álbum do Dispensário de Puericultura, doado por ex-aluna, no acervo do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2001.

Assim, aspectos relacionados às práticas desenvolvidas no passado nesses espaços estão documentados e podem ser socializados para o público em geral, permitindo um novo olhar e interpretação por parte dos visitantes.

Processo metodológico para o inventário e a catalogação de objetos: como instrumento de salvaguarda do patrimônio cultural da educação profissional

O processo metodológico de inventário e catalogação dos objetos pertencentes ao acervo do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos foi desenvolvido como parte do processo de preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia ali existente. Para tal, foi realizada uma aproximação com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Museologia e Preservação de Acervos Culturais, com a proposta de um projeto de pesquisa sobre a arquitetura escolar, os artefatos e suas possibilidades de musealização, que foi iniciado em março de 2015. A supervisão da pesquisa e procedimentos está a cargo de Marcus Granato, da Coordenação de Museologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins e os resultados alcançados têm relação com o Projeto Valorização do Patrimônio de Científico e Tecnológico Brasileiro, como apresentado no trecho a seguir:

> Para a avaliação da relevância, no caso dos conjuntos de objetos de C&T, destacam-se os valores relacionados ao desenvolvimento científico e tecnológico, ou seja, artefatos que foram produzidos no país, ou adquiridos no exterior, e que participaram de desenvolvimentos científicos e tecnológicos. Outro aspecto determinante na atribuição de valor, diz respeito ao caráter histórico desses objetos. Aqui, inserem-se aspectos relacionados à história das instituições que os detém ou que são a origem dos conjuntos e que poderão resultar em relevância em níveis variados, dependendo da própria atuação institucional no cenário brasileiro e internacional. Outro aspecto importante a ser considerado diz respeito à raridade do artefato. Aqui está situada a maioria dos protótipos de equipamentos e instrumentos, que são os primeiros a serem desenvolvidos no processo de desenvolvimento e produção de objetos de C&T. Como em toda dimensão subjetiva, a atribuição de relevância e dos valores agregados aos conjuntos levantados é muito relativa e depende sempre que quem atribui os valores. Nas IES é comum a relevância ser atribuída à importância que os objetos tiveram no ensino e na pesquisa desenvolvida na instituição. Nos ICT a relevância está ligada à importância que a instituição teve em relação à sua área de atuação. Nos espaços museológicos a relevância muitas vezes estava ligada a alguma personalidade que manteve contato com o objeto, ou à história local, destacando-se a atividade na qual os objetos estiveram envolvidos (GRANATO, 2015, p. 93-94).

Durante a revisão bibliográfica sobre patrimônio cultural da ciência e tecnologia para essa pesquisa, destaca-se a proposta do procurador Marcos Paulo de Souza Miranda, sobre o emprego do inventário como instrumento de proteção do patrimônio cultural e tecnológico no Centro Paula Souza, e priorizamos a sua instituição no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos. Segundo Miranda:

> [...] Com o advento da Constituição Federal de 1988 o inventário foi finalmente alçado, em nosso país, à condição de instrumento jurídico autônomo de preservação do patrimônio cultural, ao lado do tombamento, da desapropriação, dos registros, da vigilância e de outras formas de acautelamento e preservação (art. 216, 1º). Sob o ponto de vista prático o inventário consiste na identificação e registro por meio de pesquisa e levantamento das características e particularidades de determinado bem, adotando-se para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados de natureza histórica, artística, arquitetônica, sociológica, paisagística e antropológica, entre outros. Os resultados dos trabalhos de pesquisa para fins de inventário são registrados normalmente em fichas onde há a descrição sucinta do bem cultural, constando informações básicas quanto a sua importância histórica, características físicas, delimitação, estado de conservação, proprietário[2] Assim, o inventário tem natureza de *ato administrativo declaratório restritivo*, portanto importa no reconhecimento, por parte do poder público, da importância cultural de determinado bem, daí passando a derivar outros efeitos jurídicos objetivando a sua preservação [...] (MIRANDA, 2008, p.2).

Assim, os objetos foram identificados, registrados e receberam numeração sequencial, além de serem organizados nas salas das reservas visitáveis já mencionadas. Cada objeto recebeu uma etiqueta de identificação e foi fotografado para registro e para uso das imagens no catálogo a ser publicado. As etapas podem ser resumidas como apresentado a seguir.

1 - Criação de um livro com o Inventário do Centro de Memória com capa dura e folhas numeradas para registros de objetos.

2 - Pesquisa no fundo institucional dos grupos, cursos, currículos e biografias dos principais professores relacionados com os objetos localizados nesse acervo. O Quadro 2 apresenta os grupos existentes no fundo Escola Técnica Carlos de Campos para retomar a organização de documentos textuais e iconográficos e identificar origem dos objetos da

[2] Nota do autor: Nada obsta o levantamento preliminar os dados técnicos sobre determinado bem cultural sem que as informações sejam lançadas formalmente em ficha de inventário, se não constatadas características que justifiquem a proteção por tal instrumento. Esse levantamento preliminar de dados (que diante do ordenamento jurídico vigente não pode ser considerado inventário, que é instrumento de proteção do patrimônio cultural) poderia ser denominado de “levantamento cultural preliminar”, “pré-inventário” ou outra expressão equivalente. Mas nunca inventário (MIRANDA, 2008, p.2).

ciência e tecnologia existentes no Centro de Memória, facilitando o acesso ao documento.

Quadro 2 - Grupos ou sub-fundos existentes no fundo Escola Técnica Carlos de Campos, desde a sua criação em 1911.

Períodos	**Denominações da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP)**
1911 – 1927	Escola Profissional Feminina, da capital
1927 - 1931	Escola Profissional Feminina Carlos de Campos
1931 - 1933	Escola Normal Feminina de Artes e Ofícios
1933- 1945	Instituto Profissional Feminino
1945 - 1952	Escola Industrial Carlos de Campos
1952 - ?	Escola Técnica Carlos de Campos
? - 1961	Escola Industrial Carlos de Campos
1961 - 1965	Escola Técnica de Economia Doméstica e Artes Aplicadas Carlos de Campos
1965 - 1976	Colégio de Economia Doméstica e Artes Aplicadas Estadual Carlos de
1976 – 1979	Campos
1979 – 1994	Centro Estadual Interescolar Carlos de Campos
1994 – atual	Escola Técnica de Segundo Grau Carlos de Campos
	Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

3 - Organização do espaço do Centro de Memória com salas para as reservas visitáveis, de acordo com os conjuntos de objetos, relacionados aos cursos em diferentes épocas. Para Samuel Alberti (2005) em seu artigo “Objects and the museum” a construção da história de um museu tem por base a trajetória de suas coleções.

4 - Montagem de listas de objetos expostos nas reservas técnicas visitáveis contendo: número de registro, data do registro, nome do objeto, termo (objeto museológico) - estrutura/hierarquia do objeto, fabricante/ano de fabricação com medidas do objeto, números das fotografias. Quanto ao termo – objeto museológico – utilizamos informações retiradas do Thesaurus de Acervos Científicos da Língua Portuguesa e pesquisando no *site* do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Segundo Granato (2015, p. 113), esse thesaurus foi construído como “um projeto para refletir a Musealização como Processo Informacional, em especial para acervos de C&T, um projeto para digitalização dos arquivos sob guarda da instituição, dentre outros”. Como estamos desenvolvendo um

projeto denominado Museu Virtual de Educação Profissional no Centro Paula Souza[3], incluímos a estrutura/hierarquia do MAST para dialogar com facilidade nesses sistemas públicos informacionais.

5 - Fotografia dos objetos e quando este for composto por mais de uma peça, fotografar isoladamente a peça principal, e depois, junto com os seus acessórios, para que o objeto receba um único numero de inventário no Livro de Registro (comumente denominado Livro Tombo). A seguir, descrever nesse livro os acessórios, acrescentando a esse número uma letra do alfabeto sequencial em função do número de peças complementares ao objeto. Por exemplo, no caso de aparelhos de jantar de porcelana inglesa da década de 1930, fotografa-se o aparelho e, em seguida, o exemplar que será exposto, e constará do catálogo de objetos.

6 - Registro do objeto no livro de inventário do Centro de Memória.

7 - Após o objeto receber um número de registro, preenche-se a etiqueta que o identifica no Centro de Memória, contendo: o nome do objeto, o fabricante, o século, o número de inventário, e o nome do Centro de Memória. (ver modelo de etiqueta - Figuras 21 e 22).

Figuras 21 e 22 - Etiqueta de objeto museológico da Balança analítica alemã, da década de 1930. Fotos: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

Finalizadas as etapas descritas, e com base nas pesquisas desenvolvidas em fundos arquivísticos, fontes secundárias e nos próprios objetos, foi elaborado o catálogo desse acervo, seguindo as etapas descritas a seguir. Esse instrumento de documentação e

[3] Programa para o registro de documentos do patrimônio cultural da ciência e tecnologia, em desenvolvimento, no Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão, pelos professores Maria Lucia M de Carvalho e Carlos Eduardo Ribeiro: www.memorias.cpscetec.com.br

divulgação pode ser único ou podem ser vários, separados por curso ou por componentes curriculares As Figuras 23, 24 e 25, apresentadas a seguir, mostram, respectivamente, a capa do catálogo “Patrimônio cultural de Química e de Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP); objetos de Química da década de 1930; objetos de Dietética do curso de Auxiliares em Alimentação.

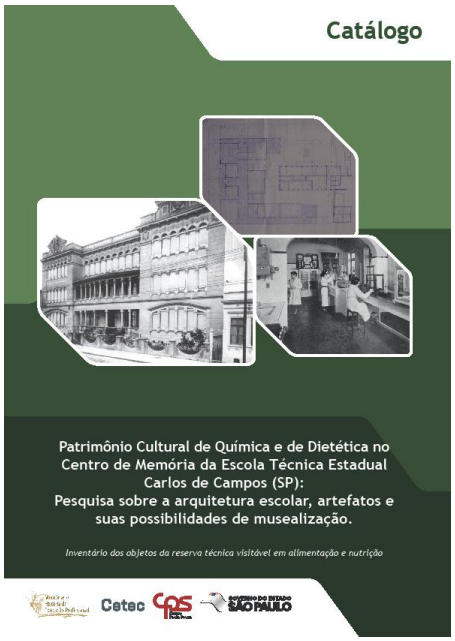


Figura 23 - Capa do catálogo “Patrimônio cultural de Química e de Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos(SP): pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização”.

Figura 24 - Objetos museológicos de Química da década de 1930.

Figura 25 - Objetos museológicos de Dietética do curso de Auxiliares em Alimentação. Fonte: Reserva Técnica Visitável de Alimentação e Nutrição no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos.

Na continuidade do trabalho de elaboração do catálogo, foi elaborado um texto introdutório para apresentação contendo a origem da instituição, o processo de inventário e, em seguida, os objetos expostos nas reservas técnicas visitáveis.

O catálogo deverá ser produzido como e-book e divulgado no site da instituição para acesso de pesquisadores e visitantes ao Centro de Memória. Dessa forma, pretende-se que o catálogo digital contribua para o controle dos objetos e sua preservação institucional.

No Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, na Reserva Técnica Visitável de Alimentação e Nutrição são encontrados cristais e porcelanas inglesas da primeira metade do século XX, provavelmente, da década de 1930 (FERREIRA, 1939). Destaca-se uma garrafa de licor (Figura 26), que foi identificada como um objeto de meados do século XIX, ao comparar com frascos localizados no Museu Soares do Porto (Figura 27), durante visita de pesquisa em junho de 2016. É preciso investigar a relação desses objetos com os frequentadores da escola na sua origem, considerando que damas da alta sociedade ministravam aulas de rendas e bordados no curso de Educação Doméstica, como a professora Maria Raphaela de Paula Souza, filha do patrono, em 1911 (MORAES; ALVES, 2002a, p. 64).

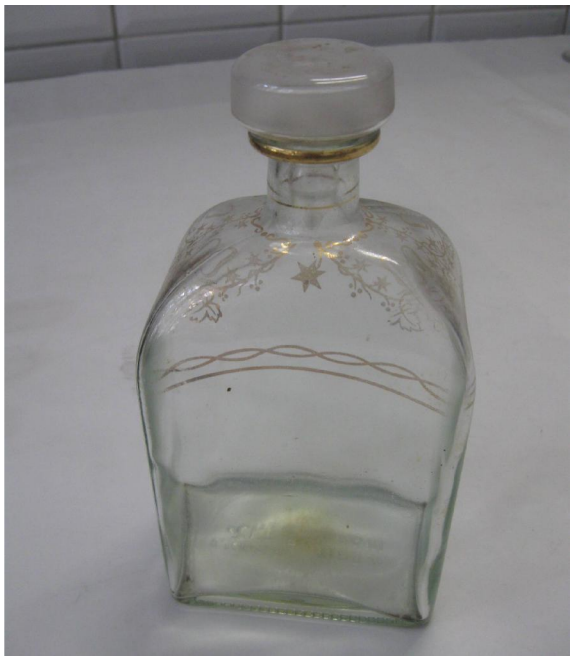


Figura 26 - Garrafa de licor com frisos dourado, da segunda metade do século XIX. Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em março de 2016.

Figura 27 - Garrafas de licor com frisos dourado do Museu Soares do Porto. Foto: Maria Lucia M de Carvalho, 2016.

Proposta de musealização de objetos do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos para salvaguardar a história da educação profissional

A possibilidade de criação de um museu que permita a preservação plena dos acervos existentes da Etec Carlos de Campos ainda se apresenta como objetivo de médio a longo prazo. Um museu é um espaço institucionalizado onde acervos são pesquisados, conservados e socializados, compondo um complexo sistema de atividades que se articulam e se retroalimentam. No entanto, a definição do que é um "Museu" varia no tempo e se relaciona com a dinâmica dessas instituições que se diversificam, transformam e se ampliam em funções, acompanhando as modificações na sociedade.

O Brasil é dos poucos países do mundo que possui uma legislação específica que regulamenta os museus. Trata-se do Estatuto dos Museus (Lei 11.904) que, em seu artigo 1º, define o que é um museu:

> Art. 1º. Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

No entanto, na prática, muitos espaços e instituições denominados 'museus" ainda não cumprem plenamente o que está disposto na lei.

No caso da Etec Carlos de Campos, é necessário inicialmente a garantia de espaço físico adequado e de recursos financeiros e de pessoal para que o museu a ser criado funcione plenamente. Por outro lado, o momento de crise por que passa o país desestimula essas iniciativas. Nesse contexto, surge a possibilidade de criação de um museu virtual, que cumpre algumas funções a partir de um sítio na internet.

Mesmo sendo um espaço virtual, o museu necessita haja uma estrutura e que as atividades sejam desenvolvidas e disponibilizadas na internet. Assim, verifica-se a necessidade de produzir um plano museológico, onde devem constar a missão do museu, suas atribuições, estrutura de organização e funcionamento, plano de atividades para um período de 5 anos, dentre outras. É importante lembrar que, desde 2013, faz parte do Regulamento Comum das Escolas Técnicas Estaduais do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza[4] a deliberação Nº 3, de 18 de julho que, no artigo 114, dispõe que os “documentos produzidos, recebidos e acumulados no exercício das funções e atividades públicas das Etecs serão preservados, selecionados e conservados,

[4] Fonte: http://www.eteccarlosdecampos.com.br/data/documents/regimentocomundasetecs.pdf . Acesso em: 30 set. 2016.

segundo normas e procedimentos técnicos, atendida a legislação". Entre os objetivos desse artigo, o terceiro, refere-se a: "constituir e preservar a memória e a história da educação e da instituição".

A médio prazo, pode-se planejar transformar o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos num museu físico, a partir da musealização do antigo espaço do Dispensário de Puericultura. Estaria situado em edifício tombado pelo CONDEPHAAT, que mantém a distribuição original de sua estrutura da arquitetura escolar, e dispõe de objetos de ciência e tecnologia empregados em práticas científicas, escolares e pedagógicas por médicos e professores que atuaram nesse espaço da escola profissional feminina, entre 1931 e 1976, no campo de ensino e saúde, e deixaram registros e vestígios dos seus saberes e fazeres a comunidade científica do país.

Em paralelo aos projetos dos museus virtual e físico, devem ser continuadas as pesquisas e a difusão do acervo do Centro de Memória. Para a pesquisa, descrevendo e estudando conjuntos de objetos do acervo relacionado à arquitetura escolar, aos componentes curriculares dos cursos aos quais pertenceram, empregados nas práticas científicas, escolares e pedagógicas, a história de vida de docentes que os utilizaram nos cursos, e associando esses objetos com documentos arquivísticos e bibliográficos existentes no acervo do Centro de Memória. Para difusão, divulgando as fichas de registro desses objetos, após classificação para elaborar o código de referencia do objeto no Museu Virtual da Educação Profissional no Centro Paula Souza, à medida que as biografias desses objetos forem elaboradas. Em Anexo, é apresentado um exemplo de ficha de registro de objeto.

Considerações finais

Essa pesquisa, ainda em andamento, indica que o inventário é dos principais instrumentos de proteção do patrimônio, em especial do histórico educativo na educação profissional, garantindo a sua preservação e difusão nas instituições de ensino.

Os objetos inventariados e expostos na Reserva Técnicas Visitável de Alimentação e Nutrição, do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, são 76 de Química e 81 de Dietética, e serão divulgados na forma de catálogo digital para preservar, salvaguardar e difundir esse patrimônio cultural da ciência e tecnologia. O catálogo é um produto necessário para dar continuidade às pesquisas desses conjuntos de objetos para a construção de suas biografias, e a elaboração das fichas de registros, que farão parte do

acervo do Museu Virtual da História da Educação Profissional, em desenvolvimento, no Centro Paula Souza.

A associação das fontes primárias arquivísticas e bibliográficas com os artefatos têm contribuído para identificar fatos relacionados à trajetória do conjunto de objetos da Química e da Dietética preservados, propiciando a sua inserção em estudos curriculares e em pesquisas realizadas sobre a educação profissional no estado de São Paulo. A história oral e os depoimentos têm se constituído em fontes importantes para compreender os processos de uso dos objetos presentes no acervo, e de sua valoração enquanto bens culturais.

Quanto ao processo de musealização será necessário oficializar os espaços dos Centros de Memória, para garantir a conservação e preservação dos objetos da ciência e tecnologia que fazem parte da história da educação profissional.

Mas antes de iniciar o processo para oficialização na instituição é preciso continuar produzindo catálogos de objetos desses acervos dos Centros de Memória, que poderão ser empregados como documentos para serem anexados aos processos de patrimonialização institucional, requerendo a sua salvaguarda como patrimônio cultural da ciência e tecnologia na educação profissional.

Referências

ACAM Portinari. Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. *Documentação e Conservação de Acervos Museológicos.* Diretrizes. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010. Disponível em: https://issuu.com/sisem-sp/docs/documentacao_conservacao_acervos_mu. Acesso em: 22 abr 2016.

BRASIL. *Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009***.** Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, 14 jan. 2009.

BRAVO, Maria Guadalupe E.. Los libros de Economía Doméstica em la formación normalista: ordem social y progresso nacional. In: ORTIZ, Francisco H. (org.). *El Patrimonio Histórico Educativo:* el acervo y los libros de Higiene Escolar, Economía Doméstica y Geografía em la formación del professorado. México: Ediciones del Lirio. BECENE, 2016.

CARVALHO, Maria Lucia M. História do Currículo do Técnico em Nutrição e Dietética na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, em São Paulo, com ênfase na Puericultura. In: Jornada Nacional de Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica, 1, 2006, Brasília. *Livro de Resumos...* Ministério da Educação, Brasília: Ideal Gráfica e Editora: 2ª edição revisada, 2006a.

CARVALHO, Maria Lucia M. Dispensário de Puericultura: Escola Profissional Feminina na Assistência e Proteção à Infância. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 6, 2006, Uberlândia. *Caderno de Resumos...* Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, p. 171, 2006b. Disponível em:

http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/144MariaLucia%20MendesCarvalho.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2016.

CARVALHO, Maria Lucia M. Dispensário de Puericultura da Escola Profissional Feminina: reflexões sobre histórias de vida, identidades e cultura escolar. In: Seminário de Educação, Núcleo de Pesquisa e Extensão. Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo, 3, 2007a, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, p. 52-3.

CARVALHO, Maria Lucia M.; SOUZA, Ligia Serra; BROSCO, Regina. Dispensários de Puericultura nas Escolas Profissionais: influência sociocultural no ensino de higiene e alimentação racional em São Paulo. *Revista Higiene Alimentar*, em São Paulo: Prol Editora Gráfica, v.21, p.3-522, 2007b.

CARVALHO, Maria Lucia M.. A trajetória administrativa de Horácio Augusto da Silveira na primeira Superintendência da Educação Profissional em São Paulo (1934 a 1947). In: CARVALHO, Maria Lucia M (org.): *Cultura, Saberes e Práticas*. Memórias e História da Educação Profissional, São Paulo, Centro Paula Souza, pp. 35- 60, 2011.

CARVALHO, Maria Lucia M.. Desvendando raízes e retratos no campo da alimentação e nutrição no Brasil*:* de Francisco Pompêo do Amaral ao Centro Paula Souza. 486p. Tese (Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável). Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

CARVALHO, Maria Lucia M.; FAGNANI, Maria Ângela. Francisco Pompêo do Amaral: sujeito social e seus objetos de ensino em prol da alimentação e nutrição no Brasil. *Revista Linhas* (Florianópolis. Online), v.15, n.8, p. 100-126, 2014. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/19847238152820141 00/3104>. Acesso em: 30 jan. 2016.

CARVALHO, Maria Lucia M.. Educação para sensibilização e a preservação do patrimônio em bibliotecas e acervos escolares do Centro Paula Souza. In: CARVALHO, Maria Lucia M de Carvalho (org). *Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional*. São Paulo: Centro Paula Souza, p. 45-67, 2015.

CARVALHO, Maria Lucia M.. Francisco Pompêo do Amaral: médico, jornalista, professor e escritor científico, político e social no campo da alimentação e nutrição no Brasil. *Revista Intellèctus* (UERJ. Online), v. XIV, p. 103-126, 2015a. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/18800/13904. Acesso em: 22 out. 2016.

CARVALHO, Maria Lucia M.. Celina de Moraes Passos: formadora de professores e pioneira no campo da alimentação e nutrição no Brasil. *Revista Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v.11, n.2, p. 67-85, 2015b. Disponível em: http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/497/825. Acesso em: 21 fev. 2016.

CARVALHO, Maria Lucia M; GRANATO, Marcus. Objetos de ensino de Química no Instituto Profissional Feminino (SP), Brasil (1934-1939). In: *Ser de Imagen y de Signo*: Abordjes sobre El Patrimonio Cultural. Organizado pela Dra. Jenny González Muñoz coordenadora do Doutorado em Patrimônio Cultural da Universidade LatinoAmericana e do Caribe, em Caracas/Venezuela. E-book. 372p., 2015. Disponível em: https://issuu.com/mauryabrahammarquezg/docs/ser_de_imagen_y_de_signos_abordajes Acesso em: 21 fev. 2016.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; GRANATO, Marcus. Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP), Brasil: da arquitetura aos seus artefatos e possibilidades de musealização**.** In: *VII Jornadas Científicas de La SEPHE e V Simposio Iberoamericano: História, Educación, Patrimonio Educativo*, em Donostia-San

Sebastian/Espanha, em 29 de junho a 01 de julho de 2016. Disponível em: <https://addi.ehu.es/handle/10810/18512>. Acesso em: 28 jul. 2016.

FERREIRA, Eliana R.; RIDOLFI, Débora M.; CARVALHO, Maria Lucia M.. Escola Técnica Estadual Carlos de Campos. In: MORAES, Carmen S. V.; ALVES, Julia F. (Orgs.). *Contribuição à Pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo*: Inventário de Fontes Documentais. São Paulo. Centro Paula Souza, 2002. p. 63-81.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Fernanda P.. Os Museus e a Salvaguarda do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia no Brasil. In: GRANATO, Marcus (Org.). *MAST: 30 anos***,** vol. 1. Rio de Janeiro: MAST, 2015. p.79-119.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. O inventário como instrumento constitucional de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Disponível em: www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-inventario-como-instrumentoconstitucional-de-protecao-ao-patrimonio-cultural-brasileiro. Acesso em: 27 jan. 2015.

MORAES, Carmen S. V.; ALVES, Julia F. (Orgs.). *Contribuição à Pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo*: Inventário de Fontes Documentais. São Paulo. Centro Paula Souza, p. 63-81, 2002a. Disponível em: http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/inventario_fontes.pdf. Acesso em: 17 out. 2016.

MORAES, Carmen S. V.; ALVES, Julia F. (Orgs.). *Álbum Fotográfico*. Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo. Uma história em imagens. 2002b. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/imagens/albumfoto1104pb.pdf>. Acesso em: 22 out. 2002.

SANTOS, R. V.; LARSEN, N.. Musealização e educação: a construção conceitual para o Centro Memória do Colégio Estadual. *IV Seminário de Pesquisa em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola* – IV SIAM, Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 321-333, (2013). Disponível em: <http://www.mast.br/pdf/livro_de_resumos_iv_siam_volume_2_final.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2016.

SÁNCHEZ, J. R. B. *et al*.. Los instrumentos científicos de los Centros de Enseñanza Secundaria en España: historia, estado actual y futuro del patrimônio científico educativo. In: GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. (Orgs). *Coleções científicas luso-brasileiras*: *patrimônio a ser descoberto*. Rio de Janeiro: MAST, 2010. p.15-47. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/colecoes_cientificas_luso_brasileiras_patrimonio_a_ser_descoberto.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Cultura. *Resolução de Tombamento SC 60 de 21 de julho de 2010*. Diário Oficial do Estado de São Paulo, seção I, de 11 de novembro de 2010, p. 112-4, 2010. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0/?vgnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&Id=19411bf6f29f7410VgnVCM1000008936c80a>. Acesso em: 24 fev. 2016.

SCHEINER, Tereza. Cultura Material e Museologia: considerações. GRANATO, Marcus (Org.) *MAST: 30 anos de pesquisa*. Museologia e Patrimônio. vol. 1. Rio de Janeiro: MAST, 2015. p.16-48. Disponível em: <http://www.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf/capitulo_01.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

Fontes

BUENO, Laia Pereira. Escola Profissional Feminina. Álbum de Recortes. 1911 a 1974. Disponível em:

<http://www.cpscetec.com.br/memorias/livros/carloscampos/albumderecortes.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

FERREIRA, Zenith F. Princípios gerais de alimentação. Superintendência do Ensino Profissional de São Paulo. Publicação Nº 19. 1939. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/livros/principios_alimentacao.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

POMPÊO DO AMARAL, F.. Os Cursos de Dietética. Organizados e inaugurados na Superintendência do Ensino Profissional. 1ª Ed. Santos: Edição do Instituto D. Escolástica Rosa. Escola Profissional Secundária, maio, 1939. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/livros/carloscampos/livro1939_dietetica.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

SILVEIRA, H. A.. 3ª Conferência Nacional de Educação. Escola Profissional "Carlos de Campos", 1929. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/album_fotografico1929.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

SILVEIRA, H. A.. *Relatório 1936.* Secretaria dos Negócios da Educação. Superintendência da Educação Profissional e Doméstica, 1937.

Anexo 1 – Ficha de Registro de Objeto

FICHA DE REGISTRO DE OBJETO
1. Código de Referência 1.1. Escola Técnica Estadual Carlos de Campos 1.2. Termo: Balança 1.3 Estrutura/Hierarquia [x] 1. Instrumento Científico [ ] 2. Instrumento de Demonstração e Estudo [ ] 3. Máquina [ ] 4. Objeto de referência [ ] 5. Utensílio 1.4. Código**: BR-CPS-045/CMCC/IPF/AMEDAA/LB/NA/Tr/000001/M** 1.5. Cota: NR062
2. Identificação 2.1. Nome técnico – Balança Antropométrica 2.2. Nome vulgar - Balança 2.3. Área de estudo - educação e saúde 2.4. Século – na primeira metade do século XX
3. Fotografia(s) 3.1. Crédito da fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 11 de fevereiro de 2015 (IMG 5893/5894).
4. Localização Centro de Memória da Etec Carlos de Campos - Rua Monsenhor Andrade, 740 – Brás, São Paulo/SP [ ] patrimônio da história da educação profissional e tecnológica - em uso
5. Materiais **Aço carbono, aço inox, borracha**
6. Dimensões **Altura 1480 / Base: 260 x 350 / Haste antropométrica – 1070**
7. Estado de conservação **Aparentemente em bom estado, mas não está funcionando.**
8. Documentos associados **BR-CPS-E045/CMCC/IPF/AMEDAA/BT/NA/I/000001/B - Livro Alimentação – Conferências de Francisco Pompêo do Amaral, de 1941. Conferência "A desnutrição entre escolares", conferida a Diretoria do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação em sessão da Sociedade Paulista de Medicina, p. 107-140.** **BR-CPS-E045/CMCC/IPF/GR/D/NA/I/000001/A - Livro de Recortes de Jornais do Centro de Memória da Escola Carlos de Campos. Matéria jornalística "A seleção de alunos que reclamam assistência alimentar".** **8.1 – Documentos associados sigilosos (exemplos: carta de cessão, termos de autorização de imagem e autoria; ata de recebimento de acervo pessoal, entre outros)**

9. Fabricante (autor)
9.1. Nome - Filizola
9.2. Ano de fabricação – não identificado no equipamento
9.3 Importador – fabricante nacional

10. Descrição e função do objeto
A balança antropométrica era empregada pela equipe que ministrava o curso "Auxiliares em Alimentação" com a finalidade de: pesar e medir a altura das meninas dos cursos de Educação Doméstica da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, buscando identificar as estudantes com desnutrição para oferecer uma alimentação racional (balanceada) no refeitório escolar.
10.1 Descritores: Balança. Balança Antropométrica. Nutrição. Educação Profissional.
10.2 Dossiê(s): (listar nomes dos dossiês)
10.2.1 Dossiê (s) sigiloso (s)

11. História do objeto
Balança antropométrica empregada pela equipe do médico Francisco Pompêo do Amaral, diretor do curso "Auxiliares em Alimentação" (criado na Superintendência do Ensino Profissional, em março de 1939, por decreto, e implantado na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, com aula inaugural em 17 de maio de 1939), em estudos e pesquisas sobre alimentação racional, envolvendo docentes e estudantes em práticas escolares no campo da alimentação e nutrição.
No livro de recortes de jornais (BR-CPS-E045/CMCC/IPF/G/D/I000002A) encontra-se a matéria jornalística "A seleção de alunos que reclamam assistência alimentar", que apresenta a referida balança em práticas escolares para coleta de dados com tal finalidade.
Francisco Pompêo do Amaral em obra publicada, em 1941, traz conferências sobre o resultado de pesquisas em utilizou este objeto museológico do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos nestas práticas (BR-CPS-E045/CMCC/IPF/AMEDAA/BT/I000001B).

12. Elaboração da ficha
12.1. Nome - Maria Lucia Mendes de Carvalho
12.2 Nome e assinatura do responsável
12.3. N° da revisão
12.4. Data da revisão 25 de agosto de 2015

MUSEUS ESCOLARES NO ESTADO DE SÃO PAULO (1879-1942)

Camila Marchi*

Resumo

Esta comunicação é resultado da pesquisa de mestrado sobre os museus escolares no estado de São Paulo, entre 1879 e 1942. Essa periodização foi delimitada pela legislação sendo a primeira menção em 1879, na Reforma Leôncio de Carvalho quando museus escolares são demarcados como itens imprescindíveis para o ensino científico. O recorte final é delimitado em 1942, quando se percebe a organização de museus regidos pelo Código de Educação do Estado de São Paulo (1933), que demarcou novas especificidades para a apresentação e o uso de museus escolares. Os museus escolares estão ligados ao desenvolvimento do método intuitivo e da propagação das "lições de coisas". O termo museu escolar é "polissêmico" pois podem ser organizados de diferentes formas: museus para guarda de objetos em armários, coleção de quadros parietais, gabinetes e espaços em salas de aula. O objetivo é compreender como eram organizados esses museus escolares no estado de São Paulo, observando suas diversidades. Pergunta-se: Como eram apresentados e quais práticas escolares suscitavam? A pesquisa foi feita a partir de documentação escrita, iconográfica e artefatos de ensino, consultados nos arquivos: Arquivo Público do Estado de São Paulo, Centro de Referência Mário Covas (Acervo do Colégio Caetano de Campos), Museu Paulista, Colégios Maristas Glória e Arquidiocesano, Biblioteca do Livro Didático da Universidade de São Paulo. Nesses locais foram listados: Anuários de Ensino; Pedidos de Material; Programas de Ensino; Correspondências; Imagens; Catálogos de empresas fornecedoras de produtos escolares; Catálogos de empresas de produtos científicos; Livros didáticos de ensino de Ciências; Periódico de Ensino Revista Escolar. Conclui-se que o museu escolar era um vetor para práticas didáticas, com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola e que a sua composição variava, também, por conta das possibilidades de investimento e o entendimento das prescrições, o que lhe rendeu diversas tipologias.

Palavras-chave: museu escolar; Prática de ensino; cultura material escolar.

Abstract

This master's degree research and thesis aims to study school museums in the state of Sao Paulo between 1879 and 1942. The historic period of this research has been

* Professora de História na Secretaria Municipal da Cidade de São Paulo. Mestre em Educação pelo Programa Educação: História, Política, Sociedade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP. Email: ca.marchi09@gmail.com.

determined by legislation regarding school museums. It was first mentioned in law in 1879, after a reform entitled Leôncio de Carvalho, when school museums were acknowleged as an indispensible tool of cientific education. The final cut is delimited in 1942 when one realizes the organization of museums governed by the São Paulo State Education Code (1933), which demarcated new specifics to the presentation and use of school museums. School museums are connected to the development of intuitive method and the concept of “the lessons of things”. The term school museum is polissemic, mainly because school museums fulfill various purposes: keeping objects in closets, presenting parietal collections, as well as day-to-day use as classrooms. This research aims to understand how these school museums were organized, particularlly in the State of Sao Paulo, through observation of their diverse presentation and disposition. The most important question raised in this thesis is: how were they organized and which school practices they brough to their learning enviroments? The hypothesis is that the school museum goes beyond a simple deposit of objects, being an vehicule of didactive practices with particular meanings adressed both by students and teacher, which earned school museums a diverse typology. This research was conducted through written documentation, iconographic documentation and teaching artifacts and objects, which were consulted at the following archives: Public Archive of the State Of Sao Paulo, Reference Centre of the State of Sao Paulo, Reference Centre Mario Covas (School Caetano de Campos Archives), the Paulista Museum, Maristas Glória School, Arquidiocesano School, and the Didatic Book Library of Universidade de São Paulo. On these places, research consulted Teaching Yearbooks, Educational Material Requests; Teaching Programs; Correspondence; Photographs; catalogues from companies that provided school material; catalogues from companies that provided scientific material; educational books on science and magazines from the educational sector. It was concluded that the school museum was a vector for teaching practices with particular meanings given for student and teacher within the school and that its composition varied also because of investment possibilities and understanding of the requirements, which earned him several typologies.

Keywords: school museum; practice of teaching; school material culture.

Introdução

O presente texto é um resumo dos resultados finais apresentados na dissertação de mestrado em educação intitulada: “Museus Escolares no Estado de São Paulo 1879-1942” defendida em dezembro de 2015 pelo programa de Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Tal dissertação, assim como as discussões finais para a realização desse texto, integram os trabalhos do programa de pesquisa “A História da escola por seus objetos: Estudos etnohistóricos da escola brasileira século XIX e XX” coordenado pela Profª Drª Katya Braghini desenvolvido no PEPG em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS-PUC-SP)

O termo “museu escolar” é referido atualmente para definir um espaço de preservação de patrimônio escolar. Isto significa, que o conceito/significado de museu está ligado a um espaço de conservação de objetos de determinados espaço e tempo. No caso de um “museu escolar”, seria um acervo de objetos ou vestígios ligados à história da educação.

Portanto, a ideia de museu, atualmente, está ligada estritamente à conservação de patrimônio.

No entanto, pesquisadores da cultura material escolar, identificaram significados diferentes para o termo “museu escolar”, este seria um instrumento de ensino comum no século XIX, com objetivo diferente do que se conhece e aplica hoje em dia.

A pesquisa de Madi Filho (2013), por exemplo, apresenta como função principal do museu escolar a guarda de objetos recolhidos pelas crianças durante suas pesquisas de campo. Segundo o mesmo pesquisador, a presença do museu escolar era imprescindível, especialmente para o ensino de zoologia e lições de coisas. Para a pesquisadora Bocchi (2013), o museu escolar era um espaço da escola onde os objetos eram mais do que guardados, mas principalmente observados, consultados e comparados.

Já para Petry, os museus escolares não possuem uma definição única, por isso, são caracterizados por tal pesquisadora como um termo polissêmico. Dessa forma, Petry, identifica:

> 1) Museu escolar: alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professor e alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva.
> 2) Museu Escolar Brasileiro: museu escolar brasileiro corresponde a uma coleção de quadros parietais produzidos na França, traduzidos, adaptados e trazidos para o Brasil.
> 3) Móvel: móvel em madeira com portas parcialmente envidraçadas que guarda as coleções de objetos para as lições de coisas.
> 4) Museu dentro da sala de aula: vincula-se especialmente aos móveis acima descritos, pois, em geral, este museu seria composto de armário, estante ou outro móvel que servisse para armazenar objetos.
> 5) Gabinete: o museu não só dava nome às coleções de quadros, objetos diversos e móveis, como poderia ocupar um espaço físico nas escolas, um pequeno gabinete onde seriam guardadas as coleções. (PETRY, 2013, p.32-38).

Portanto, museu escolar, de acordo com as definições acima, era em sua maioria, um conjunto de objetos didáticos que deveria servir a prática das chamadas Lições de Coisas, ou Método intuitivo. Esse conjunto de objetos poderia ser encontrado em um local específico da escola como gabinetes, ou estarem alocados em armários do tipo vitrine, em salas de aula, afim de que os objetos pudessem ser de melhor forma visualizados.

Partindo dessas informações, optou-se para o estudo do “museu escolar do tipo armário” como foco de pesquisa, afim de compreender inicialmente que tipo de objetos

compunham estes museus escolares, a que tipo de ensino eles serviam, qual a origem destes objetos e se eram ou não utilizados nas práticas escolares.

Para tanto, foi necessária a utilização de diferentes tipos de documentações, escrita, iconográfica e tridimensional. Na busca destes diferentes materiais foi necessária também a visita a diversos tipos de acervos, com especialidades diversas, são eles: Arquivo do Estado de São Paulo, para a consulta de Anuários de Ensino e Revista Escolar do Estado de São Paulo; Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/CENP/SEE, para a consulta de Catálogos de Vendas de Materiais e Mobílias Escolares, Relatórios Anuais e fotografias de museus escolares; Museus Escolares – Patrimônio: Colégios Marista Arquidiocesano e Colégio Marista Glória, para a consulta também de Catálogos de Vendas de Materiais Escolares, e dos próprios objetos de ensino os quais fazem parte do acervo do grupo; Acervo do Museu Paulista – Universidade de São Paulo, para a análise de correspondências e periódicos da instituição; Legislação, para a consulta de mudanças na área da educação no período; Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), para a consulta de livros didáticos do ensino de Ciências.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo apresentar como resumo dos resultados finais, o comércio e a circulação de objetos os quais compunham os museus escolares, as orientações e organizações de museus escolares no estado de São Paulo e, por fim, os diferentes tipos de museus escolares encontrados em diversos estabelecimentos de ensino paulista, bem como tais tipologias influenciaram no uso e as diferentes práticas em torno do museu escolar.

Renovação Pedagógica – Método Intuitivo ou Lições de Coisas

A renovação da prática pedagógica se dava por conta da defesa do chamado método intuitivo ou lições de coisas. De acordo com Valdemarin (2004), o método intuitivo fora concebido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento capaz de reverter a ineficiência escolar já que se formava alunos com domínios insuficientes de leitura e escrita e com noções de cálculo insatisfatórios.

A autora identifica em sua pesquisa que o método intuitivo se distingue dos demais pela prioridade dada, à observação, que significa de forma mais aprofundada que a educação na infância deve priorizar atividades mais concretas, similares às da vida adulta, aliando observação e trabalho numa mesma atividade. Dessa forma, de acordo com a pesquisadora, o método intuitivo criaria situações de aprendizagem em que o

conhecimento não seria memorizado, mas sim, partiria do entendimento da criança a partir de dados inerentes ao objeto.

A pesquisadora conclui ainda que a entrada de objetos didáticos, vistos a partir de então como imprescindíveis, está diretamente ligada à ascensão da indústria que se ocupa com o mercado didático (Valdemarin, 2004). Dessa forma, os objetos são introduzidos na escola como um símbolo material de um novo método de ensino e de organização de conhecimento.

Vidal (1999) aponta que a montagem dos museus escolares e a própria escolha dos objetos são frutos de uma perspectiva dada pelo próprio ensino intuitivo:

> A ampla gama de objetos possíveis de figurar nos museus escolares apontava para a sua relação com as diversas disciplinas, aproximando-as da própria perspectiva do ensino intuitivo de visibilidade às lições de coisas. Nesse sentido, acolhia tanto objetos tridimensionais quanto gravuras. A preocupação com ênfase no entorno, com o conhecimento do local onde se inseria a escola e o museu, e com o concurso de pais, professores e alunos na sua construção endereçava-se a destacar aspectos do ensino ativo, bem como do próprio caráter colecionador do museu. No entanto a rigidez e o detalhamento da classificação empregada acenava para o interesse na constituição de uma coleção estável, ainda que passível de ampliação (Vidal, 1999, p. 114)

Vidal (1999) conclui que os objetos eram sempre dispostos de maneira a ficarem visíveis, expostos, pois este era um dos preceitos do ensino intuitivo, que apesar do interesse em desenvolver também o tato, o olfato, a audição e o paladar, o método intuitivo parecia privilegiar, sobretudo, a visão, o que configurava, segundo a pesquisadora, a tal "pedagogia do olhar".

Segundo Souza (2007), o método intuitivo teve importância fundamental na consolidação da necessidade de utilização e ampliação dos materiais didáticos na transição do século XIX para o XX, movimento educacional que acaba consolidando uma pedagogia dos sentidos. Isso significa, de acordo com a pesquisadora que o mundo dos artefatos materiais invadiu o sistema público de ensino.

Percebe-se, portanto, que a disseminação de objetos pedagógicos, especialmente ligados ao ensino de ciências, deu-se em decorrência da expansão do chamado método intuitivo, os quais, por sua vez, também foram divulgados e disseminados pelas chamadas Exposições Comerciais: Universais, Nacionais, Pedagógicas etc.

Exposições Universais e o Comércio Pedagógico

As Exposições Universais foram representantes das grandes transformações capitalistas ocorridas no século XIX e apresentavam produtos de vários tipos: móveis, maquinários,

ferramentas, objetos de decoração, invenções diversas, materiais escolares etc. Um grande mercado desenvolveu-se neste período, inclusive no campo da educação, impulsionado pelo crescimento industrial. De acordo com Barbuy (1999), as Exposições universais surgiram em Londres, e foram concebidas inicialmente como exposições industriais.

Para Kuhlmann Jr. (1996), as Exposições foram um palco para as representações de espetáculos os quais tinham como protagonistas o progresso, a técnica e a ciência, além de expressarem as tendências e os conflitos existentes na sociedade de seu tempo.

Segundo o autor, duas metáforas são usadas a fim de caracterizar as Exposições Universais, a primeira delas é "templo" indicando uma devoção à mercadoria, à ciência, à tecnologia e à modernidade. A segunda é "vitrine" ligada a exposição de mercadorias ao público no interior de móveis envidraçados.

Era preciso despertar a atenção do cliente, por isso, as exposições ficaram conhecidas pela grande difusão de imagens que pode ser entendido como um projeto expositivo que tinha uma função pedagógica.

Na exposição, classificada como "de objetos", buscava-se demarcar o avanço da industrialização por meio de tipologias de produtos. O próprio fato de expor um produto para a venda requeria um cuidado com a sua apresentação, ou seja, a disposição o lugar de cada objeto na vitrine era intencionalmente pensado.

Esse era o caráter educativo de grandes exposições que traçavam caminhos e espaços visuais a partir de tipologias de objetos de modo que o consumidor ou visitante tivesse noção das diversas possibilidades do universo fabricado. As Exposições buscavam atrair o olhar do público a partir mesmo de um chamado visual para prateleiras e estantes.

Barbuy (1999) reproduz com riqueza de detalhes o espetáculo visual formado pelas Exposições:

> Adentrando a Galeria de Honra, dita também "30 metros", à direita e à esquerda apresentam-se as seções de produtos industriais, organizadas por grupos previstos em regulamento (ourivesaria, cerâmica, mobiliário etc.) e prolongando-se pelo Palácio de Artes Liberais. A cada seção, o acúmulo de objetos – a quantidade – impressiona a retina pela visão global. Na sociedade industrial, a quantidade e a fungibilidade são valores em si. São elas as exibidas, mais os produtos como unidades. Suportes e vitrines são totalmente preenchidos por séries de produtos similares, fazendo do conjunto o grande objeto de exposição. Cada seção tem seu portal de entrada, por si só também indicador do caráter de conjunto, de totalidade. (BARBUY, 1999, p. 62).

Conforme aponta a pesquisadora, "o conjunto é o grande objeto de exposição", vitrines eram totalmente preenchidas com esses objetos, e essa quantidade e a diversidade

estava ligada ao caráter moderno e progressista de uma sociedade dita moderna. A apresentação visual das Exposições tinha como objetivo seduzir a sociedade ávida pelo consumo.

De acordo com a mesma pesquisadora, a Exposição Universal de 1889, em Paris, marcou o caráter de exposição-instrução, principalmente, no que diz respeito à difusão de recursos didáticos.

Inicialmente voltado para produtos industriais, no final do século XIX, o setor da educação já tinha sedimentado seu espaço nas Exposições Universais. Os modelos de ensino, assim como os materiais didáticos apresentados nestes eventos circularam não somente pela Europa, levados por diversas empresas especializadas na área, mas foram espalhados pelo mundo por meio do trabalho comercial de tais indústrias.

As exposições universais impulsionaram o desenvolvimento de vários mercados, dentre eles o mercado pedagógico. As empresas especializadas na venda de materiais didáticos comercializavam objetos voltados, desde o ensino maternal, até o ensino superior, abarcando todas as disciplinas, inclusive àquelas voltadas ao ensino de Ciências.

A localização de catálogos e de objetos de empresas internacionais especializadas em materiais didáticos em algumas escolas de São Paulo aponta para circulação de objetos fora das fronteiras europeias e norte-americanas, locais onde ocorriam as Exposições Universais e aponta também para os movimentos de compra e venda de tais objetos por meio de deslocamentos do comércio internacional.[1]

De todos os catálogos de vendas localizados, dois terão destaque neste texto por apresentarem informações relevantes ao entendimento da circulação mundial de objetos didáticos e mobílias escolares, serão os catálogos da empresa alemã Max Kohl e da empresa francesa Deyrolle. Tal escolha foi baseada também após observar a presença de objetos didáticos nas mesmas escolas onde foram localizados os catálogos oriundo de tais empresas comerciais[2].

[1] Os catálogos foram localizados nos colégios Caetano de Campos, Marista Arquidiocesano de São Paulo, e Marista Nossa Senhora da Glória, das empresas: E. Leybold's Nachfolger A-G koln – Berlin; Appareils de Physique G. Jarre; Max Kohl AKTIENGESELLSCHAFT Chemnitz (Allemagne); Les Fils D'Emille Deyrolle. Sabe-se que existem outras empresas de materiais científicos que circulavam nos museus das escolas púbicas e privadas do estado de São Paulo. No entanto, é inegável a presença da empresa Deyrolle em diversas escolas pesquisadas, seja por essa análise, seja por outras investigações preocupadas com o histórico dos objetos científicos no campo da História da Educação.

[2] A presença de tais artefatos já foi objeto de análise de pesquisadores. Madi Filho (2013), buscou explicação sobre a utilização de animais taxidermizados como instrumentos de ensino no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. E Bocchi (2013, p. 15), que estudou o museu escolar, os laboratórios e gabinetes também do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

A empresa alemã Max Kohl, era especializada na venda de objetos científicos variados voltados aos ensinos de Física e Química, e na venda de mobílias escolares especificas para a prática de tais ensinos.

Durante a análise dos catálogos desta empresa, foi possível identificar que a mesma tinha clientes em diversas partes do mundo, tal fato era comprovado pela divulgação das cartas enviadas pelos clientes à empresa para na maioria das vezes fazer elogios aos materiais adquiridos. O Quadro 1, a seguir, apresenta um panorama dos clientes da empresa que escrevem de diferentes cidades e países do mundo:

Quadro 1 **-** Correspondências de Clientes Max Kohl.

Local	**Ano**
São Paulo	1922
Iugoslávia	1924
Aparecida do Norte	
Irlanda	
Holanda	
Xangai	
Romênia	
Prússia Oriental	
Bruxelas	
Itália	
Canadá	1925
Japão	
Estônia	
Prússia Oriental	
Sérvia	
Suíça	
Espanha	
Sérvia	
República Tcheca	
Bulgária	
Noruega	
Bruxelas	
EUA	
República Tcheca	1926
Itália	
Rússia	
Aparecida do Norte	
Uruguai	
Bulgária	
EUA	
Grécia	
Chile	
Austrália	
Indonésia	
Portugal	
Romênia	

EUA	1927
Grécia	
Ucrânia	
Hamburgo	
Espanha	

Fonte: Catálogo Aparelhos de Física Max Kohl nº150 e nº 100 tomo III.

Nota-se que a empresa recebia cartas de compradores de todos os continentes os quais elogiavam os objetos pedagógicos. Cabe ressaltar também que algumas cartas chegavam de diferentes regiões no mesmo ano, ou seja, existia uma procura mundial simultânea por tais materiais didáticos. Tais cartas trazem informações sobre como esses objetos eram embalados e se chegavam intactos ao destino, além disso, eram explícitas as menções de congratulações e contentamento pela aquisição dos objetos.

A empresa vendia peças avulsas, peças em conjunto, agrupamentos didáticos organizados em forma de *kit*, móveis para a guarda de objetos de vários tamanhos e formas e laboratórios e gabinetes completos.

Conforme apontado no quadro, o Brasil, especificamente colégios nas cidades de São Paulo e Aparecida do Norte, também foram clientes da empresa alemã Max Kohl, tendo enviado correspondências à empresa nos anos de 1922, 1924 e 1926. Em todas as cartas o mesmo professor Paulo Forster faz elogios à empresa, tanto com relação a qualidade do produto, tanto com relação as perfeitas condições de envio dos objetos.

Informa ainda, que um dos colégios onde atuou e adquiriu tais objetos era alvo de frequentes visitas de outros colegas professores, afim de ter contato com os materiais comercializados pela empresa.

Na carta de 26 de agosto, o professor faz um breve elogio a aquisição da bomba pneumática:

> Eu apenas tentei o óleo da bomba pneumática No. 52.904 que recebi recentemente . Ele funciona muito bem e com uma rapidez surpreendente . É uma grande vantagem para o curso de física , porque o tempo é precioso. Todas as experiências são bem sucedidas. Apresentação estética de todos os dispositivos Kohl merece um elogio especial . Bomba chegou em perfeitas condições. (Fonte: Catálogo Aparelhos de Física nº 150)

Embora a empresa Max Kohl, obviamente só publique as correspondências elogiosas de seus clientes aos seus produtos, tais documentos podem revelar outras informações. A principal é a busca simultânea mundial pelos seus produtos, incluindo o Brasil, o que comprova o fato de que o comércio pedagógico de objetos é uma tendência mundial, não algo que aconteça primeiro nas “capitais” europeias para anos mais tarde alcançar as “periferias”. Existe um consumo mundial, não só dos saberes ou do método intuitivo, mas

dos objetos, que circulam pelo mundo por meio da comercialização feita por tais empresas de venda de matérias didáticos.

Com relação a empresa francesa Deyrolle[3], os seus catálogos eram explicativos, contendo diversas figuras de objetos, e separados por área, ou seja, catálogos desenvolvidos para a venda de todo o tipo de material.

A quarta capa de cada catálogo trazia informações sobre a embalagem e transporte dos objetos, formas de pagamento, e endereço do destinatário. Sobre a embalagem e transporte a empresa orientava que os seus custos não estavam inclusos no valor informado em cada objeto ao longo da revista, isso significa que o comprador deveria incluir além daquele, os custos de embalagem e transporte.

Com relação às formas de pagamento, exceto os clientes que já possuíam uma conta com a empresa, esta informa os demais compradores que quisessem adquirir os produtos abaixo de 220 francos, que estes seriam vendidos somente em dinheiro; para tanto, o cliente poderia enviar um cheque ou ordem de pagamento à Paris, sede da empresa.

Para o envio dos objetos, a empresa orientava que o comprador estrangeiro deveria ser preciso em suas informações a respeito da estação de trem mais próxima, a fim de, dessa maneira, evitar atrasos.

Por fim, a empresa advertia que os clientes tivessem total atenção para os códigos dos produtos, a fim de não ocorrerem divergências entre eles ou de valores. A empresa é taxativa ao informar que não se responsabilizava por tais erros, sendo esse requisito de total responsabilidade dos clientes. A empresa fazia isso, porque a quantidade de produtos era imensa e todos eles eram registrados por um código localizador. Caso houvesse a menor divergência de números, o comprador poderia receber o material errado. Além disso, esse detalhe demonstra que esse tipo de comércio era muito

[3] Criada em 1831 pelo taxidermista Jean-Baptiste Deyrolle, inicialmente, era especializada na venda de coleções de história natural, particularmente de insetos. Em 1866, é Emile Deyrolle quem fica responsável pela empresa fundada pelo seu avô. Deyrolle dá continuidade ao trabalho do avô em taxidermia e especialização em objetos ligados ao estudo de História Natural, impulsionado pelo aumento de empresas e profissionais do ramo em toda Europa. Em 1871, Deyrolle dá um novo impulso à empresa, transformando-a essencialmente numa empresa fornecedora de materiais didáticos. Diversificando o ramo, a empresa a partir de então além de objetos ligados à história natural, passou a desenvolver também quadros parietais e modelos anatômicos de variados tipos (partes do corpo humano, espécies vegetais, animais etc..), para o ensino das disciplinas de lições de coisas no ensino primário, e História Natural e suas subdivisões: botânica, zoologia, mineralogia. Também revendia objetos científicos para o ensino de Física e Química. Sabe-se que a empresa não produzia objetos científicos de Física de caráter operativo, demonstrativo, sendo fornecedora de produtos. Sendo casa científica era especializada em taxidermia e coleções entomológicas, bem como, distribuição dos clássicos "museus escolares" impressos Deyrolle. Com o tempo, passou a ser distribuidora de todo tipo de objetos escolares: móveis, utensílios de uso geral, material didático para os saberes escolarizados de diversas disciplinas, não apenas as ditas ciências naturais. A empresa Deyrolle existe atualmente e ainda é especializada na venda de materiais didáticos. Maiores informações podem ser encontradas no site da empresa www.deyrolle.com

consolidado, já que se tinha garantias de que, ao acessar qualquer um daqueles números, poder-se-ia receber qualquer um daqueles produtos. A empresa fornecia uma ampla diversidade de objetos, conforme veremos adiante.

Essas informações iniciais já trazem indícios não somente da logística estabelecida, como também da relação internacional da empresa, neste caso francesa, com outras partes do mundo.

Foram localizados no total 16 catálogos da empresa francesa Deyrolle[4]. Tais catálogos eram em sua maioria temáticos, ou seja, ofereciam produtos de áreas especificas, dessa foram analisados catálogos de vendas dos seguintes produtos:

- Física Instrumentos de Precisão Material de Laboratório e Gabinetes de Física e Química – outubro de 1910;
- Materiais de laboratório: mesas para laboratório; mobílias para a bibliotecas; quadros negros; projeção; balanças; aparelhos de aquecimento; material de química; gabinetes de química; micrografia; microscópio; laboratório de micrografia; bacteriologia; laboratório de microbiologia; fisiologia; laboratório de fisiologia; história natural; *kits* completos; meteorologia; fotografia; telegrafia e eletricidade – 1914;
- Mineralogia, Geologia, Paleontologia e Pré-história – março de 1929;
- História Natural – Peças de Anatomia humana, comparada, botânica, animais vertebrados e invertebrados – sem data.

A empresa vendia desde objetos avulsos, ligados as áreas apresentadas, como também coleções, denominadas pela empresa de gabinetes completos para as disciplinas cientificas, com peças pré-indicadas pela fabricante, como sendo um grupo representativo dos conteúdos específicos. No entanto, a escola ou o professor que já tivesse adquirido um destes gabinetes, e pretendesse aumentar sua coleção, tinha a opção de comprar complementos para cada um dos gabinetes. Na prática, cada gabinete era uma coleção de objetos, e os complementos eram conjuntos menores de objetos, feitos para completar os gabinetes oferecidos pela empresa, como se fosse uma atualização do gabinete adquirido pelo professor anteriormente.

O catálogo especializado na venda de peças anatômicas de História Natural, por exemplo, oferecia desde objetos individuais até a compra da coleção completa, sendo

[4] Sobre a localização de tais fontes e outras informações sobre os objetos vendidos por tais empresas consultar o capítulo um de minha pesquisa de mestrado.

que esta era composta por objetos representando os órgãos da audição, visão, olfato e voz, respiração, sistema digestivo, dente, intestino, pele e dedo indicador. Todas as peças acompanhavam legendas explicativas.

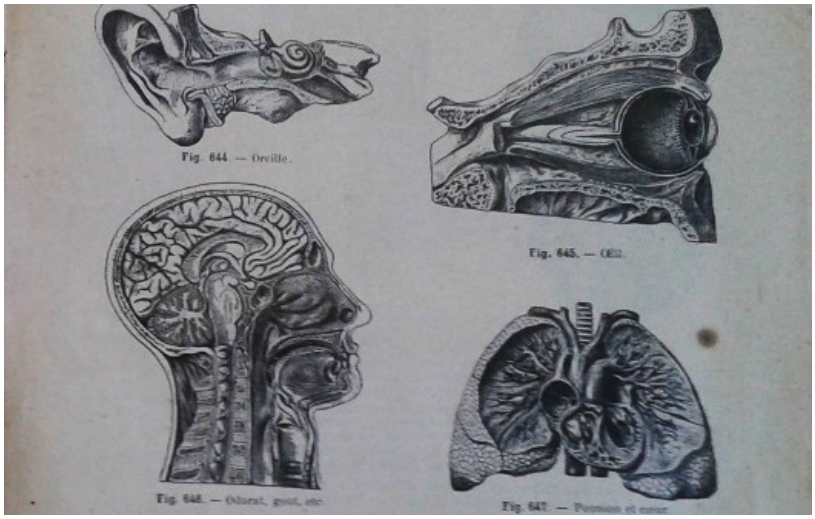


Figura 1 - Peças de anatomia humana. s.d.. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

A peça 644 representa o órgão da audição, especificamente o ouvido externo, com 40cm de cumprimento e 25cm de altura. O objeto 645 representa o órgão da visão, com medidas de 28cm de cumprimento e 21cm de altura. Já a peça 646, por sua vez, representa o olfato e a voz; o objeto tem, de acordo com o catálogo, 25cm de cumprimento e 30cm de altura. Por fim, a peça 647 é referente ao sistema de respiração e circulação, com dimensões de 30cm de cumprimento e 37cm de altura.

Algumas destas peças podem ser vistas *in loco* no acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, local este onde muitos dos catálogos também foram localizados. Uma delas é a peça 647 referente ao sistema de respiração e circulação (Figura 2).

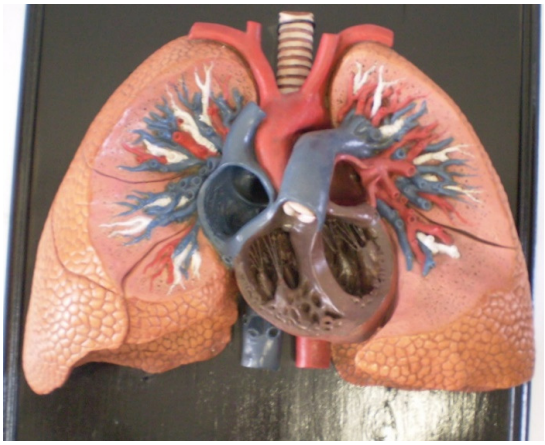


Figura 2 - Peça Deyrolle – Anatomia Humana - Respiração e Circulação.Fonte: Coleção de História Natural do Museu Escolar - Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Nota-se que o objeto é colorido, porém apresenta diferentes tonalidades enfatizando alguns locais do aparelho. Nota-se ainda que a peça segue as medidas informadas pela empresa, porém vale ressaltar que são as mesmas medidas da peça, descontando a base a qual está fixa, conforme percebe-se pela imagem. Apresenta ainda diferentes texturas, buscando se aproximar da constituição real de um aparelho respiratório humano, com rugosidades. Dessa forma, a peça representa um modelo de coração aberto, destacando as artérias principais e ventrículos por todo o pulmão.

Outra possível análise é a de que o fato de estar fixa na base, algo não demonstrado no catálogo, permite compreender que o objeto era utilizado mais para a exposição do que manipulação, outro fator para tal hipótese é a de que a peça não contém marcas de uso, justamente por estar fixada numa base de madeira e por seu peso ser relativamente alto.

Porém, a empresa não comercializava somente peças fixas em bases de madeira, para exposição, confeccionava também peças desmontáveis conforme a figura a seguir, uma representação de uma aranha.

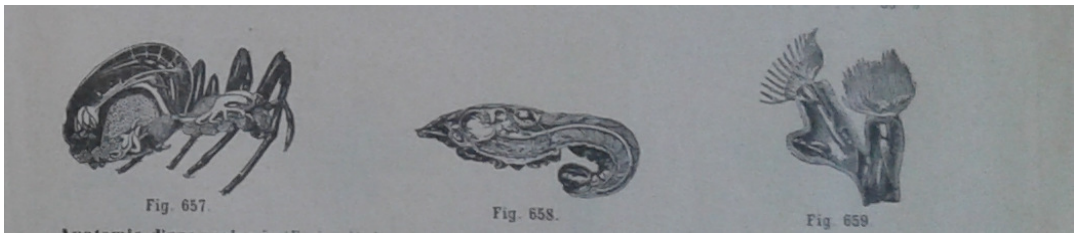


Figura 3 - Peças de Anatomia Comparada. s.d.. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE

Figura 4 - Peça Deyrolle – Anatomia Comparada - Aranha.Fonte: Coleção de História Natural do Museu Escolar. Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Diferente da anterior a configuração desta peça permite que seja vista por todos os ângulos. Presa numa base giratória, a peça faz um giro de 360º em si mesma, vale ressaltar que outros objetos vendidos pela empresa apresentam a mesma característica.

Mas além disso, o grande diferencial deste objeto didático é que ele pode ser desmontado conforme mostra a imagem. Tal fato permite compreender que não se tratava somente de um objeto para a observação, de exposição, mas sim um objeto de manipulação, seja ele pelo professor, seja ele pelos próprios alunos. Nesse caso em especifico, a peça não apresenta marcas de uso já que passou recentemente por um processo de restauração.

Além de objetos didáticos, a empresa também comercializava mobílias escolares, uma das categorias comercializadas pela empresa era a de armários do tipo vitrine para a guarda de tais objetos didáticos.

Figura 5 - Armário Vitrine com Porta de Ferro e com Porta de Madeira, 1914. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle – Material de Laboratório. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

A empresa dá destaque aos armários cuja estrutura é de ferro, pois dessa maneira permitem melhor visualização dos materiais. Eram vendidos dois tamanhos diferentes deste armário, especificamente, um com 3,00 de altura, 2,00 de largura e 0,60 de profundidade, e outro com 3,50 de altura, 2,30 de largura e 0,60 de profundidade.

Já o armário vitrine com porta de madeira era comercializado em três medidas: o primeiro com 2,50 de altura, 2,00 de largura e 0,50 de profundidade; o segundo com 3,00 de altura, 2,25 de largura e 0,55 de profundidade; e o terceiro com 3,00 de altura, 2,50 de largura e 0,60 de profundidade.

O armário vitrine com gavetas, único cuja imagem não é exibida pelo catálogo, também apresenta três medidas: o primeiro com 2,50 de altura, 2,00 de largura e 0,60 de profundidade; o segundo com 3,00 de altura, 2,25 de largura e 0,60 de profundidade; e o terceiro com 3,50 de altura, 2,50 de largura e também 0,60 de profundidade. De acordo

com a empresa, os Armários Vitrines eram destinados especialmente para a formação de gabinetes de Física e História Natural.

Tais empresas foram responsáveis pela divulgação de materiais, por meio dos próprios catálogos, mas também e principalmente pela criação de um aparato, uma logística comercial de expansão e exportação mundial. O que significa que um mesmo objeto poderá ser encontrado em diversas escolas e acervos.

Os Museus Escolares no Estado de São Paulo

A presença de museus escolares nos estabelecimentos de ensino paulista foi na verdade, resultado da política de instituição do método intuitivo ou lições de coisas na província de São Paulo. De acordo com Schelbauer (s.d.), a instituição do método intuitivo em São Paulo, ainda no final do período imperial, fez parte dos debates em torno da escolarização das classes populares.

Relacionado aos modelos europeus e estadunidense, o método intuitivo foi sendo aplicado nos jardins de infância, nas escolas primárias e nos cursos de formação de professores. (SCHELBAUER, s.d.).

Ainda de acordo com Schelbauer (s.d.), a iniciativa pela aplicação de tal método em São Paulo, partiu da vontade de intelectuais sob o pretexto de necessidade de inovação da instrução pública. Segundo a pesquisadora, entre tais defensores estavam “João Kopke, Rangel Pestana, Silva Jardim, Américo de Campos, Américo Brasiliense, Elias Fausto Jordão, Júlio Ribeiro, os irmãos Prudente de Moraes e Leôncio de Carvalho” (SCHELBAUER, s.d.).

Os estudos de Hilsdorf (1987), apontam Rangel Pestana como uma das vozes mais ativas na defesa ao método intuitivo em São Paulo. Utilizando como meio de comunicação para vinculação de suas ideias o jornal A Província de S. Paulo, Rangel Pestana fazia um discurso contra a monarquia e o ensino religioso, sendo um grande defensor de uma inovação do ensino paulista. Ainda de acordo com a pesquisadora, Rangel Pestana defendia uma escola diretiva e dogmática como instrumento de inovação e reprodução de uma nova ordem.

A questão do Ipiranga – Museu Paulista como difusor de materiais didáticos

Como um dos principais protagonistas da discussão sobre a inovação do ensino paulista, Rangel Pestana participou também do processo conhecido como “a questão do Ipiranga” esta defesa representa bem a posição do intelectual sobre o uso do museu para um

projeto público de disseminação do ensino pela lição de coisas. Percebe-se que museus eram instituições importantes que foram vinculados à instrução pública desde a época do Império. Mesmo em São Paulo, vê-se a continuidade desses debates no histórico de constituição do Museu do Ipiranga.

A construção de um palácio no Ipiranga para celebrar a Independência do país foi um projeto iniciado ainda no Império em 1885, mas que somente se concretizou na República em 1890, tendo sido apropriado pelos republicanos (Alves, 2001). Este projeto que fora defendido por Pestana foi rejeitado, o que não significava que a ala republicana havia sido vencida. Após muitas discussões e emendas de projetos, em 1885, foi finalmente decidido, o terreno do Ipiranga seria utilizado para a construção de um instituto científico.

De acordo com Alves (2001), o processo de constituição de Museu Paulista foi bastante conturbado e dividiu opiniões. Ainda durante o período imperial os monarquistas defendiam a construção de um monumento voltado exclusivamente para a memória da independência nacional, já os republicanos, liderados por figuras influentes como o próprio Rangel Pestana, defendiam a criação de um monumento destinado à instrução e ao desenvolvimento das Ciências. O que ocorreu foi a criação de um instituto cientifico que contemplava os dois lados, a construção de um palácio em comemoração à independência, mas ocupado por atividades e objetos de instrução e ciências.

Como instituto cientifico, o Museu Paulista foi criado sobretudo para a difusão da Ciência no estado de São Paulo e como órgão educador do público em geral, muito mais do que um monumento imperial voltado para a Independência. Os republicanos se apropriaram do projeto inicial e usaram o Museu Paulista como símbolo do projeto da modernidade tão almejada. Nesse sentido, o Museu Paulista ficou conhecido inicialmente como um Museu de História Natural.

Dessa forma, durante os anos iniciais de seu funcionamento, o Museu Paulista na prática, funcionou como um de Museu de História Natural voltado para estudos científicos especialmente no estado de São Paulo, que entre suas atividades fornecia peças para a formação de museus escolares de história natural com o objetivo de vulgarização das ciências (Alves, 2001). Ainda de acordo com Alves (2001)[5], Loefgren, o primeiro diretor da instituição, foi o principal responsável pela disseminação das ciências no estado.

[5] Loefgren foi um dos responsáveis pela organização e formação do chamado “Museu Sertório”. A coleção de peças de História Natural do Coronel Sertório despertou a ambição e preocupação dos naturalistas, entre eles Loefgren. Com a liberação para a construção de um instituto cientifico nos terrenos do Ipiranga, Loefgren e os demais naturalistas começaram a repercutir na imprensa a necessidade da criação de um Museu de História Natural para São Paulo. Após intensos debates e pressão do senhor Loefgren e da imprensa a coleção Sertório juntou-se com a conhecida coleção Pessanha e foi transferida para as dependências do

Na primeira publicação da Revista do Museu de 1895, o então diretor Loefgren ressalta a importância do recebimento de coleções para a composição do museu com a intenção de instruir a população sobre a natureza da América do Sul e do Brasil e reclama da falta de universidades de história e ciências naturais, apontando este o fato para o atraso dos estudos científicos na área (Revista do Museu Paulista Volume I, 1895, p. 20, 21).

Loefgren atribui essa falta de estabelecimentos de ensino na área científica como um empecilho para a prática dos professores brasileiros, comparando estes com as melhores condições de trabalho dos professores de outros países, da Europa principalmente, segundo o diretor, "lá sim, os professores estão melhor equipados, já que o ensino e a pesquisa cientifica está mais desenvolvida" (Primeiro Relatório do Museu do Estado de 1891).

A documentação do acervo do Museu Paulista, demonstra que houve uma relação entre o estabelecimento e as escolas públicas do estado. Diversos documentos comprovam o envio de museus escolares completos, ou mesmo peças para a sua formação. Na maioria das vezes esse envio de materiais era intermediado pelo Secretário do Interior, que a pedido das escolas, entrava em contato com o museu solicitando o envio[6]. De acordo com a documentação consultada, cerca de sete estabelecimentos de ensino paulista receberam museus completos de história natural, ou peças, também de história natural para a formação de museus escolares, todos a pedido do Secretário do Interior. Ainda de acordo com a documentação, estes museus e peças poderiam ser enviados diretamente aos estabelecimentos de ensino, ou por vezes, eram enviados ao Almoxarifado da Secretária do Interior os quais repassavam os materiais as escolas destinatárias. (Fontes: Pasta 70 – Arquivo permanente do Museu Paulista, fundo Museu Paulista, data 1896)

A documentação também demonstra que o envio de materiais poderia ser maior se houvesse mais investimento por parte do estado, conforme o próprio diretor do Museu Paulista Loefgren adverte em correspondência enviada ao secretário do interior, onde recusou o pedido de materiais devido à falta de funcionários.[7]

No entanto, mesmo após a mudança de direção do Museu Paulista, tendo assumido o cargo Afonso Taunay, o envio de museus escolares e de peças para a sua composição continuou conforme informações periódicas da Revista do Museu Paulista.

Ipiranga, onde formaram o Museu do Estado. Para mais informações sobre o assunto ver O Ipiranga Apropriado – Ciência, Política e Poder – O Museu Paulista 1893-1922 de Ana Maria de Alencar Alves.

[6] Os quadros com a lista de escolas as quais receberam os museus escolares enviados pelo Museu Paulista a pedido do Secretário do Interior, estão disponíveis na minha dissertação de mestrado.

[7] Pasta 70 – arquivo permanente do museu paulista, fundo museu paulista, data 1896

Já sobre o ano de 1919, o então diretor do Museu Paulista informa a Secretária do Interior que neste ano o número de envios para as escolas públicas do estado foi bastante reduzido já que as reservas haviam sido esgotadas após o envio de vastos materiais às escolas normais e grupos escolares e que em breve poderá atender aos pedidos.[8]

A secretária do interior intermediou o processo de envio de materiais para as escolas do estado como centro distribuidor das peças entre a instituição científica e as escolas públicas. Apesar de todo o esforço do próprio museu, que foi criado como um estabelecimento científico de apoio à instrução e vulgarização da ciência, nota-se que o interesse maior no envio desses materiais às escolas, era da parte do próprio governo.

As Prescrições Legais sobre os Museus Escolares – Código de Educação do Estado de São Paulo

Sobre a adoção de tal instrumento de ensino, a primeira menção do termo museus escolares na legislação é de 1879 na Reforma Leôncio de Carvalho, quando os museus escolares são classificados como itens indispensáveis para o ensino científico. No período entre 1879 e 1933 não foram localizadas legislações onde apontavam especificamente o uso de museus escolares. Houve, no entanto, uma movimentação de intelectuais da educação, como Rui Barbosa, deputado Franklin Américo de Meneses Dória, Rangel Pestana, João Kopke, Silva Jardim, Américo de Campos, Américo Brasiliense, Elias Fausto Jordão, Júlio Ribeiro, e os irmãos Prudente de Moraes, que defendiam a aplicação do método intuitivo e por consequência do uso de museus escolares. (SCHELBAUER, s.d., p.5-6). [9]Já no caso de São Paulo, especificamente o Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933 estabelecia uma parte a respeito dos museus escolares e do ensino prático.

Na parte 1 sobre a educação em geral, título 4 sobre os serviços administrativos, o capítulo 10 é destinado exclusivamente para a orientação dos serviços de bibliotecas e museus escolares. O artigo 106 define que estes serviços têm por finalidade a garantia do ensino intuitivo e prático nas escolas. Para a concretização desta finalidade, o artigo 107 orienta que todos os estabelecimentos de ensino, desde o pré-primário até o ensino superior, devam contar com uma biblioteca e um museu escolar.

O artigo 114 orienta que as bibliotecas e museus escolares deverão fornecer informações especificas anualmente à chefia destes serviços. Especificamente os museus escolares

[8] Revista do Museu Paulista Volume XI– São Paulo sobre 1919 – Publicada 1920

[9] A Constituição do Método Intuitivo na Província de São Paulo 1870 a 1889 – Analete Schelbauer UEM.

deveriam informar sobre a relação e quantidade de material que neles figuravam; exposição dos recursos que contam para a sua conservação e manutenção; relação sobre a influência social por eles exercida.

O artigo 115 define que os museus escolares deverão compreender coleções de objetos e de produtos industriais, comerciais e agrícolas colhidos e renovados pelos próprios alunos em excursões escolares.

Já o artigo 116 afirma que deverão existir três tipos de museus, o inciso 1º dispõe sobre o "museu de classe", que este "deve revelar, de maneira prática, o trabalho de cooperação dos alunos, em classe, guiados pelo professor, no tratar de diversos assuntos que constituem as aulas".

O inciso 2º deste mesmo artigo dispõe sobre o "museu da escola", que este "deve constituir além de exemplares de matérias primas e produtos manufaturados da região, o repositório dos trabalhos mais interessantes e originais das diversas classes do estabelecimento, a fim de que possa servir a toda comunidade escolar e social".

Por fim, o inciso 3º trata do último tipo de museu orientado pelo artigo, "o museu central" aparelho coordenador e irradiador de todo o material de aplicação e utilidade pedagógica, visará particularmente pôr ao alcance do professor todos os elementos de trabalho e informações, que possam ser úteis à prática e à renovação das técnicas do ensino".

O artigo 117 trata da organização destes museus e define que sua organização poderá recorrer aos seguintes meios: fornecimento de material pelo Almoxarifado do Departamento de Educação; auxílio das municipalidades; dádivas particulares; contribuição dos pais dos alunos; doação de casas comercias e produtos de festivais.

O artigo 118 define que o museu da classe será organizado e dirigido pelo respectivo professor, auxiliado pelos alunos. Já o museu da escola, será organizado por uma comissão de professores, designada pelo respectivo diretor e por este dirigida, conforme orienta o artigo 119. Por fim, o museu central será organizado e dirigido pelo chefe do Serviço de Bibliotecas e Museus Escolares do Departamento de Educação, conforme orientação do artigo 120.

Anuários do Ensino do Estado de São Paulo

Uma das informações relatadas pelos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo era justamente a presença de objetos de ensino que garantissem a prática do método intuitivo ou lições de coisas.

A primeira edição trata-se de uma longa descrição das escolas do estado, desde a disposição dos edifícios escolares, quadro de funcionários, relatórios de matrículas, até a descrição da mobília escolar. Ao final da descrição de cada escola, era informado pelo documento se tal estabelecimento estava ou não preparado de acordo com a legislação vigente estabelecida pelo estado.

Um dos critérios para que a escola fosse bem cotada por tais documentos, ou seja, para que estivesse de acordo com as prescrições legislativas de ensino era a presença, entre outros, de um instrumento didático especifico, os museus escolares.

Os quadros abaixo apresentam as escolas as quais continham museus escolares, iniciando pelo Quadro 2.

Quadro 2 - Diferentes tipos de museus nos estabelecimentos de ensino.

Escolas Complementares do Interior		
Escola	**Museu**	**Tipo de Museu**
Itapetininga	X	Museu com espécimes da fauna e flora
Grupos Escolares da Capital		
Escolas	**Museu**	**Tipo de Museu**
Escola Modelo do Carmo	X	Museu com objetos de física, química e história natural
Grupo Escolar Prudente de Moraes	X	Não específica
Grupos Escolares do Interior		
Escolas	**Museu**	**Tipo de Museu**
Itatiba – Grupo Escolar Coronel Júlio César	X	Não específica
Jahú – Grupo Escolar Dr. Pádua Sales	X	Cartões do Museu Escolar Deyrolle
Estabelecimentos Equiparados – Capital		
Escolas	**Museu**	**Tipos de Museu**
Ginásio Macedo Soares	X	Não específica
Ginásio Diocesano	X	Bem montado
Estabelecimentos Equiparados – Interior		
Escolas	**Museu**	**Tipos de Museu**
Itu/SP – Colégio São Luiz	X	Não específica
Escolas Normais Capital/Interior		
Escolas	**Museu**	**Tipos de Museu**
Capital - Escola Modelo Caetano de Campos	X	Não específica.
Itapetininga – Escola Modelo Peixoto Gomide	X	Não específica.

Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1907-1908.

Os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, preocupavam-se não somente em informar a presença de museus escolares, como também, do tipo de museu que cada escola possuía. A análise do quadro permite compreender a diversidade do tipo de museus escolares presentes nos diferentes estabelecimentos de ensino, podendo ser encontrados museus escolares compostos por objetos ligados a fauna e flora, ou museus com objetos de química, física e história natural.

O quadro feito com base no Anuário de 1907-1908, indica também a presença de museus escolares tanto em níveis de ensino diferentes, de escolas primárias há secundárias, quanto de localidades, de escolas da capital quanto do interior.

Algumas escolas eram classificadas por tais documentos, com os seguintes termos: “modernas”; “contém os materiais essenciais ao ensino prático”; “suas coleções obedecem às prescrições”. Tais termos, são entendidos como indicativos da presença de museus escolares conforme aponta o Quadro 3.

Quadro 3 - Indícios da Presença de Museus Escolares.

Grupos Escolares da Capital		
Escolas	**Indícios**	**Classificação**
Grupo Escolar do Arouche	X	Apresenta todos os requisitos para um bom funcionamento
Primeiro Grupo Escolar do Brás	X	É dotado de todo material necessário para aplicação dos programas de ensino
Grupos Escolares do Interior		
Escolas	**Indícios**	**Classificação**
Bananal – Grupo Escolar Coronel Nogueira Cobra	X	Sua dotação embora modesta é completa e obedece as prescrições
Ribeirão Preto – Grupo Escolar Dr. José Guimarães Jr	X	Possui espaços e aparelhos que seguem a exigência do ensino moderno
São José do Rio Pardo – Grupo Escolar Dr. Cândido Rodrigues	X	A dotação de material é nova e completa
Estabelecimentos Equiparados – Interior		
Escolas	**Indícios**	**Classificação**
Jacareí – Ginásio Nogueira da Gama	X	Dotado de gabinetes, laboratórios e materiais para o ensino prático
Lorena – Colégio de São Joaquim	X	Dotado de gabinetes, laboratório e materiais para o ensino prático

Fonte: Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1907-1908.

O quadro 3 apresenta, em parte, que a condição das escolas é adequada e que segue as determinações legais. Mas não aponta com clareza se isso se diz respeito aos museus escolares. É apenas uma possibilidade. Em todo o caso, é possível que, diante de certa precariedade, o inspetor nem tenha levado em consideração a sua ausência. O outro bloco de escolas, no mesmo quadro, aponta mais claramente a existência de materiais importantes ao ensino dito "prático", atrelados aos materiais voltados ao ensino das ciências, principalmente nos registros ligados aos estabelecimentos equiparados, ainda que, nestes casos, os mesmos estejam apontando a presença de gabinetes científicos e não "museus escolares".

Os tipos de museus nem sempre eram especificados, porém nota-se que os museus estavam ligados ao ensino de Ciências e não era sempre que o inspetor determinava com clareza como eles eram apresentados. Mas, tendo a escola uma coleção, era digno de nota citá-la. Não passava desapercebida a presença de materiais para o ensino das Ciências como um importante diferencial da escola.

Diferentes tipologias de museus escolares nos estabelecimentos de ensino paulista

O caráter polissêmico do museu escolar fez com que a principal característica de tal instrumento fosse justamente sua diversidade. Tal informação pode ser comprovada quando são analisados documentos fotográficos de diferentes estabelecimentos de ensino. Por isso, foram selecionadas nesta comunicação imagens de quatro tipos de composição diferentes de museu escolar (Figura 6).

Figura 6 - Museu de História Natural Escola Normal 1895. Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE Álbum da Escola Normal.

Pela observação da imagem nota-se rapidamente que tal museu escolar é um espaço delimitado no estabelecimento de ensino, possibilitando que o professor pudesse retirar tais objetos para serem melhores analisados em sala de aula, ou até mesmo, que levasse os alunos a tal espaço para que os objetos fossem observados dentro do próprio museu.

Os objetos estão alocados em armários do tipo de vitrine, ou seja, com o objetivo de serem vistos, sem precisar retirá-los de dentro do armário. Nota-se a grande presença de animais taxidermizados, especificamente aves, e nas prateleiras mais baixas, peças mineralógicas.

Em outra imagem do mesmo espaço, mas vista de um ângulo diferente, percebe-se a presença de objetos anatômicos, sendo grande parte representando órgãos do corpo humano. É possível listar os seguintes objetos: um peixe batóide (raia); um gavião; uma peça anatômica de mão humana; uma peça anatômica de ouvido humano; cinco esqueletos montados de animais não identificados; uma peça anatômica de um olho humano; uma peça anatômica representando o olfato humano; quatro peças anatômicas representando partes do cérebro humano; duas peças anatômicas não identificadas e um animal taxidermizado também não identificado. Na parte lateral direita do armário, existem mais peças anatômicas, assim como animais em esqueleto montado e taxidermizados, porém não é possível distinguir cada um deles.

Do lado de fora do armário estão expostas duas peças, um esqueleto humano montado e um corpo humano anatômico para o estudo de anatomia humana interna e externa. A presença destes dois objetos do lado de fora dos armários permite concluir que tal foto fora produzida com o objetivo exclusivamente de apresentar o acervo da escola.

A próxima imagem apresenta uma outra configuração de museu escolar, desta vez, dentro de um Gabinete de Física, localizado no Colégio Diocesano (Figura 7), estabelecimento de ensino secundário instalada dentro do Seminário Episcopal de São Paulo.

O Colégio Diocesano é na verdade o primeiro nome do atual Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. No período da foto, o colégio era administrado diretamente pela Diocese de São Paulo, no entanto, já estava sob o processo de repasse para a administração dos Irmãos Maristas. Todos os objetos sob a mesa ainda fazem parte do patrimônio científico do colégio.

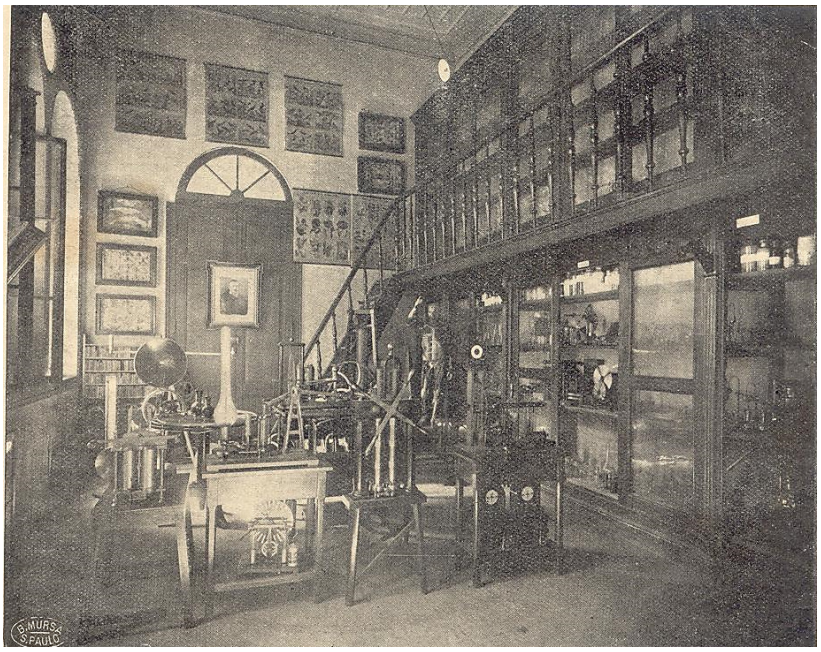


Figura 7 - Colégio Diocesano, Gabinete de Física e Museu. 1906. Fonte: Publicação Commemorativa do 1º Quinquagenario da Fundação do Seminário Episcopal de S. Paulo – Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Conforme mencionado anteriormente, a imagem apresenta uma configuração diferente de museu escolar, dentro de um Gabinete de Física. Tal Gabinete foi organizado pelo Frei Germano D"Annecy, professor de Astronomia, Physica, Chímica e História Natural do até então Colégio Diocesano.

De acordo com documentação, este gabinete era na verdade um espaço de estudo do professor, um espaço de trabalho escolar. Nesse sentido não era usado para ministrar aulas somente, mas sim, como um ambiente de estudo e reflexão de um conhecedor das Ciências. (BRAGHINI, PEDRO, PIÑAS, 2014). Nesse sentido, tal espaço servia tanto para os estudos de seu professor responsável, quanto para a exposição e prática escolar, conforme a disposição dos objetos apresentada pela imagem.

Numa observação mais atenta é possível perceber que o gabinete é composto por dois andares. No andar superior, estão presentes armários vitrines, os museus escolares; já na parte térrea do gabinete é possível observar a presença de mais museus escolares. Em parte de tais museus estão alocadas vidrarias, outra parte faz guarda de instrumentos de Física. Nota-se também a presença de quadros parietais e coleções de borboletas. Já na Figura 8, a seguir, observa-se a presença de um museu escolar dentro de uma sala de aula:

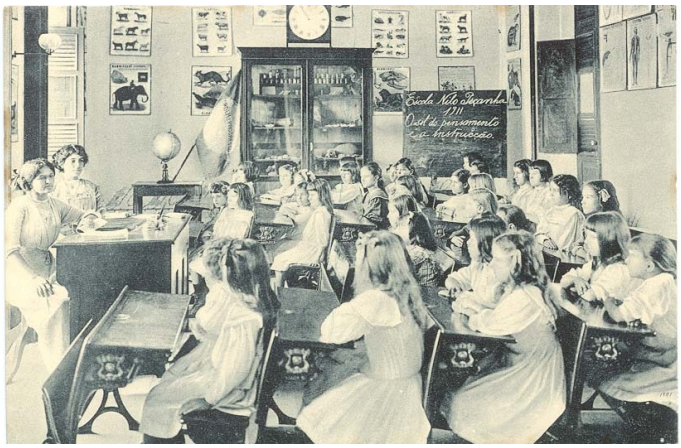


Figura 8 - Escola Nilo Peçanha 1911. Fonte: Acervo do Museu Paulista – Universidade de São Paulo.

A presença de um museu escolar dentro de sala de aula muda a função de tal instrumento didático. Isso porque está inserido no espaço de circulação não somente de professores, mas principalmente de alunas, no caso de tal imagem. Na imagem nota-se a presença de um “pequeno” armário de madeira, envidraçado, contendo pequenas vidrarias na parte superior e outros objetos não identificados nas prateleiras inferiores.

A sala de aula, composta somente por meninas, pertence ao ensino primário, observa-se ainda a presença de grande número de quadros parietais sobre animais e anatomia humana. É notório o preparo da cena para a fotografia, no entanto, os elementos contidos em tal imagem confirmam não somente o uso de museus escolares, conforme mencionados pelos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, mas principalmente, prática de um ensino baseado no aspecto concreto.

A próxima imagem (Figura 9) é de um museu escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo:

Figura 9 - Colégio Arquidiocesano, Museu de História Natural de 1940. Fonte: Processo de equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Diferente das composições anteriores, nota-se que este museu escolar não está numa sala reservada para o estudo ou mesmo para a visita ou consulta de professores e estudantes, mas sim, aparenta estar num ambiente de circulação da escola. Nota-se que novamente a imagem foi produzida isso porque as portas do armário estão todas abertas, demonstrando que o objetivo era exclusivamente de apresentação do rico acervo de objetos dos estabelecimentos.

Os objetos estão nitidamente dispostos de maneira organizada: na parte de cima, estão os pássaros: os maiores nas primeiras prateleiras, os menores nas subsequentes, de onde é possível observar alguns pequenos quadros parietais; nos nichos inferiores, na parte esquerda da imagem, constam prateleiras com minerais e alguns objetos geométricos; os nichos centrais guardam peças anatômicas de botânica e mais alguns pequenos quadros parietais, e os nichos à direita da imagem, além de mais alguns quadros parietais, alojam também pequenos pedaços, coleções de madeiras. Há modelos de Botânica, voltados ao estudo da germinação do feijão. Modelos de embriões. E outros objetos não claramente identificáveis.

Considerações Finais

A instituição dos museus escolares, e as suas diferentes configurações, devem ser compreendidas dentro de uma movimentação pedagógica e comercial mundial.

Os museus escolares estavam ligados à aplicação do método intuitivo e lições de coisas, sendo que a ascensão de tal método esteve ligada a um discurso mundial de modernidade de ensino.

Em defesa desse tipo de ensino, denominado inovador, nota-se uma disseminação de empresas fabricantes e fornecedoras de materiais pedagógicos. Tais empresas exibiam e vendiam seus produtos e assim ficaram mundialmente conhecidas nas chamadas Exposições Universais.

O Brasil, acompanhou esse movimento pedagógico e comercial, orientando legalmente a adoção do método intuitivo e dos museus escolares como aplicadores de tal método. No caso de São Paulo, o Código de Educação do Estado de São Paulo, tratou de oficializar não somente o uso do método intuitivo como o uso de museus escolares das escolas primárias até o ensino secundário.

Além das organizações legais, houve neste estado um chamamento de intelectuais para a organização de um órgão cientifico o qual deveria promover o ensino cientifico entre os estabelecimentos de ensino, o atualmente conhecido Museu Paulista, fora concebido

inicialmente como um Museu de História Natural que tinha entre seu cotidiano o envio de peças e museus escolares a estabelecimentos de ensino sobre a supervisão da Secretária do Interior.

Tudo isso, no caso do estado de São Paulo, contribuiu para que o museu escolar fosse um vetor para práticas didáticas com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola. Prescrições e possibilidades de investimento também colaboraram no sentido de explicar suas variações, o que lhe rendeu diversas tipologias.

Referências

ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga apropriado*: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BARBUY, Heloisa. *A exposição Universal de 1889 em Paris*: visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Loyola, 1999.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. PIÑAS, Raquel Quirino. PEDRO, Ricardo Tomasielo. Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo: Constituição, Histórico e Primeiros Movimentos de Salvaguarda da Coleção. *Revista Esboços*, Florianópolis, v.21, n.31, p.28-49.

BOCCHI, Luna Abrano. A configuração de novos locais e práticas pedagógicas na escola: O museu escolar, os laboratórios e gabinetes de ensino do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1909-1940). *Dissertação* (Mestrado), Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientador: Prof. Dr. Kazumi Munakata.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *Francisco Rangel Pestana*: o educador esquecido. Prêmio grandes educadores brasileiros: monografia premiada 1987/ Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1988.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais 1862-1922. *Tese* (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e início do XX. *Dissertação* (Mestrado) Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientador Prof. Dr. Kazumi Munakata.

PETRY, Marilia Gabriela. Museu Escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina/1941-1942). In: GASPAR da SILVA; Vera Lucia; PETRY, Marilia Gabriela (Orgs.). *Objetos da Escola*: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina - séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p.79-101.

SHELBAUER, Analete Regina. *A Constituição do Método Intuitivo na Província de São Paulo 1870-89*. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/144.pdf>. Acessado em: 22 out. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas*. Itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-187.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as lições de coisas*: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Orgs.). *A memória e a sombra*: a escola brasileira entre o império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.107-116.

Legislação

- Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933

CONSTRUINDO UMA COLEÇÃO: as expedições científicas de Louis Jacques Brunet e o Museu do Ginásio Pernambucano (1857 - 1862)

Rômulo José Benito de Freitas Gonzales*

Resumo

Este trabalho procura entender o processo de criação e formação da coleção inicial do Museu de História Natural do Ginásio Pernambucano no período de 1857 a 1862, que correspondem às expedições científicas realizadas pelo naturalista Louis Jacques Brunet (1811 – c.1877), a fim de ampliar a coleção do recém-criado Museu sob sua direção. O Ginásio Pernambucano foi fundado em 1855 substituindo o antigo Liceu Provincial de Pernambuco fundado em 1825. A formação da coleção inicial do museu foi obra do naturalista Louis Jacques Brunet que ocupou o cargo de professor de ciências naturais no período de 1855 a 1863. Nesse período, Brunet enriqueceu a coleção do museu através de duas grandes expedições: a primeira pelo interior da província de Pernambuco entre 1858 e 1859 e a segunda às províncias do Pará e do Amazonas entre 1860 e 1862. O material coletado nessas expedições compôs grande parte da coleção de cerca de 4000 objetos que a instituição atualmente dispõe em seu acervo. Para a realização desse trabalho, analisaremos a documentação oficial produzida pelas províncias de Pernambuco, Pará e Amazonas no sentido de viabilizar as expedições e o seu reflexo no aumento das coleções do Museu do Ginásio.

Palavras-chave: Coleções científicas; Ginásio Pernambucano; Louis Jacques Brunet.

Abstract

This paper seeks to understand the process of creating and training the initial collection of Ginásio Pernambucano Natural History Museum in the period of 1857 to 1862, which correspond to scientific expeditions conducted by naturalist Louis Jacques Brunet (1811 - c.1877), in order to expand the collection of the newly created Museum under his direction. The Ginásio Pernambucano was founded in 1855 replacing the old Pernambuco Provincial Lyceum founded in 1825. The formation of the museum's initial collection was the work of naturalist Louis Jacques Brunet who held the post of professor of natural sciences in the 1855 period to 1863. During this period Brunet enriched the collection of the museum through two major expeditions: the first through the interior of Pernambuco

* Mestrando em História Social da Cultura Regional – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife, Brasil, e-mail: romulobfgonzales@gmail.com.

province between 1858 and 1859 and the second to the provinces of Pará and Amazonas between 1860 and 1862. The material collected on these expeditions composed much of the collection about 4000 objects that the institution currently has in its collection. To perform this work, we analyze the official documents produced by the provinces of Pernambuco, Pará and Amazonas in order to enable shipments and its reflection in the increase in the collections of Ginásio Pernambucano.

Key words: Ginásio Pernambucano; Louis Jacques Brunet; Scientific Collections.

Introdução

Ao longo dos quase 160 anos de funcionamento, a história do Museu de História Natural Louis Jacques Brunet, confunde-se com a história da criação dos primeiros museus no Brasil no século XIX. Atualmente, o Museu contém em seu acervo uma das mais importantes coleções preservadas de história natural do país, contando com cerca de 4000 objetos, divido em quatro áreas: botânica, zoologia, geologia e arqueologia.

A formação da coleção inicial do museu foi obra do naturalista francês Louis Jacques Brunet (1811 – c.1877), que ocupou o cargo de professor de ciências naturais no período de 1855 a 1863. Nesse período, Brunet trabalhou a fim de aumentar a coleção do museu através de duas grandes viagens: a primeira pelo interior da província de Pernambuco entre 1858 e 1859 e a segunda às províncias do Pará e do Amazonas entre 1860 e 1862.

Em 1° de setembro de 1825 foi criado por decreto do presidente da província de Pernambuco, José Carlos Mayrink, o Liceu Provincial de Pernambuco. Segundo Pereira da Costa (1984), o Liceu era estruturado em um curso literário, composto pelas cadeiras de geometria, retórica, filosofia, racional e moral, latim e desenho.

Ainda em 1842 foi apresentado um projeto de reestruturação do Liceu, que a partir de então se chamaria Ginásio Provincial. O projeto proposto pelo então presidente da província Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista, foi bastante elogiado pelos jornais da época, em especial o *Diario de Pernambuco* que publicou no dia 12 de abril de 1842 longo editorial destacando o trabalho do Conde:

> O plano de reforma para o Lyceo do Recife, concebido e publicado pela Prozidencia em 17 de fevereiro de 1840, he um monumento de habilidade e d'experiencia, que honrará sempre sobremaneira a penetração solicita do Reformador. Com rasão he chamada a nossa época o "seculo das escolas", porque todos os homens pensadores se occupam hoje deste assumpto, e lhe consagram uma parte dos seus generosos sacrificos [...] (ALGUMAS ..., 1842, p. 2).

Conhecido pela alcunha de "O reformador", o Conde da Boa Vista, implantou na província um amplo projeto de modernização urbanística que contemplou a construção de novos espaços públicos, entre eles o Teatro de Santa Isabel e o Mercado de São José. A

reforma pretendida pelo Conde contemplaria a reestruturação da grade curricular da instituição, contemplando aulas práticas de Ciências Naturais em gabinetes estruturados para tal fim. Para tanto, o modelo educacional seguindo era o Colégio Pedro II, instituição de referência de ensino do Império:

> As aulas do Lyceo, como ellas se achavam organizadas antes da reforma, nem guardavam harmonia em sua natural dependencia, nem eram compactas em systema algum luminoso: era uma collecção de professores, que se reuniam em uma só casa, cada um ensinando á sua parte a disciplina de que estava encarregado, nunca sujeito a base scientifica, nem a lei alguma racional. O Lyceo reformado, tal como concebe o plano do Exmo. Barão da Boa Vista, he um gymnasio modelado pelos "internatos" comprados de Prussia e França, acommodando ás necessidades de Pernambuco, onde os alumnos por uma engenhosa combinação de principios seguem a marcha natural dos conhecimentos humanos [...] Temos de colher as immensas vantagens que estes estabelecimentos oferecem á Europa, e que já hoje o Collegio de Pedro II, oferece ao Brazil no Rio de Janeiro (ALGUMAS..., 1842, p. 2).

Apesar de ter sido idealizado no governo do Conde da Boa Vista, a implantação do Ginásio foi obra do Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, que assumiu a presidência da província em 1855. Segundo Pereira da Costa (1984, p. 203), o Ginásio começou a funcionar provisoriamente em um prédio situado na Rua do Hospício, n° 55 até a finalização do novo edifício projetado pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira.

No dia 18 de agosto de 1855, foi publicado o despacho do Conselheiro em 16 de agosto do mesmo ano, com a nomeação dos naturalistas José Joaquim de Moraes Sarmento e o francês Louis Jacques Brunet para lecionar as duas disciplinas de 'Sciencias Naturaes' do Ginásio. A contratação de Brunet para o cargo de professor do Ginásio pareceu ser uma escolha natural, visto que o mesmo já se encontrava em atividade em Pernambuco há algum tempo. Segundo Montenegro (1972), decidido a estudar a natureza das Américas, Brunet aportou em Pernambuco no início de 1852 onde decidiu se estabelecer.

Devido a sua localização nos trópicos, o Brasil foi constantemente explorado por naturalistas europeus que viam na América uma fonte inexplorada de espécies vegetais, animais e minerais. Segundo Schwarcs (1993, p. 69), "a palavra de ordem era salvar o que mais se pudesse, uma vez que essas culturas se extinguiriam, estando os vestígios mais bem preservados nos museus metropolitanos".

O "Século da Ciência", como ficou conhecido o século XIX, a história natural deu lugar à especialização disciplinar, contemplando áreas e subáreas de conhecimento como a botânica, zoologia, geologia, mineralogia, ornitologia, etc. No Brasil, a formação dos museus de ciência coincide com a criação de um projeto de nação, estes criados no século XIX e consolidados entre os anos de 1870 e 1930, ciclo denominado por

Schwarcz (1989, p. 27) de “a era dos museus no Brasil”. Nesse contexto, o Museu do Ginásio se consolidou em Pernambuco como referência de ensino e pesquisa em ciências naturais.

Segundo Kury e Camenietzki (1997), no campo da história natural, a segunda metade do século XVIII, os museus tenderam a reproduzir em seus arranjos uma ordem que acompanhava as novas concepções científicas. A criação do sistema internacional de nomenclatura pelo sueco Carl Von Lineu, mudou a concepção de ciência em voga, destacando-se, novos modelos taxonômicos, distanciando-se dos “gabinetes de curiosidades” dos séculos XV e XVI, onde *naturalia* e *artificialia* disputavam espaço entre si.

Não foi possível precisar o momento em que o museu do Ginásio começou de fato a funcionar. O folhetim “A Carteira” publicado no *Diario de Pernambuco* em 4 de maio de 1857, apresentou o recém-criado ‘Museo do Gymnasio’, sob a organização de Louis Jacques Brunet:

> O pequeno museo que á custa da paciência, trabalho, fadigas e privações já tem podido formar o digno professor de historia natural, o Sr. L. J. Brunet que dele he encarregado, sob a direção do incansavel e muito prestimoso regedor do Gymnasio, nos tem vivamente interessado (KRATIF, 1857, p. 1).

Com forte teor político, o artigo exaltou os benefícios do estabelecimento do museu para o estudo de ciências naturais e para o desenvolvimento de Pernambuco. O mesmo artigo descreveu com detalhes as coleções que o museu disponha naquele momento. Ao descrever a coleção de aves, o artigo nos dá a informação de que Brunet havia acabado de chegar de uma viagem, onde tinha havia trazido objetos para o museu:

> Além de mui grande numero de animaes e de passaros que o professor tinha reunido antes de uma viagem, que acaba de fazer no interior dos sertões, trouxe quatro malas cheias de objectos para o museo, entre os quaes reconhecemos a maior parte de especies de passaros mais notaveis da província [...] (KRATIF, 1857, p. 1).

Após a descrição das coleções feitas pelo autor, onde destacou as coleções de *hemeteros*, *palmípedes* e *lepidópteros*, o mesmo chegou à conclusão que era impossível descrever tudo o que viu e acaba declarando: “Fôra mui longo e fastidioso para o leitor continuar estas citações, achamos melhor pedir-lhe que, como nós, vá ao Gymnasio admirar o museo” (KRATIF, 1857, p. 1). Tal declaração nos oferece outra importante informação: o museu naquele momento já se encontrava aberto à visitação ao público externo do Ginásio.

Apesar de elogiar a estrutura do museu, o artigo concluiu que o museu ainda não estava completo, mas que o mesmo possuía um grande potencial graças ao trabalho do professor Brunet:

> O gabinete de historia natural do Gymnasio ainda não esta' completo, mas pode ser considerado como um germen fecundo para um futuro desenvolvimento grandioso, e um testemunho solemne da habilidade e dedicação do incansavel professor L. J. Brunet. Este homem infatigavel, de uma verdadeira dedicação a' sciencia, não se poupa a sacrifício algum para cumprir dignamente a tarefa de que fora encarregado. Desde a manhã até a noite consagra todo o tempo a atividade a um árduo trabalho, e quando he necessário tem passado noites inteiras occupado em preparar a caça colhida de dia [...] (KRATIF, 1857, p. 1).

A primeira viagem: desbravando a província e arredores

Desde a sua contratação como professor de Ciências Naturais do Ginásio em 1855, Louis Jacques Brunet trabalhou a fim de aumentar a coleção do recém-criado museu da instituição. A primeiras dessas viagens aconteceu entre 1857 e 1858, onde o naturalista foi enviado ao interior da província de Pernambuco, a fim de coletar objetos para o museu.

Sobre essa viagem, o folhetim "A Carteira" do *Diario de Pernambuco* de 9 de maio de 1858 nos dá informações sobre o trabalho do professor Brunet:

> O [...] Sr. L. J. Brunet, professor de uma das cadeiras de sciencias naturaes no Gymnasio desta cidade, foi mandado pelo governo da provincia fazer uma viagem scientifica a varios pontos do interior desta provincia. O infatigável e habil professor ainda não se recolheu a esta capital, mas sabemos que a sua commissão tem sido nobremente desempenhada, e que o gabinete do Gymnasio em breve será enriquecido com muitos productos preciosos, colhidos pelo illustre professor nessa longa e mui ardua excursão. Segundo uma carta sua, ele já tinha deixado o Exú, e continuara a seguir as serras que limitam a provincia de Pernambuco da do Piauhy, até a celebre serra dos Dous irmãos, juntando sempre mineraes, vegetaes e animaes para encher varias cargas (A CARTEIRA, 1858, p. 1).

Apesar do interesse em aumentar a coleção do Museu do Ginásio, o governo da província pretendeu com a viagem de Brunet viabilizar a extração econômica da seda a partir da criação de mariposas do gênero *Bombix*, da fam. dos bombicídeos, conhecidas vulgarmente como "bicho-da-seda". Em carta endereçada ao Frei Caetano de Messina, pároco da então freguesia de Papacaça (atualmente Bom Conselho), o presidente interino da província Joaquim Pires Machado Portela pediu ao frade que recebesse Brunet e o ajudasse a estudar melhor o assunto:

> [...] recommendei ao naturalista Mr. Brunet, que na excursão scientifica que agora vai fazer pelo interior da provincia, passe por Papacaça, e entendendo-se ahi com a pessoa que V. Rvm.ª indicar, lhe dê as convenientes instrucções sobre a maneira de fiar a seda dos casulos do bicho do carrapateiro (bombix cynthia), afim de que as recolhidas aprendam essa nova industria, que se deve ir introduzindo na província [...] (PARTE, 1857, p. 1)

Após alguns meses percorrendo as freguesias da província, o trabalho de Louis Jacques Brunet começou a ser documentado pela imprensa. O *Diario de Pernambuco*, jornal que publicava as publicações oficiais do governo da província deu longo destaque à expedição. O folhetim "A Carteira" do *Diario* de 9 de maio de 1858 publicou longo artigo fornecendo várias informações sobre os achados do naturalista, que naquele momento já tinha deixado a então freguesia de Exu (sertão de Pernambuco) e seguindo em direção da então província do Piauí:

> O anno passado o Sr. L. J. Brunet, professor de uma das cadeiras de sciencias naturaes no Gymnasio desta cidade, foi mandado pelo governo da provincia fazer uma viagem scientifica a varios pontos do interior desta provincia. O infatigável e habil professor ainda não se recolheu a esta capital, mas sabemos que a sua commissão tem sido nobremente desempenhada, e que o gabinete do Gymnasio em breve será enriquecido com muitos productos preciosos, colhidos pelo illustre professor nessa longa e mui ardua excursão. Segundo uma carta sua, ele já tinha deixado o Exú, e continuara a seguir as serras que limitam a provincia de Pernambuco da do Piauhy, até a celebre serra dos Dous irmãos, juntando sempre mineraes, vegetaes e animaes para encher varias cargas (KRATIF, 1858, p. 1).

Em tom elogioso, Abdalah-el-Kratif, pseudônimo de Antonio Pedro de Figueiredo escritor do folhetim "A Carteira", destacou por diversas vezes o apoio do governo da província para a realização da expedição: "Com efeito, o governo tem ordenado algumas explorações scientificas em diversos pontos do impeprio, e as descobertas que hão sideo feitas, não deixam de compensar as fadigas empregadas nesta nobre conquista" (KRATIF, 1858, p.1).

Apesar do *Diario de Pernambuco* se apresentar como uma importante fonte para conhecermos os aspectos primitivos do museu, não podemos desvincular tal publicação com a política editorial do *Diario que* naquele momento:

> Emulava, entao, em tamanho, variedade de conteudo e numero de leitores, com os grandes cotidianos da capital do Imperio; com uma tiragem de quatro mil exemplares, ja em 1856 era, sem metafora, o orgao genuine de todo o Norte brasileiro, circulando profusamente, de Alagoas ao Amazonas, onde não ocorria uma contenda politica nem uma controversia judiciaria que se nao viesse debater nas suas colunas; condecoravalhe semanalmente o rodape, com primorosos folhetins, cuja verve, erudicao e amenidade invejam hodiernos cronistas [...] (NASCIMENTO apud COSTA, 1968, p. 60).

O artigo do folhetim detalhou vários achados do naturalista, com destaque para os achados arqueológicos descobertos na Serra de Dois irmãos, território que atualmente pertence ao estado de Alagoas:

> Perto da serra dos Dous Irmãos, [...], o sr. Brunet visitou na povoação do Caboclo uma alagoa afamada por se ter descoberto nella antigamente, na excavação de uma cacimba, uma ossada ante-diluviana. [...] O que elle achou de mais importante naquele lugar foram alguns ossos e varios pedaços do casco de um bicho, pertencente á família dos tatú, que a julgar-se do tamanho pelos pedaços do casco de mais de uma pollegada de grossura, não havia de ter menos de trinta palmos de comprimento (KRATIF, 1858, p. 1).

O mesmo artigo deu detalhes sobre as localidades visitadas pelo naturalista e das dificuldades em conseguir transportar o material coletado:

> Da povoação do Caboclo, o sr. Brunet se dirigiu pela caatinga, sempre augmentando as suas collecções, e chegou á Petrolina, defronte de Joazeiro, nos fins de outubro passado. Como os seus cavallos já não podessem caminhar, ele resolveu-se a passar a secca em Petrolina. Enviou dous caçadores a differentes logares com pólvora, chumbo e dinheiro (KRATIF, 1858, p. 1).

Segundo as descrições do folhetim, até então Louis Jacques Brunet já contava com uma considerável quantidade de objetos coletados, contemplando coleções de minerais, de objetos arqueológicos, e de animais. A todo tempo, o folhetim destacou a importância dos trabalhos, a fim de viabilizar novas atividades econômicas para a província:

> A carga de mineraes he composta dos ossos fosseis antediluvianos já mencionados, das rochas principaes, pertencentes a varias formações geologicas da provincia, a varias amostras de de mineraes, de ferro, de ágata, de marmores brancos, cinzentos, azues com veias brancas, cujas poderosas formações ele encontrou na barra do Rio S. Francisco. He uma riqueza importante que muito deve aumentar a prosperidade da nossa provincia, a revelação de uma nova industria (KRATIF, 1858, p. 1).

Além dos acervos minerais e animais, o folhetim destacou a preocupação de Brunet em coletar acervos botânicos de diversas localidades, que viabilizariam no futuro a construção de um suposto horto botânico no Ginásio:

> O Sr. Brunet traz ainda uma porção de sementes dos páos de fructos sylvestres, taes como o Piquizeiro e o Jatobá de viado da Serra de Araripe, [...], varias qualidades de pao d'oleo, e uma quantidade de arvoredos, cipós e plantas proprias para enfeitar um horto botânico, como é que se projecta fazer no Gymnasio (KRATIF, 1858, p. 1).

Finalizando o artigo, o folhetim destacou a necessidade de o governo continuar apoiando financeiramente os trabalhos, a afim de que o Museu do Ginásio cresça e disponha de um grande acervo:

> Diz elle que quatro armários grandes não seriam sufficientes para guardar o que ele conduz, e por isso lembra que se peça uma quantia a' assembléa provincial. [...] Se estas diligencias e esforços não forem interrompidos, a proposeridade do museo sera' grandiosa, e Pernambuco tera' um bello estabelecimento deste gênero para oferecer a' curiosidade nacional e estrangeira (KRATIF, 1858, p. 1).

Apesar da expedição ter contemplado essencialmente o interior da então província de Pernambuco, Louis Jacques Brunet percorreu localidades das províncias vizinhas como Alagoas, Piauí e Ceará. O jornal *O cearense* no dia 18 de setembro de 1857 relatou sua rápida passagem pela cidade do Crato, causando boa impressão aos locais:

> Passou por aqui Mr. Brunet, sábio naturalista francez. Debalde procuramos retel o por alguns dias: nem nossas labias nem a sedução de nossa natureza, nem os variados produtos da nossa flora poderão fazel o demorar. [...] É muito jovial e cortez (CORRESP., 1857, p. 3).

Gozando do apoio da presidência da província, o Ginásio preparou-se para receber os objetos recolhidos por Brunet. O oficio do secretário de governo do dia 10 de junho de 1858, dirigido ao regedor do Ginásio Provincial, deu instruções para receber as coleções recebidas:

> Devendo-se arranjar convenientemente o museu do Gymnasio, que tem de receber as collecções formadas pelo professor Luiz Jacques Brunet, em commissão no centro da provincia, mando que, pela tesouraria provincial, se entregue para esse fim a Vmc. a quantia de 200$000: o que lhe communico para sua inteligência (PARTE..., 1858, p. 1).

A segunda viagem: rumo ao Norte do 'paiz'

Poucos meses depois do seu retorno à Recife, Louis Jacques Brunet manifestou a sua intenção em novamente se ausentar do Ginásio para uma nova expedição cientifica, desta vez para as províncias do norte do pais. A fim de aumentar mais uma vez a coleção do museu, encaminhou o requerimento n° 689/1860 ao presidente da província pedindo licença do cargo a fim de realizar a viagem:

> Luiz Jacques Brunet, professor de historia natural do Gymnasio, pedindo que attendendo-se ao diminuto numero de alumnos que frequentam este anno a sua aula, e a necessidade de prover o respectivo numero dos elementos precisos para o estudo daquella sciencia, se lhe encerre a aula, ministrando-se-lhe os meios para uma viagem ao Amazonas, afim de adquirir as numerosas collecções de objetos de que ainda precisa o museu (PARTE..., 1860, p. 2).

Justificando que poucos alunos estão assistindo a sua disciplina, e a necessidade do museu aumentar sua coleção, o professor Brunet teve seu pedido deferido pelo governo da província, em oficio dirigido ao regedor do Ginásio: e publicado na parte oficial do *Diario de Pernambuco* 20 de março de 1860:

> S. Exc. o Sr. presidente da província, concedeu licença ao professor Luiz Jacques Brunet, para ir as províncias do Pará e Amazonas, onde poderá demorar-se este anno afim de promover acquisição de objectos para o museo daquelle Gymnasio recebendo todos os seus vencimentos durante essa comissão (DIRECTORIA..., 1860, p. 1).

Após o sucesso da viagem pelo interior da província, o governo incentivou a nova viagem do naturalista, concedendo-lhe a licença pedida e o auxílio para a realização dos trabalhos:

> O distincto professor de sciencias naturaes, Mr. Brunet, propõe-se a fazer uma viagem scientifica a provincia do Pará, onde mediante o generoso auxilio que promette o respectivo presidente, espera elle fazer importantes descobertas no interesse da sciencia, que professa, enriquecendo com acquisições novas o Museu do Gymnasio Provincial. Essa proposta, que pende ainda das informações por mim exigidas, poderá ser adoptada com muita vantagem, principalmente se for protegida pelo governo imperial, a cujo conhecido pretendo leva-la em breve (INSTRUCÇÃO..., 1860, p. 1).

A “Revista Diaria” do *Diario de Pernambuco* de 17 de abril de 1860 noticiou o embarque de Louis Jacques Brunet no vapor Tocantins, em direção aos portos das províncias do Norte. No dia 25 de abril do mesmo ano, o governo autorizou o adiantamento da quantia de 1:000$000 (um conto de réis), para a compra de instrumentos necessários aos trabalhos.

No período em que esteve no norte do país, Brunet contou com uma intensa troca de correspondência oficial entre as três províncias (Pernambuco, Amazonas e Pará), no sentido de viabilizar o seu trabalho. Em ofício datado de 10 de maio de 1860, o presidente da província do Amazonas comunicou ao presidente da província do Pará a chegada do professor Brunet a Manaus:

> Comuniccando ter chegado antes de hontem a esta capital o professor de sciencias naturaes Luiz Jacques Brunet, e que não só em consequência de sua recommendação em officio de 30 de março ultimo, como pelas qualidadades pessoaes do dito professor, apresentou-lhe esta presidencia os seus offerecimentos, e o auxiliará no desempenho de sua comissão (EXTRACTO..., 1860, p. 1).

A coleta de objetos realizada pelo professor Brunet não estava somente endereçada ao Museu do Ginásio, mas também com outras instituições das províncias visitadas e com o

Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em portaria do Ministério do Império datada de 21 de abril de 1860, Louis Jacques Brunet foi nomeado viajante adjunto do Museu Nacional, com remuneração anual de 800$000 (oitocentos mil réis).

Aproveitando a presença do naturalista, as províncias do Pará e do Amazonas aproveitaram a oportunidade para também reunir acervos de história natural. Assim, trataram de viabilizar as expedições através de decretos que beneficiavam diretamente Brunet. O presidente da província do Amazonas, através de portaria orientou que:

> Todos e a cada um dos diretores de indios aquem esta for apresentado que prestem todos os auxílios de gente que lhe forem requisitados ao naturalista Luiz Jacques Brunet, encarregado de colligir objectos de historia natural para os Museos da Côrte, Pernambuco e Pará (EXTRACTO..., 1860, p. 2).

Assim que Brunet chegou a Belém, o presidente da província tratou de contratá-lo para a coleta de objetos de objetos de história natural:

> Apenas nomeado Presidente d'esta Provincia procurjei habilitar-me com meio seguros de promover n'ella a exploração de objetos pertencentes aos tres reinos da natureza, tao abundantes aqui, e tao desconhecidos ao mesmo tempo. Neste intuito convidei o naturalista francez, L. J. Brunet, director do Gabinete de Historia Natural do Gymnasio da Provincia de Pernambuco de arranjar uma collecção de objetos de historia natural, e de outros trabalhos de sua profissão e especialidade (ASSUMPTOS, 1860, p. 2)

Em ofício datado de 4 de maio, e publicado no dia 10 de maio de 1860, o presidente estabeleceu uma remuneração mensal ao naturalista para trabalhar para a província:

> Tendo esta Presidencia resolvido encarregar ao naturalista Francez L. J. Brunet, hoje em viagem scientifica peço Amasonas, de certos exames e trabalhos acerca e objetos de historia natural de grande utilidade para esta Provincia, resolveo também dar ao mesmo naturalista uma gratificação mensal de 100$ réis paga ao seu procurador (EXTRACTO, 1860, p. 1).

Contando com o apoio das três províncias, Brunet logo conseguiu enviar a primeira remessa de objetos aos seus destinatários. Em ofício datado de 29 de outubro de 1860, a presidência do Pará confirmou o recebimento da carga enviada por Brunet de Manaus, tratando de enviar o material destinado à Pernambuco e ao Rio de Janeiro:

> Accusando o seu officio datado de 23 do corrente, e bem assim as quatro caixas a que o mesmo se refere, contendo diversos objetos de historia natural sob as marcas A. B. C. D., sendo a primeira destinada á província, a segunda e terceira a Pernambuco, e a quarta a do Rio de Janeiro; e declarando em resposta que as caixas destinadas a Pernambuco e ao Rio de Janeiro seguirão na primeira occasião, para o que passa a presidencia a expedir as precisas ordens (EXTRACTO, 1860, ´p. 2).

Em ofício endereçado à presidência da província do Amazonas, datado de 31 de julho de 1861, o presidente do Pará indicou o destino final dos objetos coletados pelo professor:

> Declarando, em resposta ao seu officio de 11 do corrente, que, á bordo do primeiro vapor que chegar dos portos do sul, a presidencia fará seguir os quatro caixões e quatro barricas contendo objectos de historia natural, remettidos pelo naturalista francez Louis Jacques Brunet com destino ao mosêu nacional do Rio de Janeiro e ao Gymnazio de Pernambuco (EXTRACTO..., 1861, p. 1).

Em ofício datado de 3 dezembro de 1860, o regedor do Ginásio descreveu os objetos por último recebidos que contemplavam 97 exemplares de animais assim distribuídos: 1 anta, 2 grandes veados, 1 casal de tartaruga, 1 cagado, 1 maracajá. 1 guaxinim preto de cabeça branca, 1 cotia, 3 macacos pequenos, 1 pirarucu grande, 1 outro peixe, 1 cobra, 1 águia, 1 anum-rei, 6 das famílias dos tucanos, 2 papagaios, 4 da família dos perdizes e 70 menores de diversas famílias de pássaros.

Segundo Rosado e Silva (1973), Louis Jacques Brunet regressou a Pernambuco em 2 de fevereiro de 1862 e prontamente reassumiu seu trabalho no Ginásio. Após as duas grandes viagens feitas pelo professor Brunet, a coleção do Museu cresceu vertiginosamente, necessitando melhores condições de trabalho. No mesmo documento, apesar do déficit do orçamento, o diretor elogiou o trabalho do professor Brunet à frente do Museu, e recomendou que a Assembleia provincial aprovasse um orçamento próprio para a instituição e criasse um cargo de “preparador”, a fim de auxiliar o professor:

> [...] O museu do gymnasio acha-se hoje muito augmentado com as sucessivas remessas que do Amazonas fizéra o infatigável professor de sciencias naturaes aquelle instituto, Mr. Brunet; mas é necessário que a assembléa provincial consagre uma quota sufficiente para as despezas, que este novo e importantissimo ramo de ensino alli reclama, e crie o lugar de um preparador de objectos naturaes, que ajude ao respectivo professor em seus trabalhos, e venha mais tarde a substitui-lo. O zeloso e intelligente regedor do gymnasio insta pela fundação de um horto botânico, que seria um accessorio utilissimo do museu, e um copioso repositório da Flora indígena e estrangeira (PARTE..., 1862, p. 1).

No mesmo mês, o governo imperial cessou a sua remuneração como naturalista viajante do Museu Nacional. Ao final de 1863, após anos de trabalho à frente do Museu, Louis Jacques Brunet foi exonerado para trabalhar na criação da Escola Agrícola da Bahia em São Francisco do Conde, no recôncavo baiano.

Considerações Finais

Ao analisarmos a formação da coleção inicial do Museu de História, encontramos diversos fatos importantes sobre a constituição e consolidação do Museu de História

Natural do Ginásio Pernambucano. Apesar de ser um período relativamente curto, o período em que o professor Louis Jacques Brunet dedica ao Ginásio é fundamental para a formação da coleção que hoje compõe o museu. Como vimos, as duas grandes viagens pelo interior da província de Pernambuco e pelas províncias do Pará e Amazonas enriqueceram sobremaneira a coleção, tornando o Ginásio uma instituição de referência em ensino e prática em ciências naturais no século XIX.

Referências

A CARTEIRA. *Diario de Pernambuco*, Recife, 10 mai. 1859, p. 1.

A CARTEIRA. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 dez. 1859, p. 8.

ALGUMAS palavras sobre o Lycêo reformado. *Diario de Pernambuco*, Recife, 12 abr. 1842, p. 2.

ASSUMPTOS diversos. *Gazeta Official*, Belém, 20 jun. 1860, p. 2.

CORRESP. DO CEARENCE. O Cearense, Fortaleza, 18 nov. 1857, p. 3.

DIRECTORIA geral de instrucção publica. *Diario de Pernambuco*, Recife, 20 mar. 1860, p. 1.

EXTRACTO do expediente. *Treze de Maio*, Belém, 27 mar. 1861, p. 2.

EXTRACTO do expediente do governo da provincia no mez de maio de 1860. *Estrella do Amazonas*, Manaus, 27 jun. 1860, p. 2.

EXTRACTO do expediente do governo da provincia no mez de outubro de 1860. *Estrella do Amazonas*, Manaus, 27 out. 1860, p. 2.

EXTRACTO do expediente do governo no dia 4 de maio. *Gazeta Official*, Belém, 10 mai. 1860, p. 1.

GOVERNO DA PROVÍNCIA. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 mai. 1860, p. 1.

INSTRUCÇÃO PÚBLICA. *Diario de Pernambuco*, Recife, 14 mar. 1860, p. 1.

KRATIF, Abdalah El. A Carteira. *Diario de Pernambuco*, Recife, 4 mai. 1857, p. 1.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica:* as ciências naturais e os museus do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONTENEGRO, Olívio. *Memórias do Ginásio Pernambucano*. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa em Pernambuco (1821 – 1954) Vol. II*. Recife: Imprensa Universitária, 1966

PARAHYM, Orlando. *Ginásio 150 anos.* Recife: Dialgraf, 1975.

PARTE Official. *Diario de Pernambuco*, Recife, 2 jul. 1858, p. 1

PARTE Official. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 mar. 1860, p. 1.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. *Anais Pernambucanos 1824 – 1833 Vol. 9*. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais, 1984.

POMIAN, K. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi / Memória-História 1*. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984.

ROSADO, Vingt-un; SILVA, Antonio Campos. *Louis Jacques Brunet, naturalista viajante*. Natal: CERN, 1973.

SCHWARCZ, Lilian M. *O nascimento dos museus no Brasil:* 1870-1910. In: MICELI, Sergio. (Org.). História das ciências sociais no Brasil. São Paulo: Vértice, 1989. v. 1. p. 27.

_____. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e a questão racial no Brasil - 1870 - 1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para ciência*: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2001.